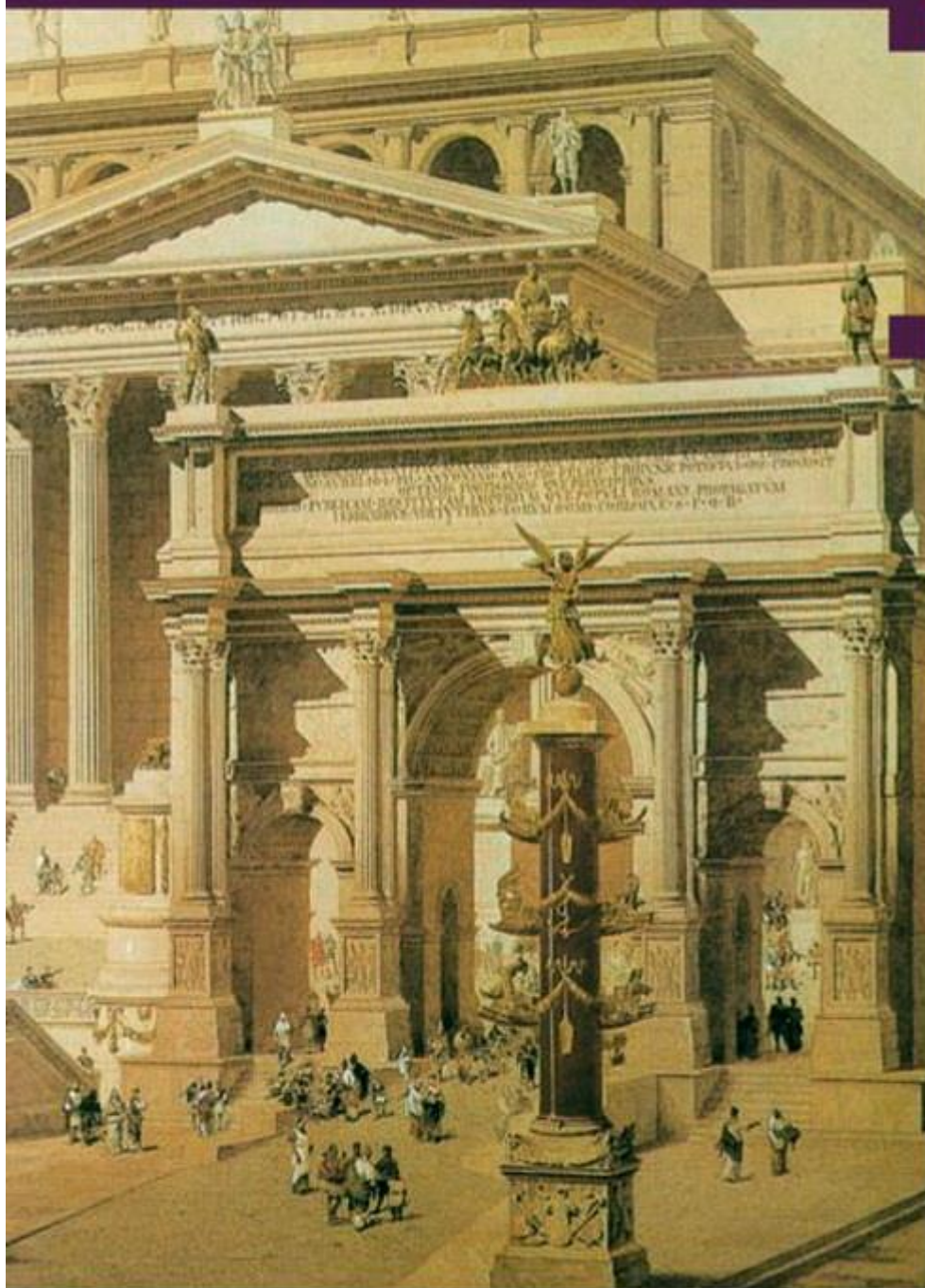


Unidade

O Modelo Romano

2



Conteúdos

- 2.1 Roma, cidade ordenadora de um império urbano*
- 2.2 A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática*
- 2.3 A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização da Península Ibérica*

* Conteúdos de aprofundamento

Aprendizagens

- Localizar o espaço imperial romano.
- Reconhecer o carácter urbano da civilização romana.
- Referir, de forma abreviada, as instituições governativas da Roma Antiga.
- Explicar a importância assumida pelo imperador como elemento de coesão política.
- Salientar a riqueza e a utilidade do Direito Romano.
- Distinguir as etapas da extensão da cidadania aos diversos povos do Império.
- Reconhecer na extensão do direito de cidadania romana um processo de integração das regiões dominadas.*
- Caracterizar genericamente a cultura romana.
- Distinguir formas de organização do espaço nas cidades romanas relacionando-as com as suas funções cívicas, políticas e culturais.*
- Identificar os modelos arquitetónicos e escultóricos da civilização romana.
- Evidenciar a intenção apologética da épica e da historiografia.
- Descrever o sistema de ensino romano.
- Identificar na romanização da Península Ibérica os instrumentos de aculturação das populações submetidas ao domínio romano.*

* Aprendizagens estruturantes



A – A fundação mitica de Roma



A Loba Capitolina, escultura em bronze, atualmente no Museu Capitolino, Roma.

A Loba Capitolina é o símbolo de Roma, fazendo uma alusão clara à lenda da fundação da cidade: os gémeos Rómulo e Remo, filhos do deus Marte e da vestal Reia Sílvia, abandonados nas margens do Tibre, são miraculosamente salvos por uma loba, que os amamenta. Mais tarde, depois de uma luta em que mata o irmão, Rómulo funda, no dia 21 de abril de 753, a cidade de Roma. Os dois meninos foram acrescentados à escultura na Renascença de forma a tornar mais clara a referência à lenda da fundação de Roma.

B – Um mundo de cidades

Durante o Império, as cidades, tanto no Ocidente como no Oriente, conheceram uma prosperidade sem precedentes. De tal modo que, no pensamento dos Romanos, a realidade fundamental da vida política é a cidade e o Império (*Imperium*), do ponto de vista jurídico, não é mais do que uma federação de cidades.

Pierre Grimal - *A Civilização Romana*, Lisboa, Edições 70, 1981

2.1 Roma, cidade ordenadora de um império urbano

2.1.1 A cidade que se fez império

Diz a lenda que Roma foi fundada no ano 753 a. C., por Rómulo, um dos gémeos que a sacerdotisa Reia Sílvia concebera de Marte, deus da guerra (Doc. 1). Na realidade, Roma nasceu, como qualquer outra cidade, de um pequeno povoado que, aos poucos, se foi engrandecendo.

Situada na fértil planície do Lácio, junto ao rio Tibre, Roma cedo atraiu a cobiça dos Etruscos, povo civilizado que habitava a atual Toscana. **Os Etruscos dominaram Roma e engrandeceram-na:** a cidade foi dotada de novas muralhas, de uma rede de esgotos, de casas alinhadas. Sabemos pouco destes primeiros tempos, mas é certo que a cidade era governada por reis e que aos Etruscos se deve também a organização política e social de Roma.

Foi a partir de 509 a. C., quando os aristocratas romanos expulsaram o último rei etrusco e instituíram uma **república**, que Roma cumpriu o seu destino de **grande nação conquistadora**. Primeiro por necessidades de defesa, depois por sede de glória e riquezas, os Romanos apoderaram-se de um imenso **império**. Numa expansão lenta mas sistemática, o seu domínio estendeu-se pelas duas margens do Mediterrâneo que, unido pela primeira e única vez na História, se tornou um verdadeiro lago interior, ao qual os Romanos chamavam, orgulhosamente, *mare nostrum*, o nosso mar (Doc. 1).

Conceitos

Império* — Estado constituído por vários territórios, um dos quais exerce o domínio político e a exploração económica sobre os outros. Na civilização romana também se chama império ao período em que o magistrado supremo, todo-poderoso, é o imperador.

* Conceito estruturante



O Império Romano.

Questões pág. 75

Conceitos

Urbe* – Termo usado na Antiga Roma para designar uma cidade ou recinto urbano, geralmente rodeado de muralhas, que se diferenciava do seu território ou distrito rural. Posteriormente, designava apenas Roma, a cidade por excelência.

* Conceito estruturante

Questões

- 1 Com a ajuda de uma pequena pesquisa, complete a narrativa da fundação lendária de Roma.
- 2 Identifique, de forma genérica, as áreas que integraram o mundo romano.
- 3 Justifique a designação de *mare nostrum* (o nosso mar) dada pelos Romanos ao Mediterrâneo.
- 4 Segundo Pierre Grimal, que importância tinham as cidades no mundo romano?

Com mais de três milhões de quilómetros quadrados de extensão, dez mil quilómetros de fronteiras e uma enorme diversidade de povos, o Império Romano resistiu aos séculos, marcando profundamente a história da civilização ocidental. Involuntariamente extenso, foi, também, involuntariamente duradouro.

Um mundo de cidades

O modo de viver romano estava intimamente ligado à cidade. Assim se entende que uma das primeiras tarefas, após a conquista, fosse a **reorganização ou a criação de centros urbanos**: em regiões como a Grécia, onde o sistema de cidade já era antigo, os Romanos souberam respeitar a sua forma de funcionamento limitando-se a introduzir pequenas alterações; noutros locais, como a Gália ou a Península Ibérica, onde as cidades eram raras ou mesmo inexistentes, os Romanos apressaram-se a criá-las proporcionando-lhes as condições necessárias ao seu desenvolvimento.

Deste modo, o Império Romano era um **mundo de cidades** com instituições governativas próprias, capazes de resolver localmente muitos dos seus problemas. E era sobre este espaço urbanizado que Roma estendia o seu domínio, impondo-se como modelo a seguir. Roma era a **urbe** por excelência, o centro de poder, o coração do Império.

SENADO*	CONTROLA	MAGISTRATURAS	ELEGEM	COMÍCIOS*
Assembleia permanente composta pelos CIDADÃOS MAIS PRESTIGIADOS		Altos cargos de Estado, atribuídos por eleição. Duração do mandato: 1 ano	PROPÕEM AS LEIS	Assembleias periódicas de carácter popular representativas do POVO ROMANO
(300 membros até ao século I a. C., 900 durante o governo de Júlio César, 600 no tempo de Augusto)				
FUNÇÕES		MAGISTRADOS		FUNÇÕES
• Valida as leis aprovadas pelos Comícios				• Eleição dos magistrados
• Controla o Tesouro		2 cônsules		• Aprovação das leis
• Administra as províncias		2 pretores		
• Decide da política externa (entre outras)		4 edis		
	Ordinários	8 questores		
		10 tribunos da plebe [*] (eleitos entre os plebeus)		
		2 censores (eleitos de 5 em 5 anos entre os ex-cônsules, por um período máximo de 18 meses)		
	Extraordinário	Ditador (designado pelos cônsules, por um período máximo de 6 meses)		

1 O *cursus honorum* (carreira das honras) era a carreira de um magistrado. Esta começava sempre por uma magistratura pouco elevada, como a questura, por exemplo, progredindo depois, de degrau em degrau, até chegar à dignidade mais elevada, a de cônsul. Geralmente, após o desempenho destes cargos, o ex-magistrado continuava a sua carreira política no Senado.

2 Magistrados muito respeitados que defendiam os direitos dos cidadãos mais humildes de Roma, os plebeus. Eram considerados invioláveis e sagrados, tendo o direito de veto sobre as decisões que pudessem prejudicar os plebeus, fossem elas emanadas dos restantes magistrados ou do Senado.

* O Senado e os Comícios representavam o conjunto dos cidadãos romanos, constituindo, por isso, a base da autoridade do Estado. As leis e outras decisões importantes iniciavam-se com a fórmula "O Senado e o Povo Romano...", frase cujas iniciais estavam gravadas no estandarte das legiões romanas.

- 1 O *cursum honorum* (carreira das honras) era a carreira de um magistrado. Esta começava sempre por uma magistratura pouco elevada, como a questura, por exemplo, progredindo depois, de degrau em degrau, até chegar à dignidade mais elevada, a de cônsul. Geralmente, após o desempenho destes cargos, o ex-magistrado continuava a sua carreira política no Senado.
- 2 Magistrados muito respeitados que defendiam os direitos dos cidadãos mais humildes de Roma, os plebeus. Eram considerados invioláveis e sagrados, tendo o direito de veto sobre as decisões que pudessem prejudicar os plebeus, fossem elas emanadas dos restantes magistrados ou do Senado.

Das magistraturas republicanas ao poder do imperador

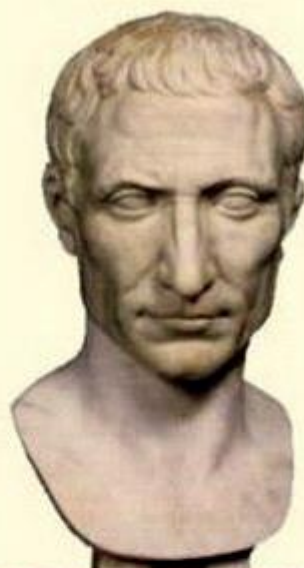
Embora as cidades constituíssem centros administrativos capazes de gerir os assuntos correntes, o Império funcionava como um Estado centralizado, sujeito à autoridade máxima de Roma. A sua grande extensão exigia um poder forte e eficiente, capaz de salvaguardar a ordem e a segurança das províncias.

No entanto, durante os primeiros séculos de conquistas, Roma continuou a governar-se pelas antigas instituições – **Senado, Comícios e magistraturas** (Doc. 2) –, que, concebidas para um pequeno território, não se adequavam às exigências do grande império que se ia formando.

Foi assim que, no século I a. C., os Romanos mergulharam num período de profunda crise política, marcada por perseguições ferozes e sangrentas guerras civis, que fizeram nascer o desejo de encontrar um chefe que restaurasse a ordem e a estabilidade. Esse chefe surgiu na figura de **Octávio, o primeiro imperador romano** (Dossier).

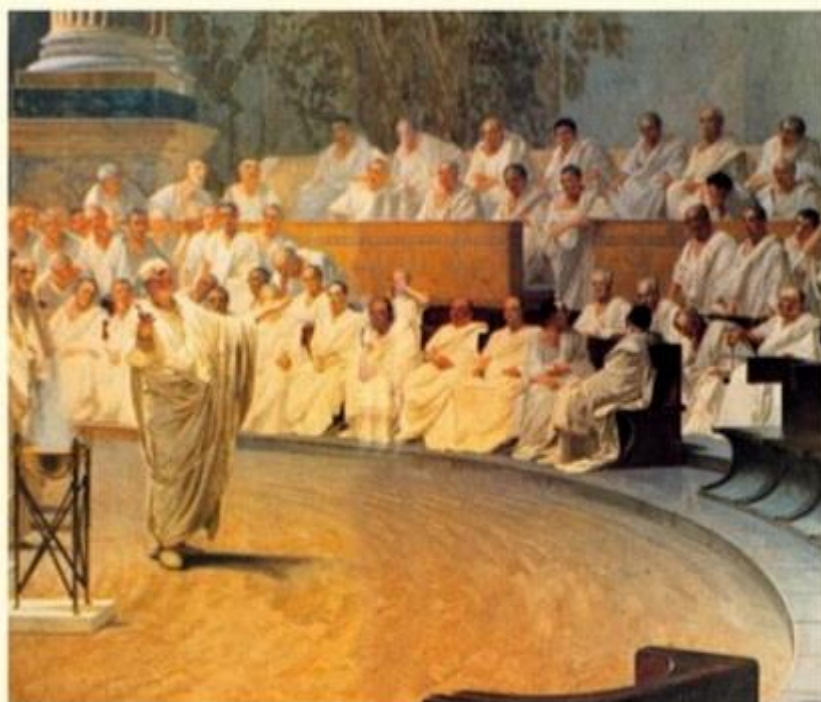
Bom general e bom político, Octávio conseguiu, em poucos anos, eliminar os seus rivais mais próximos, fazer regressar a paz e ganhar a admiração do povo e do Senado.

Embora aspirasse ao poder pessoal, Octávio conhecia bem o apego que os Romanos tinham pelas suas velhas instituições políticas. Por isso, não as eliminou. Pelo contrário, manteve-as e alicerçou nelas o seu próprio poder.



1. Retrato de Júlio César (Museu do Vaticano).

Júlio César foi um dos mais prestigiados generais e políticos do século I a. C. O seu êxito na difícil conquista da Gália trouxe-lhe fama e poder. Em 45 foi nomeado ditador perpétuo. Acusado, por esse facto, de pretender eliminar as instituições e liberdades romanas, César foi assassinado, no ano seguinte, quando se dirigia ao Senado. Apesar deste fim trágico, Júlio César tomou-se, depois da sua morte, num herói que o Senado, a pedido do povo, divinizou. Esta aura de glória ajudou Octávio, seu sobrinho e filho adotivo, a tornar-se no primeiro imperador romano.



2. Cícero discursa perante o Senado, segundo reconstituição do pintor italiano Cesare Maccari, 1880. Nos tempos republicanos, o Senado tornou-se o verdadeiro centro do Governo. Os seus membros ocupavam o cargo vitaliciamente e isso aumentava a sua importância face aos magistrados, cujos mandatos duravam apenas um ano. Mais tarde, quando o poder do imperador se sobrepôs a todos os outros, esta assembleia perdeu competências e protagonismo político, mas os senadores representaram sempre o grupo social mais importante e respeitado de Roma.



¹ Augusto dividiu as províncias do Império em Províncias Senatoriais, cuja administração deixou a cargo do Senado (embora sob vigilância do imperador) e Províncias Imperiais, que ficaram sob administração direta do imperador.

Questões pág. 77

Conceitos

Magistratura – Alto cargo exercido no aparelho de Estado, resultando de eleição pelos Comícios. As magistraturas romanas eram anuais, colegiais e o seu exercício constituía uma carreira pública (*cursus honorum*). Aos magistrados estava atribuído o poder executivo, judicial e militar, que foram perdendo à medida que o poder do imperador se reforçou.

Questões

- 1 Para além das funções, o que distinguia o Senado dos Comícios (DOC. 2)?
- 2 A que magistrados cabia a função de juizes (DOC. 2)?
- 3 Em tempos republicanos, que circunstâncias justificavam a designação de um magistrado com poderes superiores a todos os outros? Como se chamava (DOC. 2)?
- 4 A existência de um imperador implicou a extinção das magistraturas e das assembleias tradicionais? Justifique com os dados do Doc. 3.

Honrado, em 27 a. C., com o título de *princeps civitatis* (o primeiro dos cidadãos), **Octávio acumulou nas suas mãos as várias magistraturas**. Ano após ano, fez-se eleger cônsul, censor, pretor, tribuno, concentrando em si toda a autoridade destes cargos. Saudado como *imperator*¹, **Octávio inaugurou uma nova época da história de Roma, marcada pelo poder pessoal de um imperador** (Dossiê).

Embora continuassem formalmente a funcionar, os **órgãos de governo republicanos viram-se, a partir de então, esvaziados dos seus poderes reais**, já que o imperador controlava as magistraturas e detinha também o poder de modificar a composição do Senado, excluindo dele os elementos que lhe desagradassem.

Paralelamente, foram-se criando **novos cargos e instituições** diretamente ligados ao imperador. A este, que governava com o auxílio do seu Conselho privado, competia a nomeação dos altos funcionários do Estado, dos governadores das províncias e dos generais do poderoso exército romano (Doc. 3).

Para além de todos estes poderes, o imperador recebeu também as maiores honrarias, e, em breve, passou a ser olhado como um ser divino, o que fortaleceu a sua autoridade em toda a extensão do mundo romano.

¹ O título de *imperator* era concedido aos generais que tinham obtido grandes vitórias militares.

Os poderes de Augusto

Octávio César Augusto foi o primeiro imperador romano. Consciente das profundas alterações que provocara na história de Roma, Augusto mandou gravar o relato dos seus feitos numa placa de bronze, destinada ao imponente túmulo que mandou construir. Que imagem de si próprio deixou o imperador para a posteridade? Que poderes acumulou? Que visão tiveram dele os historiadores romanos?

NOTÍCIAS 31 e 32

DOC. A A carreira política de Augusto

a. C.	Acontecimentos
46	É adotado por Júlio César.
45	Acompanha César na Guerra da Hispânia.
44	Morte de Júlio César. Octávio assume-se como seu herdeiro. Marcha sobre Roma e força o Senado a conferir-lhe a dignidade de cônsul.
43	Partilha o governo de Roma com Marco Antônio e Lépido (2.º triunvirato).
31	Derrota Marco Antônio na batalha de Accio.
29	Recebe o título de <i>princeps senatus</i> (o primeiro dos senadores).
27	Obtém o <i>imperium proconsulare</i> ¹ nas províncias imperiais e recebe os títulos de <i>Augustus</i> e <i>princeps civitatis</i> (o primeiro dos cidadãos).
23	Vê o seu <i>imperium proconsulare</i> estendido a todo o mundo romano e consegue a <i>tribunicia potestas</i> (poder dos tribunos da plebe) vitalícia.
19	Tem poderes de legislador e de censor.
12	Torna-se Pontífice Máximo.
2	Recebe o título de Pai da Pátria.

1 O *imperium proconsulare* era atribuído aos procônsules, isto é, dos governadores das províncias.

DOC. B Augusto, chefe militar

Frequentemente combati, em terra e no mar, guerras civis e guerras externas em todos os lugares e, vitorioso, perdoei aos cidadãos que me pediram perdão. [...]

Alcansei duas vezes a ovação e o triunfo curru¹ e vinte e uma vezes fui proclamado *imperator*². Depois disso, o Senado concedeu-me ainda muitos triunfos, que recusei. [...]

Nos meus triunfos foram transportados diante do meu carro nove reis ou filhos de reis. [...]

Os Feitos do Divino Augusto

(Inscrição encontrada em Ancara, na atual Turquia, única cópia que sobreviveu do texto que Octávio mandou colocar no seu túmulo e em que relatava as ações por si realizadas).

1 Honras prestadas aos generais vitoriosos. O "triunfo" era a maior de todas.

2 Título concedido aos generais que tinham obtido grandes vitórias. É a origem da palavra *imperator*.



Octávio César Augusto (63 a. C. - 14 d. C.) representado como *imperator* (c. 15 a. C.).

Augusto apresenta-se como os heróis gregos, descalço e de cabeça descoberta. A couraça do uniforme está decorada com o episódio da restituição, pelo rei dos Partos, das insígnias militares perdidas pelos Romanos na batalha de Carres, em 53 a. C. Na descrição dos seus feitos, Augusto orgulha-se de ter recuperado as insígnias perdidas por Roma em batalhas mal-sucedidas e de ter forçado os chefes rebeldes a inclinarem-se perante o poder romano.

DOC. C A força dos exércitos, segundo Dion Cassio

Quando o *imperium*¹ lhe foi confirmado pelo Senado e pelo Povo [...] (Augusto) declarou que não ficaria com o poder em todas as províncias. As [...] que estavam em paz, [...] entregou-as ao Senado. As [...] que estavam pouco seguras, porque tinham vizinhos belicosos ou eram suscetíveis de se revoltar, conservou-as. Fê-lo, aparentemente, para que o Senado governasse sem temor as cidades mais tranquilas, enquanto ele reservava para si as dificuldades e os perigos. Sob este pretexto, deixou o Senado sem armas e sem soldados e só ele tinha armas e dispunha de exércitos.

Dion Cassio, historiador romano (c. 155 - c. 229 d. C.) - *História de Roma*

1 *Imperium* pode traduzir-se por autoridade.

DOC. D Augusto, magistrado e senador

Fui cônsul treze vezes e quando escrevo estas memórias detenho pela trigésima sétima vez o poder tribunício¹. Não aceitei a ditadura que me ofereceu o Povo e o Senado [...]. O Povo Romano e o Senado quiseram designar-me único e todo-poderoso superintendente das leis e dos costumes, mas eu não quis aceitar nenhuma magistratura contrária aos costumes dos nossos antepassados. [...]

Fui príncipe do Senado² durante quarenta anos [...].

Os Feitos do Divino Augusto

¹ O poder dos tribunos da plebe.

² O príncipe do Senado (*princeps Senatus*) era o primeiro da lista dos senadores, por tradição o senador mais antigo, que presidia aos trabalhos da Assembleia e falava em primeiro lugar. A partir de Augusto esta honra passou a ser atribuída ao imperador.

DOC. F A opinião de Tácito

Quando Augusto seduziu os soldados com as suas dádivas, o povo com as distribuições de trigo, toda a gente com as doçuras da paz, começou a elevar-se pouco a pouco, atraindo a si as prerrogativas do Senado, dos magistrados e das leis.

Tácito, historiador romano (55-120 d. C.) - Anais

DOC. G Honrarias

No meu sexto e sétimo consulados [28 e 27 a. C.], depois de ter extinguido a guerra civil, recebi o título de Augustus¹ por decisão do Senado, [...] e colocado na Cúria Júlia um escudo de ouro, que testemunhava [...] que o Senado e o Povo Romano mo concediam devido à minha valentia, clemência, justiça e piedade. Depois dessa época, fiquei acima de todos em autoridade [...]

Estava eu no meu décimo terceiro consulado [2 a. C.] quando o Senado, a ordem equestre² e o Povo Romano inteiro me designaram Pai da Pátria³ [...].

Os Feitos do Divino Augusto

¹ Título de conotação divina que poderá traduzir-se por "venerável".

² Classe social elevada, imediatamente abaixo dos senadores.

³ Título honorífico que exprime o respeito e o reconhecimento que os Romanos consagravam àqueles que, em circunstâncias graves, serviam bem o Estado.

DOC. E Octávio, sacerdote

Retrato de Augusto como Pontífice Máximo (séc. I d. C.)

Os pontífices eram os principais sacerdotes de Roma. Octávio ocupou este cargo a partir de 12 a. C.



Grande camafeu de Viena, início do século I d. C. Este belo camafeu é um hino à glória do imperador Augusto, coroado de louros pela Ecúmena (a Terra Habitada), senta-se ao lado da deusa Roma, com quem partilha o triunfo que Tibério (no carro, à esquerda) obteve sobre os Germanos, em 7 d. C. Na parte inferior do camafeu, os soldados levantam, perante os vencidos, o troféu da vitória.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

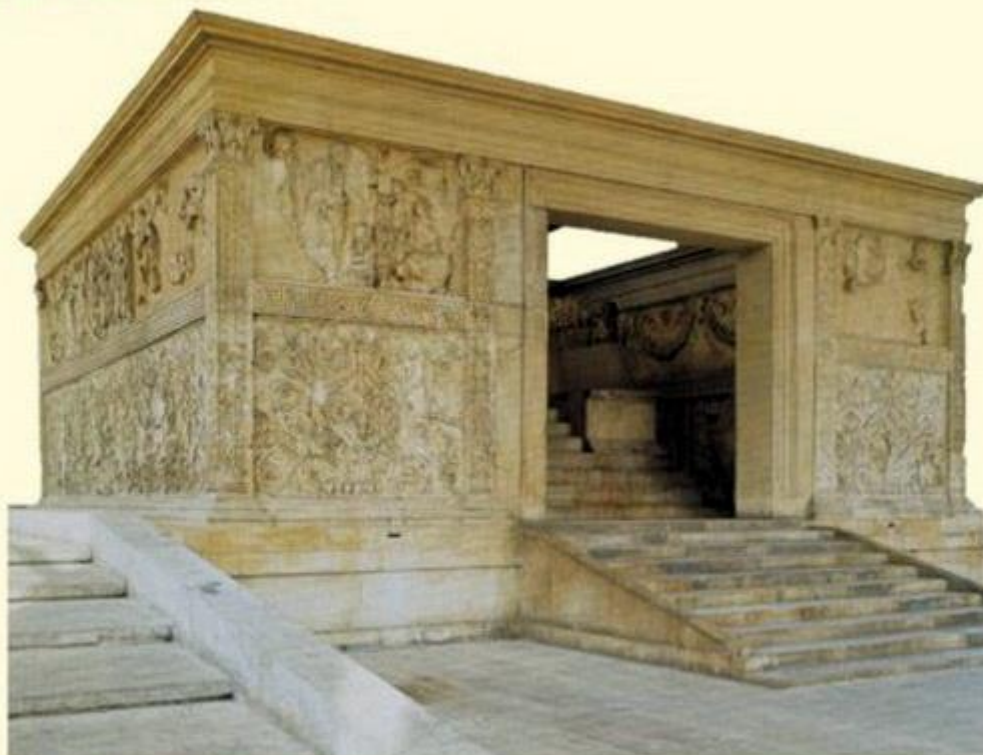
1. Como classificaria a carreira militar de Augusto? Justifique [Doc. B].
2. Segundo Dion Cássio, como procedeu Augusto para controlar o poderoso exército romano [Doc. C]?
3. A que magistraturas faz referência o Doc. D? Qual a sua importância? (se necessário, consulte o quadro da pág. 76).
4. De que forma mostra o imperador o seu respeito pelas instituições romanas tradicionais [Doc. D]?
5. Na opinião de Tácito, como obteve Augusto o seu imenso poder [Doc. F]?

6. Recorrendo aos dados do Doc. A, justifique a afirmação de Tácito: "Começou a elevar-se pouco a pouco..." [Doc. F].

7. Que importância podem ter, na carreira política, funções e títulos como os que são referidos nos Docs. E e G?
8. Na imagem que dá de si próprio, que qualidades salienta Augusto [Docs. B, D e G]?
9. Que forma de atuação política é posta em destaque pelos dois historiadores [Docs. C e F]?

SÍNTESE

10. Sintetize, num pequeno texto, os poderes e honras que fizeram de Octávio o primeiro imperador romano.



A Ara Pacis Augustae, o Altar da Paz Augusta.

Octávio apresentou-se sempre como o portador da Paz, o homem que extinguiu as lutas partidárias que dilaceraram o último século do regime republicano e cujas vitórias estenderam, pelo Império, a *pax romana*. A Paz é, por isso, a maior das virtudes imperiais, aquela que proporciona a Liberdade, a Concorrência e a Justiça.

A *Ara Pacis* foi consagrada em 9 a. C., quatro anos depois de ter sido “encomendada” pelo Senado, numa cerimónia cheia de significado político. Como todos os altares da Antiguidade, elevava-se a céu aberto, mas o altar propriamente dito foi cercado de muros majestosos, decorados com relevos alusivos ao imperador e aos benefícios do seu governo. Infelizmente, desconhecemos os escultores que trabalharam no monumento mas, a avaliar pelo seu estilo, devem ter sido gregos, provenientes da Ática.

Quando regressiei de Espanha e da Gália, sob o Consulado de Tibério Néron e Públio Quintílio [13 a. C.], depois de ter alcançado felizes sucessos nessas províncias, o Senado, em honra do meu regresso, fez edificar no Campo de Marte¹ um altar da Paz Augusta e encarregou os magistrados, os sacerdotes e as vestais de nele celebrarem um sacrifício anual.

Os Feitos do Divino Augusto
(inscrição de Ancara)

¹ Recinto onde tradicionalmente se reuniam os exércitos.

2.1.2 A unidade do mundo imperial

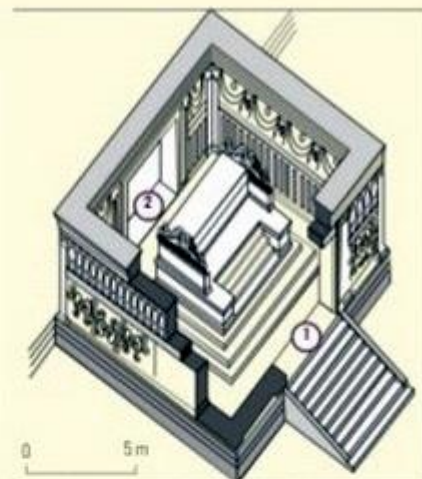
O culto a Roma e ao imperador

Na mesma altura em que foi proclamado *princeps*, Octávio aceitou também, das mãos dos senadores, o título de **Augusto**, que acrescentou ao seu nome. Era um **título divino**, até aí reservado a certos deuses, como Júpiter, para designar que eram “engrandecedores”, criadores de algo novo e melhor. Este título, que passou para os sucessores, foi um prenúncio da **divinização do imperador**.

Tinha sido sempre crença romana que os seus dirigentes eram, sobretudo em épocas difíceis, protegidos pelos deuses e cumpriam uma missão divina. As honras prestadas aos generais vitoriosos assumiam um carácter religioso e, sob influência das regiões orientais do Império¹, é natural que os Romanos estivessem dispostos a aceitar a divinização dos seus chefes.

Cauteloso por natureza, temendo qualquer excesso que pudesse prejudicar o seu governo, Octávio autorizou o culto à sua pessoa nas províncias mas, em Roma, ordenou que se adorasse apenas o seu génio, espécie de espírito protetor a que os Romanos atribuíam a força vital e a perpetuidade da descendência.

Em contrapartida, numa hábil manobra de propaganda, Octávio promoveu a divinização das **virtudes imperiais**, isto é, dos benefícios que o seu



Desenho axonométrico (segundo Ward-Perkins, *Architecture Romaine*, Berger-Levrault)

- ① Porta principal por onde entravam os sacerdotes
- ② Porta traseira destinada aos auxiliares

Questões pág. 81

¹ Como o Egito, por exemplo, onde o faraó era considerado um deus.

A – O culto a Augusto

Bons, benditos e felizes sejam o imperador César Augusto, filho de César divinizado¹, Pai da Pátria, pontífice supremo [...] a sua esposa, os seus filhos e a sua linhagem [...]. A plebe de Narbona ergueu no fórum um altar, junto do qual, todos os anos, no nono dia antes das calendas² de outubro [...], três cavaleiros romanos designados pela plebe e três libertos imolarão individualmente as vítimas do sacrifício e, a suas expensas, distribuirão incenso e vinho³ aos colonos e demais residentes, para que estes possam dirigir preces à sua [do imperador] essência divina.

Inscrição de um altar dedicado pela plebe de Narbona ao imperador Augusto, c. 4 d. C., em R. Étienne - *Le Siècle d'Auguste*, Paris, A. Colin, 1970

1 Referência a Júlio César (relembre a página 76).

2 Corresponde ao dia 23 de Setembro, dia do aniversário do imperador.

3 O vinho destinava-se às libações, ofertas aos deuses sob a forma de alimentos, leite, vinho, frutos... que se faziam geralmente nos altares domésticos, acompanhando as preces.

B – Uma apoteose



Plinto da coluna dedicada ao imperador Antonino Pio (138-161).

Da coluna, desaparecida, já nada resta, mas o plinto que lhe serviu de base ilustra claramente o ritual de divinização dos imperadores romanos: um dos lados foi preenchido com a dedicatória ao imperador, dois outros mostram a *decursio*, procissão ritual da cavalaria romana que selava a cerimónia de deificação, e o quarto, aqui reproduzido, ilustra a apoteose, isto é, a subida aos céus de Antonino Pio e de sua esposa, também divinizada, Faustina.

O casal imperial é transportado por um génio alado (por vezes identificado com Aion, a Eternidade), ladeado por duas águias, o símbolo do Império que coroa o estandarte das legiões. O imperador leva na mão um cetro com a mesma simbologia. Uma figura semideitada, à esquerda, segura um obelisco. É a personificação do Campo de Marte, local onde se desenrolava a cerimónia de divinização, e onde Augusto tinha instalado, como relógio de Sol, um obelisco trazido do Egipto. À direita, a deusa Roma faz um gesto de saudação e apoia-se num escudo em que está representada a loba amamentando os gémeos Rómulo e Remo, fundadores lendários da cidade.

Questões pág. 81

Questões

- 1 Por que razão se apelida de *Augusta* a Paz à qual é dedicado o altar reproduzido no DOC. 4?
- 2 Mostre, com base na inscrição do altar de Narbona, que o imperador foi equiparado a um deus (DOC. 5A).
- 3 Como era representada a deusa Roma (DOC. 5B)?
- 4 Na apoteose reproduzida, que elementos reforçam o facto de se tratar da divinização do máximo dirigente do Império Romano (DOC. 5B)?

governo trouxera ao mundo romano: a Vitória Augusta, a Paz Augusta, a Justiça Augusta, a Liberdade Augusta, entre outras (DOC. 4).

Quando Octávio morreu, em 14 d. C., o Senado atribuiu-lhe, oficialmente, o estatuto divino que o imperador rejeitara em vida: declarou-o *divus* (deus) e criou um novo corpo de sacerdotes, os augustais, para assegurar o seu culto. Os imperadores que se seguiram foram também agraciados com o título de Augusto e muitos partilharam a sua condição divina (DOC. 5B). No fim do século I, o culto do imperador e da sua família tinha-se institucionalizado em todo o Império.

O culto imperial associou-se, desde logo, ao da deusa Roma, representação da cidade e do povo romanos vistos como uma força superior, predestinada para dominar o mundo sob o signo da paz, da prosperidade e da justiça.

A cidade de Roma foi, muito cedo, personificada, aparecendo, desde o século III a. C., em diversas moedas sob a forma de uma figura feminina armada. Mais tarde, quando o poder romano se engrandeceu, esta personificação deu origem a uma nova deusa cujo culto rapidamente se difundiu. Em louvor da *deusa Roma* foram erigidos templos, designados sacerdotes e até, em várias cidades gregas, organizados jogos anuais, os *Romania*.

O culto a Roma e ao imperador (DOC. 5) tornou-se um importante elemento de união política. Símbolo do respeito à autoridade comum e de apreço pelos benefícios da dominação romana, constituiu uma verdadeira devoção cívica, capaz de unir, em torno dos mesmos altares, os diferentes povos do Império.

A superioridade do Direito Romano

[...] As bibliotecas de todos os filósofos ultrapassa-as [...] um só livrinho, o das Doze Tábuas, fonte e cabeça das nossas leis, pelo peso da sua autoridade e pela riqueza da sua utilidade.

[...] Ela [a pátria] empregou tanta sabedoria no estabelecimento do Direito, quanta pôs na aquisição da enorme potência do seu império.

[...] É inacreditável como todo o Direito civil, para além do nosso, é rude e quase ridículo. É assunto em que tenho por hábito espalhar-me nas minhas conversas diárias, quando coloco a clarividência dos nossos homens à frente da de todos os restantes, e especialmente dos Gregos.

Cícero – *Do Orador*, 55 a. C.

O culto à Justiça

Há quem nos chame (a nós, juristas) sacerdotes; e com razão. Na verdade, prestamos culto à Justiça; professamos a ciência do bom e do equitativo – separando o équo do iníquo, dizendo o que é justo e o que é injusto, discernindo o lícito do ilícito, esforçando-nos para que os homens sejam bons, não só através da ameaça das penas mas sobretudo pelo estímulo dos prémios (inerentes ao cumprimento do devido).

Ulpianus, jurista romano (150-223)

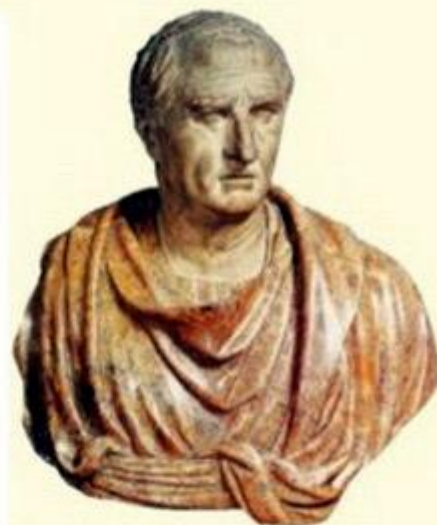
Questões pág. 83

A codificação do Direito

Foi a **necessidade** que conduziu os Romanos ao desenvolvimento do Direito. A **administração do seu vasto Império** e a convivência pacífica das suas gentes não seria possível sem um conjunto de leis abrangente e organizado, que definisse as normas a seguir nos grandes e pequenos problemas da vida quotidiana.

Tal como os outros povos, inicialmente os Romanos não tinham leis escritas. Todo o procedimento jurídico se baseava no costume – *Direito Consuetudinário* – e era transmitido oralmente de geração em geração, o que dava origem a frequentes deturpações e arbitrariedades. Foi contra esta situação que, em meados do século V a. C., os plebeus, classe mais desfavorecida, se revoltaram. Perante as exigências plebeias, os nobres romanos encarregaram uma comissão de 10 membros, os decênviros, de **dar forma escrita às leis correntes**. Redigidas de forma clara e concisa, as leis foram gravadas em 12 tábuas, dando origem ao primeiro **código**¹ do Direito Romano que, segundo a tradição, começou a vigorar em 452 a. C..

Os Romanos nutriram por este primeiro conjunto de leis escritas uma enorme admiração (Doc. 6). Antes dele, as normas eram vagas e imprecisas. Depois, tornaram-se claras e fáceis de consultar. A **Lei das XII Tábuas** foi considerada, durante os 10 séculos que se seguiram, «a fonte de todo o Direito público e privado». No tempo de Cícero (Doc. 6), os meninos decoravam-na na escola, tal como acontecia com os poemas homéricos, na Grécia, por se entender que aí se concentrava a sabedoria e se multiplicavam os exemplos a seguir.



Retrato de Cícero.

Marcus Tullius Cícero (106-43 a. C.) foi político e jurista, para além de um dos mais notáveis oradores romanos. Morreu assassinado em finais de 43 a. C., vítima das lutas partidárias que ensanguentaram os últimos anos da República romana.

¹ Em latim primitivo, *códex* significa tábuas, prancha de madeira. O termo aludia, portanto, ao material em que se escreveram as leis mas passou depois a designar um conjunto de leis, independentemente do material em que fossem registadas.

O parecer de um jurisconsulto: responsabilidade de um acidente de viação

Dois carros carregados, puxados por mulas, subiam a colina do Capitólio. Os condutores do que seguia à frente soergueram-lhe a parte traseira a fim de que as mulas o pudessem puxar com mais facilidade. O carro começou a deslizar encosta abaixo e tendo os condutores, que se encontravam entre as duas viaturas, saltado para o lado, chocou com o carro que ia atrás. Este, empurrado pelo choque, rolou para trás e esmagou um escravo. O dono deste escravo perguntou-me contra quem deveria intentar a ação (de indemnização). Respondi que a solução jurídica dependia da causa do dano; porque, se os condutores que seguravam a primeira viatura a largaram por sua própria vontade, fazendo assim com que as mulas, não podendo sustentar o carro, fossem puxadas para trás por causa do peso, a ação não é possível contra o dono das mulas mas pode intentar-se a ação da Lei Aquília¹ contra os condutores. Na realidade, é causar dano o largar voluntariamente uma coisa em que se segurava, fazendo-a cair sobre outrem; [...]. Mas, se as mulas se assustaram com alguma coisa e os condutores, com medo de serem esmagados, largaram o carro, a ação não deve ser intentada contra eles, mas contra o dono das mulas. [...]. O que é certo é que, de qualquer forma que se olhe o problema, não se poderá nunca agir contra o dono das mulas do segundo carro; porque os animais não recuaram por sua culpa, mas sob a ação do choque.

Publius Alfennius Varus, jurisconsulto romano da 2.ª metade do século I a. C. – *Corpus Juris Civilis* – Digesto

¹ Referência à *Lex Aquilia de Damno* (250 a. C.) que estabelece a responsabilidade civil e o direito do lesado a pedir uma indemnização, desde que faça prova da culpa do causador do dano. Esta lei tornou-se a base da responsabilidade civil tal como hoje a entendemos (nos códigos das civilizações mais antigas – como o de Hamurábi – era vulgar que o dano fosse “vingado” infligindo ao seu causador prejuízo semelhante).

Questões pág. 83

Conceitos

Direito (Romano)* – Conjunto de normas jurídicas que regeram o povo romano nas várias épocas da sua História. Começando praticamente do nada, os juristas romanos não só definiram os princípios básicos a quem devem obedecer todas as leis, como sistematizaram as suas diferentes áreas de aplicação (Direito Público, Direito Privado, Direito Civil, Direito Penal...).

* Conceito estruturante

Questões

- 1 Que qualidades reconhece Cícero na Lei das Doze Tábuas (DOC. 6)?
- 2 Em que valores se fundamenta o Direito (DOC. 6)?
- 3 Que problema concreto procura Alfennius Varus resolver (DOC. 7)?
- 4 Que aspetos do “parecer” se aproximam da forma de agir atual (DOC. 7)?

Embora nunca tivessem sido revogadas, as leis contidas nas XII Tábuas rapidamente se mostraram insuficientes. Novas situações exigiram **novas leis**. A maior parte resultou da atividade dos **magistrados** encarregados da justiça – os pretores; do trabalho dos **jurisconsultos**, espécie de advogados que, pelo seu saber, eram chamados a dar parecer sobre os casos de resolução mais complexa (DOC. 7); de decisões do **Senado** (*Senatus Consultus*) ou do próprio **imperador** (decretos imperiais).

Século após século, os Romanos foram redigindo um gigantesco corpo de leis, orientados por princípios claros de justiça¹, capazes de dar resposta às questões mais complexas.

Conscientes do valor e da grandeza do legado romano em matéria de Direito, os últimos imperadores procuraram preservá-lo, ordenando a sua **compilação**. A mais completa foi a ordenada pelo **imperador Justiniano** (482-565), homem de grande cultura e prestígio que reinou na metade oriental do Império. A comissão encarregada pelo imperador de reunir 10 séculos de leis escritas, harmonizando-as de forma a eliminar repetições e contradições, fez um trabalho exaustivo, que Justiniano considerou perfeito e completo. Conhecido, no seu todo, por *Corpus Juris Civilis*, o **Código de Justiniano** sobreviveu aos séculos servindo de alicerce ao Direito ocidental.

A imensa obra legislativa dos Romanos atuou como um importante **fator de pacificação e união dos povos do Império**. Estes não se sentiam sujeitos a um poder discricionário mas protegidos por leis claras, justas e adequadas à vida em comunidade.

¹ Os juristas latinos definiram claramente três princípios básicos aos quais devia obedecer a feitura das leis: “viver honradamente”; “atribuir a cada um o que é seu”; “não prejudicar ninguém”.

Principais direitos conferidos pela plena cidadania romana

- Direito de possuir propriedades, comprar, vender, fazer contratos, redigir um testamento.
- Direito de contrair casamento legítimo, exercer os direitos de um *pater familias* (pai de família), transmitir aos filhos a cidadania romana.
- Direito de participar na vida política da cidade através do voto, nas assembleias.
- Direito de ser eleito para o desempenho de cargos públicos (magistraturas).
- Direito de manter a cidadania em caso de migração para outra cidade.
- Direito de instaurar um processo em tribunal.
- Direito de recurso das decisões dos magistrados e dos tribunais.
- Direito de não ser torturado nem condenado à morte, a não ser em caso de traição.

Principais deveres do cidadão

As obrigações do cidadão romano não eram apenas jurídicas mas também sociais, decorrendo do que se esperava fosse a conduta de um cidadão.

- Viver honradamente e exercer as suas funções como *pater familias*.
- Participar na vida política da cidade.
- Servir no exército como legionário.
- Pagar imposto sobre as sucessões.



1. Grupo de cidadãos romanos, num fragmento do chamado Sarcófago de Acília, séc. III d. C. Os cidadãos eram reconhecidos por envolverem a toga, manto grande e pesado que enrolavam por cima da túnica. Proibida a todos os que não tivessem a dignidade de cidadão, a toga tinha algumas variantes de cor que indicavam a posição de quem a envolvera: o imperador, por exemplo, usava-a de cor púrpura, a dos magistrados e senadores tinha uma barra também dessa cor, enquanto os que pretendiam ser eleitos para um cargo público se faziam reconhecer pela toga de um branco imaculado, a toga *candida* (*candida* = branca). Daí a origem do termo *candidato*.

A progressiva extensão da cidadania

A sociedade romana organizava-se segundo uma estrutura complexa, que estabelecia, entre os homens livres, estatutos muito diversificados. Ser ou não ser cidadão era o ponto de partida de todo o escalonamento social.

A plena cidadania romana (*civitas*) implicava um conjunto de direitos civis e políticos que incluíam, entre outros, o direito de contrair matrimónio, o direito de proceder a atos jurídicos, o direito de possuir terra e de a transacionar, o direito de votar e o de ser eleito para as magistraturas¹. Implicava também deveres, como o de servir no exército e o pagamento de determinados impostos ao Estado (Doc. 8).

De início, a categoria de cidadão romano estava reservada unicamente aos naturais de Roma e seus descendentes. Aos habitantes das terras conquistadas foi concedido um estatuto inferior, muito variável de região para região. Como facilmente se compreende, Roma não podia conceder, de imediato, a plena cidadania, com os seus direitos políticos, aos seus inimigos da véspera.

A condição jurídica dos povos submetidos foi melhorando com o tempo, à medida que estes aceitavam o domínio romano e iam adquirindo a cultura dos conquistadores (Doc. 8). Assim se compreende que a Itália, a primeira



2. O imperador Caracala.

Marcus Aurelius Antoninus era filho do imperador Septímio Severo e reinou de 211 a 217 d. C. Ficou conhecido na História pela alcunha de Caracala, que lhe foi dada pelos seus soldados (a *caracalla* era uma espécie de capote com capuz, de origem gaulesa, usada no exército). Distinguiu-se pela feroz repressão com que perseguiu todos os seus opositores, mesmo parentes e amigos, e que causou milhares de vítimas. No entanto, a sua memória ficou para sempre ligada ao *Edictum de Civitate*, que alargou a cidadania romana a todos os habitantes livres do Império.

¹ Estas prerrogativas eram dissociáveis, isto é, uma pessoa podia ter umas e não ter outras. Nesse caso não teria a cidadania plena que correspondia ao cidadão romano.

DOC. 9 Um estatuto elevado

Descendente de uma importante família hebraica à qual tinha sido outorgada a cidadania romana, São Paulo (c. 10-c. 67) prega enfaticamente o cristianismo. A efervescência que os seus discursos provocam em Jerusalém leva o tribuno a ordenar a sua prisão.

O tribuno ordenou que ele fosse conduzido para a fortaleza e o obrigassem a falar à custa de vergastadas, a fim de saber por que motivo assim gritavam contra ele. Mas quando iam amarrá-lo para ser açoitado, Paulo disse ao centurião de serviço: «Tendes autoridade para açoitar um cidadão romano que nem sequer foi julgado? Ouvindo isto, o centurião correu a avisar o tribuno:

«Que vais fazer – disse ele –, esse homem é cidadão romano!» O tribuno foi ter com Paulo e perguntou-lhe: «Diz-me, tu és cidadão romano?» «Sou», respondeu ele. O tribuno continuou: «Eu adquiri, por muito dinheiro, esse direito de cidadania.» Paulo retorquiu: «Pois eu já nasci com esse direito.» Os que o iam interrogar retiraram-se imediatamente e o tribuno ficou cheio de medo ao saber que tinha mandado prender e agrilhoar um cidadão romano.

Novo Testamento, Atos dos Apóstolos, 22

DOC. 10 A progressiva extensão da cidadania



Questões pág. 85

Questões

- 1 Compare os direitos e deveres dos cidadãos romanos com os que nos são conferidos pela cidadania, na atualidade (DOC. 8).
- 2 A que direito apela São Paulo, aquando da sua prisão (DOCS. 8 e 9)?
- 3 Que aspetos do episódio narrado no Doc. 9 demonstram o alto estatuto de que gozavam os cidadãos romanos no Império?
- 4 Relativamente à cidadania, qual a atitude dos Romanos face aos povos conquistados (DOCS. 9 e 10)?

região que Roma dominou, usufruísse de uma condição superior às restantes. Às suas cidades foi concedido o *Direito Latino*¹, até que, em 49 a. C., todos os homens livres foram equiparados a cidadãos romanos (Doc. 10).

Normalmente, a condição jurídica de uma cidade estendia-se aos seus habitantes. No entanto, era vulgar a **atribuição do título de cidadão romano àqueles que se distinguiam pelo seu mérito ou pelos bons serviços prestados a Roma** (Dossiê). Alguns destes novos cidadãos escolhiam viver na capital do Império, onde integravam, livremente, a vida política.

Este processo de progressiva elevação das províncias e dos seus habitantes ao mesmo estatuto dos seus dominadores concluiu-se, em 212 d. C., quando o imperador **Caracala concedeu a plena cidadania romana a todos os habitantes livres do Império** (Dossiê – Doc. 10).

O Estado romano conseguiu, pois, desligar o conceito de cidadão de uma pequena comunidade. Num processo lento, mas irreversível, soube estabelecer a **igualdade entre os povos conquistados e o povo conquistador**.

Este facto, sem paralelo na História dos impérios antigos, contribuiu como nenhum outro para a unidade do mundo romano (Dossiê).

¹ O *Direito Latino* definia um estatuto muito semelhante ao estabelecido pelo *Direito Romano*, que correspondia à cidadania plena. Distinguiam-se, sobretudo, o facto de os cidadãos de *Direito Latino* estarem impedidos de exercer as altas magistraturas do Império.

Uma cidadania aberta

Senhores de um imenso território, os Romanos souberam integrar os povos conquistados, partilhando com eles leis, costumes, prosperidade econômica. Mas, acima de tudo, a unidade do Império construiu-se com espírito de abertura e tolerância, bem como com a capacidade de estender, por todo o mundo romano, a condição superior da cidadania.

DOC. A A argumentação de Cláudio

Em 48 d. C., o imperador Cláudio concede a um grupo de notáveis gauleses a cidadania completa, o que lhes permite assumir as magistraturas romanas e integrar o Senado. Ciosos dos seus privilégios, os senadores contestam esta medida, que Cláudio justifica num discurso famoso, reproduzido pelo historiador romano Tácito.

O que causou a derrota dos Espartanos e dos Atenienses, apesar do seu poderio militar, senão o hábito de afastar os vencidos como estrangeiros? [...] Nenhuma outra guerra foi tão prontamente terminada como a da Gália e, depois disso, a paz foi contínua e sólida. Os costumes, as profissões, as alianças confundem-nos (aos gauleses) já conosco [...]. Senadores, todos os costumes que hoje consideramos herdados do passado foram novos um dia. [...]

Tácito - *Anais*, Livro XI

DOC. B A Lei de Salpensa

Que todos aqueles que, em virtude da presente lei, exerçam o cargo de duúviro¹, edil, questor, logo que, passado o ano, deixem a sua magistratura, sejam cidadãos romanos conjuntamente com os seus ascendentes, a sua esposa, os seus filhos nascidos de casamento legítimo, [...] os seus netos e netas nascidos dos seus filhos, [...] desde que não haja mais cidadãos romanos do que aqueles que convém criar.

Lei Municipal de Salpensa, cidade romana da Bética, promulgada pelo imperador Domiciano entre 81 e 84 d. C.

¹ Alto magistrado provincial, equivalente ao cônsul.

DOC. C Um pedido ao imperador

Plínio, o Moço (c. 61-114), governador da Bitúnia, escreve ao imperador Trajano

Senhor, tendo corrido risco de vida no ano passado, devido a uma doença muito grave, recorri a um médico, ao qual, apenas com a tua condescendência, poderei recompensar a solicitude e o zelo que teve para comigo. Peço-te que lhe concedas a cidadania romana.

Plínio - *Cartas*, início do século II d. C.

DOC. D Recompensa aos veteranos

Aos veteranos que prestaram serviço na armada do Egito, que cumpriram vinte e seis anos ou mais de serviço e foram desmobilizados com um certificado de bom soldado e cujos nomes se encontram escritos em baixo, bem como aos seus filhos e à sua descendência, o imperador Tito¹ concedeu o direito de cidade [...].

(Seguem-se os nomes dos marinheiros contemplados.)

De uma cópia da tábuia de bronze afixada no Capitólio, em Roma

¹ Imperador entre 79 e 81 d. C.



Fragmento de um certificado militar datado de dezembro de 160 d. C. que confere a cidadania romana a um antigo soldado da *Coorte V Bracara Augustanorum* (Museu Quintana Küzing, Alemanha). Era vulgar o recrutamento de cidadãos livres do Império (mas não cidadãos romanos) para prestarem serviço em regimentos auxiliares do exército. Estes regimentos eram muitas vezes formados em regiões conhecidas pela valentia dos seus guerreiros, neste caso os *Gallioeci* da região de Bracara Augusta, a nossa cidade de Braga. Posteriormente, esta coorte foi destacada para o território da atual Alemanha.

DOC. E Um cidadão dos confins do Império

Estátua de um cidadão romano proveniente de Tomis, nas margens do mar Negro, datado do fim do século II d. C. (Museu Nacional de Bucareste). Tomis ficava nos confins do Império, numa região conhecida como *Limes Scythicus*.

DOC. F Elogio de Roma

Tornado cidadão pelo imperador Adriano, Públio Elio Aristides exalta a atuação dos Romanos.

De todas as coisas que possam dizer-se em louvor dos Romanos uma há que é, de todas, a mais digna de admiração: é a magnanimidade de que dão provas em matéria de direito de cidade e mesmo na própria concessão que têm desse direito; o mundo nunca viu, na verdade, nada de semelhante. [...]

Vós distribuístes, com abundância e generosidade, a cidadania romana [...] Fizestes esforços para que o conjunto dos habitantes do Império pudessem ser dignos dela. De tal forma que “romano” não designa mais os habitantes de uma cidade mas refere-se a um único povo. [...] Em cada cidade, os vossos concidadãos são em grande número, se bem que muitos dentre eles nunca tenham visitado Roma. Já não são necessários exércitos para manter as cidades, pois, por todo o lado, os homens mais influentes guardam, para vós, a sua própria pátria.

Públio Elio Aristides, retórico greco-romano (129-189) - *Sobre Roma*

DOC. G O Editto de Caracala (212 d. C.)

O imperador Marco Aurélio Antonino Severo proclama: [...]

Dou a todos os que habitam o Império o direito de cidade romana com exceção dos deditícios¹. Determino que a multidão partilhe não somente das obrigações que pesam sobre todos nós² mas também das nossas vitórias. E o presente editto aumentará a majestade do povo romano: é benéfico que outros possam ser admitidos à mesma dignidade de que os romanos beneficiam desde sempre [...].

Excerto do *Editto de Caracala*, segundo o texto do Papiro de Gilsen

¹ Pessoas em estatuto jurídico inferior, equiparados aos vencidos privados de direitos.

² Refere-se aos tributos que pesavam exclusivamente sobre os cidadãos, por exemplo o imposto de 5% sobre as heranças.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Refira três argumentos utilizados por Cláudio para justificar a extensão da cidadania aos notáveis gauleses [Doc. A].
2. Que critério se utiliza para conceder a cidadania romana no município de Salpensa [Doc. B]?
3. Com base nos Docs. C e D, indique duas razões que podiam levar à obtenção da cidadania romana.
4. Mostre, reportando-se aos Docs. A a D, que a cidadania romana era considerada uma honra.
5. Como sabemos que a estátua [Doc. E] representa um cidadão romano? (Se necessário, consulte o Doc. 8.)
6. O que indicam os Docs. A e E sobre a extensão da cidadania no território do Império?
7. Tendo em conta a origem grega de Públio Elio Aristides, explique a admiração deste autor face à “magnanimidade” romana em matéria de cidadania.
8. Esclareça: “... por todo o lado, os homens mais influentes guardam, para vós, a sua própria pátria” [Doc. F].
9. O que determina o Editto de Caracala [Doc. G]? De que modo esta decisão do imperador contribui para reforçar a unidade do Império Romano?

SÍNTESE

10. Num texto de cerca de 15 linhas, trate o seguinte tema: “uma honra partilhada: formas de obtenção da cidadania romana nos três primeiros séculos da nossa era”.

A sabedoria romana empregou-se principalmente em coisas que pouca atenção receberam dos Gregos – pavimentação das estradas, construção de aquedutos e esgotos. De facto, os Romanos calçavam as estradas abertas através de montes e vales, a fim de as mercadorias poderem ser transportadas em carros desde os portos. Os esgotos, feitos de pesadas pedras, são tão largos, em alguns lugares, que podem passar sobre eles os carros carregados. O fornecimento de água por meio de aquedutos é tão abundante, que pode dizer-se que os rios correm para as cidades, e quase todas as cidades, providas de canalizações, possuem fontes.

Estrabão, geógrafo e historiador (c. 64 a. C. – c. 24 d. C.), *Geografia*, II, 4-5



O célebre Pont du Gard, aqueduto romano que abastecia de água a cidade de Nîmes no trecho em que atravessa o rio Gardon. Construído no século I d. C., é uma das obras-primas da engenharia romana.

Como comparar a estas construções tão numerosas e imponentes [os aquedutos], exigidas por esta imensa quantidade de água, as pirâmides, evidentemente inúteis, ou as obras desnecessárias e excessivamente elogiadas dos Gregos?

Frontino, político e engenheiro romano (c. 40 – 103 d. C.) – *Os Aquedutos da Cidade de Roma*, 16,1

Questões pág. 89

2.2 A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática

2.2.1 A cultura romana: pragmatismo e influência helénica

No início da sua História, os Romanos eram um povo de lavradores, repartindo as suas atividades entre o trabalho da terra e a necessidade de a defenderem dos inimigos que, de perto, a cobiçavam. Desta vida ficou-lhes sempre um **sentido prático, realista, virado para o concreto**. Aplicaram-no a resolver os problemas mais próximos, de uma utilidade mais imediata (Buc. 11). As conquistas não fizeram mais do que reforçar este **pragmatismo** que **marca todas as realizações romanas**.

Assim, ao contrário dos Gregos, para quem todas as coisas tinham de ser belas, os Romanos sentiam que todas as coisas tinham de ser úteis. E este sentimento estendia-se também às suas realizações culturais. Encontramo-lo na arte, na poesia, na História e, naturalmente, na excecional obra jurídica que nos legaram.

O Direito é justamente considerado o expoente máximo do pragmatismo romano. Nenhuma outra disciplina revela melhor o sentido de

Conceitos

Pragmatismo – Sentido prático; atitude que privilegia a utilidade e a eficiência como critérios de atuação. É uma das características mais salientes da cultura romana e uma das que mais a distinguem do espírito grego. Foi o sentido prático dos Romanos que viabilizou o seu êxito militar e a manutenção do seu imenso Império.



Cícero, o grande orador romano, dirige-se ao seu filho Marco que estudava então em Atenas, sob a orientação do filósofo grego Crátipo.

Depois de teres seguido, durante um ano, os ensinamentos dados por Crátipo, tendo um mestre de tão grande autoridade e numa cidade tão rica de exemplos, deves, meu querido filho Marco, ter absorvido grande número de preceitos e doutrinas. Eu, que cultivo a filosofia e a arte oratória tanto em latim como em grego, penso que deves, também, esforçar-te por dominar fluentemente as duas línguas. [...]

Continuarás a estudar sob a égide do filósofo mais notável do nosso século o tempo que quiseses [...] mas [aproveitarás] também com a leitura dos meus escritos, que se afastam pouco da doutrina dos Peripatéticos¹, visto que buscamos, eles e eu, inspiração em Sócrates e Platão [...].

Cícero - *Sobre os Deveres*, Livro I, 44 a. C.

¹ Refere-se aos filósofos seguidores de Aristóteles, grupo a que pertencia Crátipo. Ficaram assim conhecidos por caminharem (*peripatetein* – passear) enquanto dialogavam uns com os outros.



Mosaico de Pompeia que recria a Academia de Platão, século I a. C.

Os membros da Academia são representados em número de sete, numa alusão aos Sete Sábios da Grécia, cujos ensinamentos foram venerados em todo o Mundo Antigo.

Não esqueças que te enviaram à província da Acaia, à verdadeira e autêntica Hélade, onde em humanidade, ciência e até em colher o trigo, foram os primeiros; que foste enviado a homens qua são mais que homens, a homens livres que são mais mais livres que ninguém, e que conservaram os direitos do homem elevados por sua virtude e suas nobres ações... Demonstra respeito para com a antiguidade de sua cultura e seus grandes feitos.

Plínio, o Moço, político e escritor (c. 61 - 114 d. C.) - *Carta ao amigo Máximo*

Questões pág. 89

Questões

- 1 Em que aspeto se sentem os Romanos superiores aos Gregos e aos Egípcios (DOC. 11)?
- 2 Mostre, recorrendo a dois elementos do texto, a admiração de Cícero pela cultura grega (DOC. 12).
- 3 Escolha a frase de Plínio que melhor exalta a civilização grega. Justifique (DOC. 12).
- 4 Relativamente aos Gregos, como se poderão harmonizar as opiniões expressas nos Docs. 11 e 12?

organização deste povo, a sua capacidade para adequar aos casos concretos da vida quotidiana.

Foi este espírito pragmático que fez dos Romanos um povo aberto, capaz de apreciar a riqueza cultural das nações que submeteram e incorporá-la na sua própria forma de vida.

Assim, a cultura romana é o resultado de influências várias, que os Romanos souberam absorver e transformar de acordo com a sua maneira de ser. De todas as influências recebidas, a mais marcante foi, sem dúvida, a influência grega.

Diz-nos o poeta Horácio (65-8 a. C.) que "a Grécia conquistada conquistou o seu feroz vencedor". E em termos culturais assim foi. Grandes admiradores da civilização helénica, reconhecendo a sua originalidade e o seu brilhantismo, os Romanos imitaram-lhe a arte, a literatura, a filosofia e até a religião¹. Falar grego tornou-se, em Roma, sinónimo de cultura (Doc. 12) e a cidade encheu-se de artistas, pensadores e pedagogos helénicos.

Foi desta forma que a cultura grega chegou até nós: absorvida e adaptada pelos Romanos, estendeu-se pelas vastas regiões do Império. E é nesta síntese cultural greco-latina que, em boa parte, residem os fundamentos da civilização europeia.

¹ Os deuses romanos oficiais eram os mesmos que os gregos, embora com nome diferente.



Cícero, o grande orador romano, dirige-se ao seu filho Marco que estudava então em Atenas, sob a orientação do filósofo grego Crátipo.

Depois de teres seguido, durante um ano, os ensinamentos dados por Crátipo, tendo um mestre de tão grande autoridade e numa cidade tão rica de exemplos, deves, meu querido filho Marco, ter absorvido grande número de preceitos e doutrinas. Eu, que cultivo a filosofia e a arte oratória tanto em latim como em grego, penso que deves, também, esforçar-te por dominar fluentemente as duas línguas. [...]

Continuarás a estudar sob a égide do filósofo mais notável do nosso século o tempo que quiseres [...] mas [aproveitarás] também com a leitura dos meus escritos, que se afastam pouco da doutrina dos Peripatéticos¹, visto que buscamos, eles e eu, inspiração em Sócrates e Platão [...].

Cícero - *Sobre os Deveres*, Livro I, 44 a. C.

¹ Refere-se aos filósofos seguidores de Aristóteles, grupo a que pertencia Crátipo. Ficaram assim conhecidos por caminharem (peripatein – passear) enquanto dialogavam uns com os outros.



Mosaico de Pompeia que recria a Academia de Platão, século I a. C.

Os membros da Academia são representados em número de sete, numa alusão aos Sete Sábios da Grécia, cujos ensinamentos foram venerados em todo o Mundo Antigo.

Não esqueças que te enviaram à província da Acaia, à verdadeira e autêntica Hélade, onde em humanidade, ciência e até em colher o trigo, foram os primeiros; que foste enviado a homens qua são mais que homens, a homens livres que são mais mais livres que ninguém, e que conservaram os direitos do homem elevados por sua virtude e suas nobres ações... Demonstra respeito para com a antiguidade de sua cultura e seus grandes feitos.

Plínio, o Moço, político e escritor (c. 61 - 114 d. C.) - *Carta ao amigo Máximo*

Questões pág. 89

Questões

- 1 Em que aspeto se sentem os Romanos superiores aos Gregos e aos Egípcios (DOC. 11)?
- 2 Mostre, recorrendo a dois elementos do texto, a admiração de Cícero pela cultura grega (DOC. 12).
- 3 Escolha a frase de Plínio que melhor exalta a civilização grega. Justifique (DOC. 12).
- 4 Relativamente aos Gregos, como se poderão harmonizar as opiniões expressas nos Docs. 11 e 12?

organização deste povo, a sua capacidade para adequar aos casos concretos da vida quotidiana.

Foi este espírito pragmático que fez dos Romanos um povo aberto, capaz de apreciar a riqueza cultural das nações que submeteram e incorporá-la na sua própria forma de vida.

Assim, a cultura romana é o resultado de influências várias, que os Romanos souberam absorver e transformar de acordo com a sua maneira de ser. De todas as influências recebidas, a mais marcante foi, sem dúvida, a influência grega.

Diz-nos o poeta Horácio (65-8 a. C.) que “a Grécia conquistada conquistou o seu feroz vencedor”. E em termos culturais assim foi. Grandes admiradores da civilização helénica, reconhecendo a sua originalidade e o seu brilhantismo, os Romanos imitaram-lhe a arte, a literatura, a filosofia e até a religião¹. Falar grego tornou-se, em Roma, sinónimo de cultura (DOC. 12) e a cidade encheu-se de artistas, pensadores e pedagogos helénicos.

Foi desta forma que a cultura grega chegou até nós: absorvida e adaptada pelos Romanos, estendeu-se pelas vastas regiões do Império. E é nesta síntese cultural greco-latina que, em boa parte, residem os fundamentos da civilização europeia.

¹ Os deuses romanos oficiais eram os mesmos que os gregos, embora com nome diferente.



1. Relevos da coluna de Trajano, Roma, 112-113 d. C. (pormenor).

Os Romanos foram excelentes construtores e não concebiam a vida civilizada sem as comodidades urbanas. O exército participava ativamente na edificação das novas infraestruturas, ajudando a erguer cidades como a de Timgad, por exemplo.



2. Planta da cidade de Timgad, na atual Argélia. Fundada no ano 100 d. C. pelo imperador Trajano a fim de instalar os veteranos da Terceira Legião, Timgad é um modelo de planificação urbana, com um traçado rigorosamente geométrico, articulado em torno de um *cardo* (eixo norte-sul) e de um *decumanos* (eixo este-oeste) que se interseccionam na perpendicular. No caso particular de Timgad, o *cardo* não atravessa toda a cidade, interrompendo-se na zona do fórum, onde se encontra com o *decumanos*. Construída a partir do nada, a cidade foi dotada das infraestruturas que os Romanos consideravam essenciais à vida urbana: edifícios religiosos e administrativos, espaços comerciais, zonas de cultura e lazer, abastecimento de água, entre outras.

2.2.2 A padronização do urbanismo

Como vimos já, foi na cidade que Roma alicerçou o seu domínio sobre as terras conquistadas. Assim, à medida que o Império crescia, fundaram-se cidades novas e renovaram-se as antigas de acordo com as necessidades da administração e os padrões de vida romanos.

A fundação de uma nova cidade implicava um cuidadoso planeamento. Seguindo as práticas comuns nos acampamentos militares e, sobretudo, os ensinamentos do arquiteto grego Hipódamo (séc. V a. C.), a cidade articulava-se a partir de duas ruas principais, o *cardo*, com a direção norte-sul, e o *decumanos*, no sentido este-oeste (Doc. 13). Era geralmente perto do cruzamento destes dois eixos, que serviam de referência ao alinhamento das ruas, que se situava a grande praça pública – o *fórum* –, verdadeiro coração da cidade (Doc. 14).

No fórum encontravam-se os principais edifícios administrativos: a cúria e a basílica. Na cúria reunia-se o Senado, conselho de notáveis que se ocupava do governo da cidade; a basílica servia de sala de reuniões para políticos e homens de negócios e também de tribunal público. Plínio, o Moço, deixou-nos descrições coloridas da multidão que aí acorria quando algum advogado, famoso pela sua eloquência, tomava a palavra em defesa do seu cliente.

Era também no fórum ou nas suas imediações que se erguiam



3. Vista do decumanos de Timgad.

Casas de habitação e lojas de comércio erguiam-se de cada um dos lados desta via, guarnecida de pórticos. Ao fundo, o Arco de Trajano marcava a entrada principal da cidade.

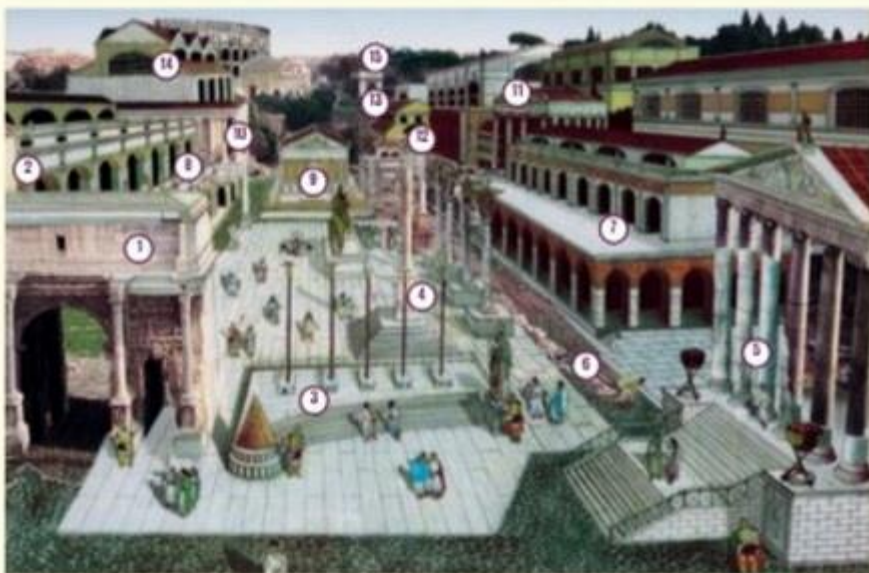
Questões pág. 91

Conceitos

Fórum – Centro administrativo e religioso de uma cidade romana, constituído por uma área destinada a reuniões ao ar livre, rodeada de edifícios e colunatas.



1. Perspetiva do Fórum romano no seu estado atual. As três colunas em primeiro plano pertenceram ao templo de Vespasiano, erigido em 81 d. C.



2. Reconstituição parcial da mesma zona do Fórum (desenho de Andrea Tosolini, Ed. Lozzi Roma, sas.). Situado no sopé das colinas do Capitólio e do Palatino, o Fórum romano foi o centro político e religioso da cidade durante um milénio. O seu recinto renovou-se permanentemente, o que não impediu os imperadores de, paralelamente, construir novas praças, magníficas pela sua dimensão e pela beleza dos seus pórticos, sob os quais os cidadãos se abrigavam em dias de mau tempo ou de sol escaldante.

Numa das suas comédias, Plauto descreve assim o fórum de Roma:

Vou indicar-te um sítio onde poderás facilmente encontrar todo o tipo de pessoas, perversas ou virtuosas, trabalhadoras ou vadias. Queres falar com um perjuro? Aproxima-te da tribuna dos oradores. Um mentiroso ou um fanfarrão? Chega perto do templo de Vénus Cloacina (perto da basílica Emilia). Maridos ricos, pródigos com o seu dinheiro? Encontrá-los-ás perto da basílica. Ali encontrarás também as prostitutas [...]. Os que procuram comida estarão no mercado do peixe. Na parte baixa do fórum passeia-se a gente honesta. No centro, perto da Cloaca Máxima, os vigaristas. Os insolentes, os charlatães e os invejosos, perto do lago Cúrcio, falando todos mal do próximo, quando podiam falar bem. Perto das lojas antigas, ficam os cambistas e os usurários. Por trás do Templo dos Dióscuros, param os que não são de fiar. [...]

Plauto, dramaturgo romano (230-180 a. C.) – *O Gorgulho*, V. 467-485



3. O fórum romano (a amarelo) e os fóruns imperiais (a verde), num pormenor da reconstituição da Roma Antiga, obra do arquiteto Italo Gismondi. Ao contrário da maioria das cidades do Império, Roma cresceu de forma quase anárquica, espalhando-se, imensa, pelas margens do rio Tibre.

Fóruns imperiais

- A Fórum de Júlio César
- B Fórum de Augusto
- C Fórum de Vespasiano
- D Fórum de Nerva
- E Fórum de Trajano

Fórum Romano

- 1 Arco de Septímio Severo
- 2 Cúria
- 3 Rostra (tribuna dos oradores)
- 4 Coluna de Focas
- 5 Templo de Saturno
- 6 Via Sagrada
- 7 Basílica Júlia
- 8 Basílica Emilia
- 9 Templo de Júlio César
- 10 Templo de Antonino e Faustina
- 11 Templo de Castor e Polux
- 12 Templo de Vesta
- 13 Casa das Vestais
- 14 Basílica de Maxêncio (o último grande edifício edificado no fórum, iniciado em 305 d. C.)
- 15 Arco de Tito

Questões

- 1 Faça uma descrição sumária da cidade de Timgad (DOC. 13)
- 2 Mostre, com base nas imagens 1 e 2, que o fórum era, simultaneamente, o centro administrativo e religioso da cidade romana (DOC. 14).
- 3 Que imagem do Fórum Romano nos transmite Plauto?
- 4 Justifique o título dado a este documento.



1. Panorâmica do complexo das Termas de Caracala, tal como hoje se encontra. Para os Romanos, a higiene diária era essencial e merecedora de toda a atenção por parte do Estado. Assim, não havia cidade sem termas e as de Roma eram, naturalmente, as mais imponentes. Erigidas entre 211 e 217, as Termas de Caracala podiam acomodar 2000 pessoas e primavam pelo luxo das instalações. As suas gigantescas cisternas tinham capacidade para 80 000 metros cúbicos de água e eram alimentadas por uma derivação do aqueduto de Márcia, construída expressamente para esse fim.



Reconstituição do frigidarium das Termas de Caracala. Nos últimos séculos do Império, a zona do frigidarium (banhos frios) tomou, nos grandes complexos termais, a configuração de uma basílica, a típica sala de reuniões públicas dos Romanos. Ali, para além do convívio, decorriam debates, récitas e concertos, unindo claramente os prazeres do corpo e do espírito.

os templos mais significativos. Os Romanos veneravam especialmente a tríade nacional Júpiter-Juno-Minerva, cujo templo, o Capitólio, simbolizava a presença e o poder dos Romanos. Dentro do mesmo espírito ergueram-se, nas províncias, os templos dedicados ao culto do imperador.

Centro administrativo e religioso da cidade, local de encontro das suas gentes, o fórum mereceu sempre a atenção dos governantes, que amiúde o renovaram e engrandeceram. Em Roma, os imperadores não só acrescentaram novas e grandiosas construções ao primitivo fórum da cidade – o Fórum Romano –, como construíram, nos espaços circundantes, novas praças – os fóruns imperiais (Box 14).

Embora estas construções tenham, em parte, correspondido às necessidades geradas pelo aumento da população urbana, elas refletem a vontade de dotar Roma de um conjunto monumental que espelhasse a glória da cidade e dos seus imperadores. Aliás, este **gosto pela monumentalidade** é uma das características mais salientes das cidades romanas, patente tanto em edifícios utilitários (aquedutos, circos, anfiteatros), como em obras meramente decorativas ou comemorativas (estátuas, arcos de triunfo, colunas).

Junto do fórum foram frequentemente construídas **bibliotecas**, assim como **mercados públicos** destinados ao abastecimento das cidades. Ficaram célebres os de Trajano, em Roma, em Óstia e em Timgad.

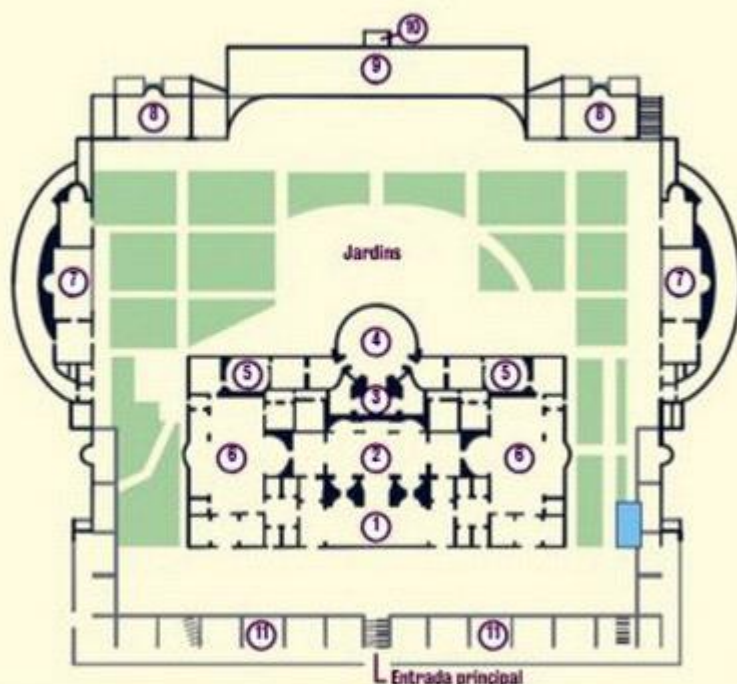
Conceitos

Urbanismo* – Ciência que trata do estudo e planificação do meio urbano. Os Romanos foram verdadeiros mestres de urbanismo e, nas cidades que criavam, nada era deixado ao acaso. Distribuíam áreas adequadas para as casas de habitação, as lojas de comércio, as praças públicas, os templos. Determinavam também a água que iria ser necessária, o número e o tamanho das ruas, os passeios e os esgotos, prevendo até áreas para o futuro desenvolvimento da cidade.

* Conceito estruturante

Imagina todas as espécies de vozes. [...] Enquanto os desportistas treinam e se exercitam nos halteres, [...] ouço gemidos; de cada vez que retomam o fôlego, segue-se um silvo e uma respiração aguda. Quando se trata de um preguiçoso ou de alguém que se contenta com uma fricção barata, ouço uma mão a bater nos ombros [...]. Se, além disso, surgir um jogador que comece a contar as boladas, está tudo acabado! Acrescente-se ainda o quezi-lento, e o ladrão apanhado em flagrante, e o homem que se diverte a ouvir a sua própria voz enquanto toma banho. Juntem-se a tudo isto as pessoas que saltam para a piscina salpicando os outros de água. Mas todas estas pessoas têm, pelo menos, uma voz normal. Agora imagina a voz aguda e estridente dos depiladores [...] que de repente dão gritos, sem nunca se calarem, a não ser quando depilam as axilas aos outros, obrigando-os, então, a gritar por sua vez. Há ainda os gritos variados dos pasteleiros, vendedores de salsichas e de patés e de todos os moços de taberna que anunciam as suas mercadorias numa melopeia característica.

Sêneca, filósofo (c. 4 a. C. - 65 d. C.) - *Cartas a Lucílio*, VI



2. Planta das Termas de Caracala. Os complexos termais tinham, muitas vezes, uma disposição simétrica para que os frequentadores se pudessem dividir, de modo a não sobrelotarem os espaços. Geralmente começava-se o circuito com o exercício físico e, depois dos banhos, convivia-se nos jardins ou lia-se na biblioteca.

- ① Natatio (piscina ao ar livre)
- ② Frigidarium (banhos frios)
- ③ Tepidarium (banhos mornos)
- ④ Caldarium (banhos quentes)
- ⑤ Laconicum (espécie de sauna)
- ⑥ Palestra (recinto descoberto para o exercício físico)
- ⑦ Ginásio
- ⑧ Biblioteca
- ⑨ Cisternas
- ⑩ Aqueduto
- ⑪ Pórticos e lojas

Questões pág. 95



Detalhe de um mosaico de Piazza Armerina (Sicília), séc. IV d. C. As mulheres eram também apreciadoras do exercício físico e frequentavam as termas regularmente. Algumas tinham duas alas, destinadas a cada um dos sexos, mas o mais frequente era a partilha das mesmas instalações, a horas desencontradas: as mulheres reservava-se a manhã; os homens, que começavam e terminavam cedo a sua jornada de trabalho, frequentavam-nas de tarde.

O sentido utilitário do **urbanismo** romano revelou-se ainda na construção das **termas**, estabelecimentos de banhos públicos, dotados de salas de temperaturas diferentes, vestiários, piscinas de água quente e fria, palestras, salas de descanso, de massagem e de reuniões (Doc. 15).

Prática da mais elementar higiene, o banho era, para os Romanos, um momento cultural, permanecendo como uma das facetas mais civilizadas e agradáveis da vida quotidiana. Para a tornar possível, as cidades estavam equipadas com **aquedutos**, normalmente obras grandiosas, que conduziam as águas dos reservatórios naturais, muitas vezes longe da cidade, até aos fontanários públicos e às casas particulares.

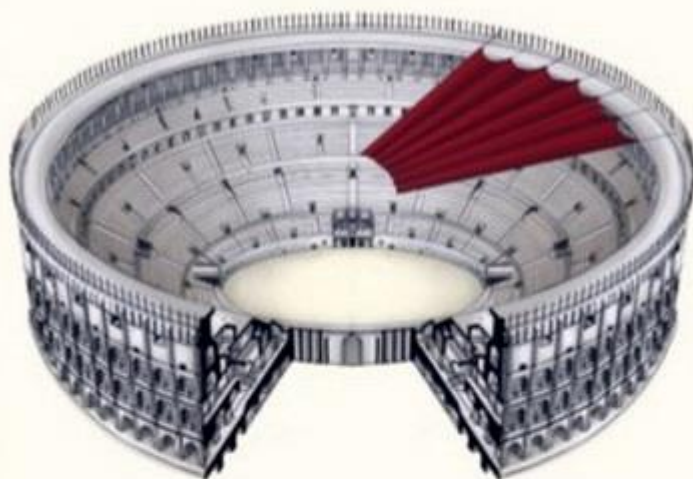
O lazer e a distração não foram esquecidos nas cidades romanas. Quase todas possuíam o seu **anfiteatro**, palco de lutas com animais selvagens e de combates entre gladiadores. O mais conhecido é, sem dúvida, o Coliseu de Roma, que serviu de modelo a muitos dos seus congêneres provinciais (Doc. 16).

Outros espetáculos apreciados pelos Romanos eram as corridas de cavalos e de carros, realizadas no **circo** (Doc. 16), assim como as tragédias, as comédias e as farsas, representadas nos **teatros**.

Quanto às **casas de habitação**, encontram-se sempre dois tipos: a **domus**, casa particular, onde moravam os cidadãos mais ricos e que, em Roma, se espalhava pelas colinas; e a **insula**, prédio de aluguer, com várias habitações,



1. O Circo Máximo (1) e o Anfiteatro Flávio (Coliseu) (2) tal como aparecem na reconstituição existente no Museu da Civilização Romana. Note-se a enorme dimensão destes edifícios, destinados aos dois tipos de espetáculos que os Romanos mais apreciavam: as corridas de cavalos e os combates de gladiadores. No Circo, assim chamado pela sua forma oval, realizavam-se as corridas de carros de cavalos, muito violentas. A pista, delimitada por uma spina central (3) comportava, no Circo Máximo, 12 carros que, partindo dos arcos que se veem na reconstituição (4), deviam dar voltas ao recinto, invertendo a marcha na meta (5), a plataforma alçada, semicircular, que ficava em cada um dos topos da spina. Estas voltas, efetuadas a grande velocidade, lançavam os carros uns contra os outros ou contra as paredes. Muitos partiam-se e, para que a corrida pudesse continuar, havia uma equipa especial cuja única função era retirar os restos dos carros, os cavalos e os aurigas, feridos ou mortos. Para ver este espetáculo podiam acomodar-se, nas bancadas, 250 000 espectadores.

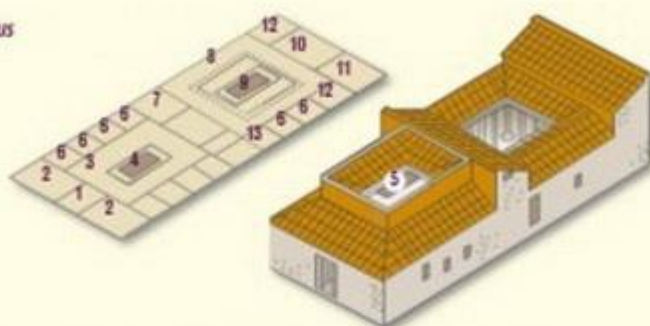


2. O Anfiteatro Flávio (estado atual e reconstituição). Mais conhecido por Colosseum (Coliseu), este gigantesco anfiteatro (do grego *anphi* – em redor) foi inaugurado em 80 d. C., durante o reinado do imperador Tito, com grandiosas festas que duraram cem dias. As suas bancadas podiam acolher 70 000 espectadores, que aí assistiam a duelos de gladiadores, a combates entre feras e homens e a simulações de batalhas navais (a arena podia, inicialmente, ser inundada, formando um tanque de 80 x 54 m). O imperador e o seu séquito sentavam-se, com grande pompa, no camarote imperial, coberto por um baldaquino, enquanto a multidão era protegida do sol e da chuva por um toldo gigantesco, o *velum*, manobrado por um destacamento especial da marinha imperial, acantonado em Roma. Um total de 80 portas numeradas – as *vomitória* – permitiam esvaziar o recinto em apenas 20 minutos.

[O povo] desinteressou-se de tudo; ele, que outrora conferia os poderes [aos magistrados] [...], só aspira a duas coisas: pão e jogos de circo.

Juvenal – *Sátiras*, X (início do século II d. C.)

Domus



① Vestibulo; ② Armazéns; ③ Atrio; ④ Implúvio; ⑤ Complúvio; ⑥ Quartos (cubicula); ⑦ Quarto do dono da casa; ⑧ Peristilo; ⑨ Piscina; ⑩ Sala de reuniões e de refeições; ⑪ Sala de jantar (triclinio); ⑫ Cozinha; ⑬ Entrada de serviço.

Insula



Tal como hoje, as diferenças sociais refletiam-se na qualidade do alojamento. Os mais ricos habitavam uma casa própria, unifamiliar, de modelo tradicional: a *domus*. Normalmente de um só piso, a *domus* isola os seus habitantes do movimento da rua, já que, praticamente, não tem janelas para o exterior. Os aposentos organizam-se em redor de um átrio central ao qual, nas moradias mais ricas, se acrescenta um outro espaço aberto, o peristilo, dotado de belas colunas, estátuas e recantos ajardinados.

A maioria da população não tinha, porém, possibilidade de usufruir de uma *domus*. Como em todas as grandes urbes, em Roma o espaço faltava e a cidade cresceu em altura, enchendo-se de extensos e atamancados bairros de *insulae*. Com janelas para a rua estreita, suja e barulhenta, a *insula* subdividia-se em pequenos apartamentos de aluguer onde se amontoava, geralmente numa só dependência, toda a família.

Questões pág. 95

Vivemos numa cidade suportada por frágeis vigotas. Porque é deste modo que o administrador repara a casa prestes a cair: tapa a fissura de uma velha fenda e diz-nos que durmamos tranquilos enquanto a catástrofe paira sobre a nossa cabeça! Não, não, tenho de viver onde não haja tantos fogos, tantos alarmes noturnos. [...] O terceiro andar já está em chamas e tu ainda não deste por nada. Desde o rés do chão que todos estão em pânico mas o último a assar é o locatário [das águas-furtadas] que só tem a protegê-lo as telhas onde ternas pombas vêm pôr os ovos. [...]

Se te conseguires afastar dos jogos de circo, podes comprar uma excelente *domus* em Sora, Fabrateria ou Frusino¹ pelo mesmo que pagas, num ano, por um tugúrio em Roma. [...]

A maioria dos doentes, em Roma, morre de insónia [...], pois que sono é possível num apartamento? Quem, senão os ricos, consegue dormir em Roma?

Juvenal, poeta satírico (sécs. I-II d. C.) - *Sátiras III*

¹ Pequenas cidades próximas de Roma.

Questões

- 1 Enumere as atividades que a frequência das termas proporcionava (DOC. 15).
- 2 Como se distingue o circo do anfiteatro (DOC. 16)?
- 3 Partindo das imagens dos Docs. 15 e 16, apresente dois indícios da importância que os Romanos atribuíam às atividades aí consideradas.
- 4 Na opinião de Juvenal, que inconvenientes graves apresentavam as *insulae* (DOC. 17)?
- 5 O texto de Juvenal deixa transparecer a importância assumida pelos espetáculos no quotidiano de Roma. Fundamente esta afirmação (DOC. 17).
- 6 Pesquise sobre o mais conhecido incêndio de Roma, ocorrido no ano 64 d. C., durante o governo do imperador Nero.

a fazer lembrar os imóveis atuais. Possuidora de um jardim interior e de outras comodidades e luxos, a *domus* contrastava em tudo com a alta e frágil *insula*, em tijolo e madeira, que facilmente se degradava e ruía com frequência, quando não era vítima de incêndios (DOC. 17). No século IV, Roma tinha 46 600 *insulae* e 1800 casas particulares.

Roma foi sempre um caso à parte em termos de planificação urbanística, quer pelo seu gigantismo, quer pela forma, um pouco anárquica, como foi crescendo. A cidade era ruidosa e, com exceção dos bairros residenciais mais ricos, os transeuntes acotovelavam-se em ruas estreitas e insalubres. Aliás, ruas como estas existiam um pouco por todo o Império. A planificação urbanística, em que os Romanos foram mestres, não as evitou, sobretudo nas cidades de fundação anterior ou de terreno acidentado.

Dispersas por três continentes, com particularidades próprias segundo a sua região e a sua antiguidade, as cidades romanas partilharam, no entanto, um padrão urbanístico comum. Todas são reconhecíveis pelo seu fórum, pelas suas calçadas de pedra, pelo mesmo tipo de casas, as mesmas termas. Todas mostram o mesmo desejo de monumentalidade, erguendo templos sumptuosos ou aquedutos colossais. Enfim, todas, apesar das suas diferenças, seguem o mesmo modelo: Roma, berço do Império, a cidade por excelência.

Pompeia, a cidade esquecida

A urbe portuária de Pompeia, no golfo de Nápoles, contava cerca de 25 000 habitantes e fervilhava de atividade quando, em 24 de agosto do ano 79 d. C., o Vesúvio entrou em erupção. Dois dias depois, sete metros de cinzas vulcânicas cobriam a cidade, fazendo desaparecer praças, templos, ruas e casas. Nesse momento, o tempo parou em Pompeia, que permaneceu silenciosa e imutável até à sua redescoberta, no século XVIII.

DOC. A A cidade



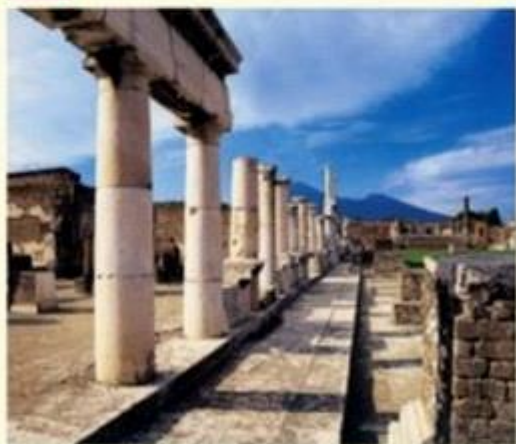
- A** Fórum principal
- B** Fórum triangular

- C** Teatro
- D** Palestra pequena (dos gladiadores)

- E** Palestra grande
- F** Anfiteatro

- G** Termas centrais
- H** Termas do fórum

DOC. B O fórum



Vista do fórum e da sua imponente colunata. Ao longe, o perfil do Vesúvio.



- 1 Templo de Júpiter
- 2 Arco de Tibério
- 3 Mercado (do peixe e da carne)
- 4 Santuário dos deuses Lares
- 5 Templo de Vespasiano
- 6 Edifício de Eumáquia (centro de negócios)
- 7 Rua da Abundância (Decumanos)
- 8 Comitium (recinto onde se realizava a eleição dos magistrados)
- 9 Curia
- 10 Basilica
- 11 Templo de Apolo
- 12 Praça
- 13 Latrinas públicas

REC. C As ruas

Troço final do Cardo Novo, conhecido como Via de Mercurio. Em primeiro plano, uma espécie de passadeira para peões que, não bloqueando o caminho às carroças, permitia atravessar a rua sem molhar os pés, quando a via se alagava com as chuvas.

REC. D As termas

Sala do Tepidarium das Termas do Fórum. Os nichos na parede funcionavam como uma espécie de cacifos, onde os frequentadores deixavam as suas roupas.

REC. E As domus

1. O atrium da Casa de Menandro.



2. Detalhe de um fresco da Casa do Pastor.



3. "Cave Canem" (Cuidado com o cão), alerta colocado na Casa do Poeta Trágico.

REC. F Ofícios e comércio

O dia a dia de Pompeia era uma algazarra de gente voltada para o comércio, sobretudo nos dias de mercado, que se realizava aos sábados. [...] Nas ruas e bairros estavam representados praticamente todos os ofícios. As inscrições nas paredes atestam a existência de comerciantes de frangos, de fruta, de peixe, [...] barbeiros, perfumistas, copistas, sapateiros, [...] taberneiros, fiandeiras, prestamistas. [...] Entre eles tem lugar especial o ofício de padeiro, já que, desaparecido o forno caseiro, simboliza, de certo modo, o desenvolvimento do pequeno comércio. Até ao momento referenciaram-se em Pompeia 35 padarias, como a do Forno do Modesto, onde se encontraram carbonizados os 81 pães que o seu proprietário pôs a cozer minutos antes da erupção.

Belém Romero – «Pompeya, la Vida a los Pies del Vesubio», em *História y Vida*, n.º 450



Uma padaria num fresco da chamada Casa do Padeiro.

DOC. G Os graffiti



Pormenor de uma das 3000 inscrições eleitorais da cidade.

"Os ferreiros recomendam unanimemente Gaius Campus Pansa para edil"

"Anfidius esteve aqui"

"Marcus ama Spendusa"

"Samius para Cornelius: vai-te enforçar!"

"Ampliatius Pedania é um ladrão"

"Oh paredes, suportais tantas inscrições estúpidas que me admira não vos terdes ainda desmoronado!"

Inscrições nas paredes de Pompeia

DOC. H Uma rixa no anfiteatro

No ano de 59, o anfiteatro de Pompeia foi palco de uma rixa entre os habitantes da cidade e um grupo de espectadores da vizinha Nocera, que assumiu proporções deveras violentas, como nos relata o historiador romano Tácito.

Depois das piadas de mau gosto, vieram as injúrias, depois pedras, por fim, armas. [...] Muitos indivíduos de Nocera regressaram a casa com o corpo mutilado; outros choravam a morte de um filho ou de um pai. As autoridades [locais] remeteram o assunto ao Senado [de Roma] [...] que proibiu os espetáculos no anfiteatro durante dez anos [...]. Os autores do tumulto foram condenados ao exílio.

Tácito (55-120 d. C.) – *Anais*, XIV

Capacete de gladiador, com viseira, encontrado em Pompeia, séc. I a. C.

DOC. I Os pompeianos



1. Terentius Nero, padeiro, e sua mulher, retratados como "burgueses".



2. Molde em gesso de uma das vítimas da erupção do Vesúvio.

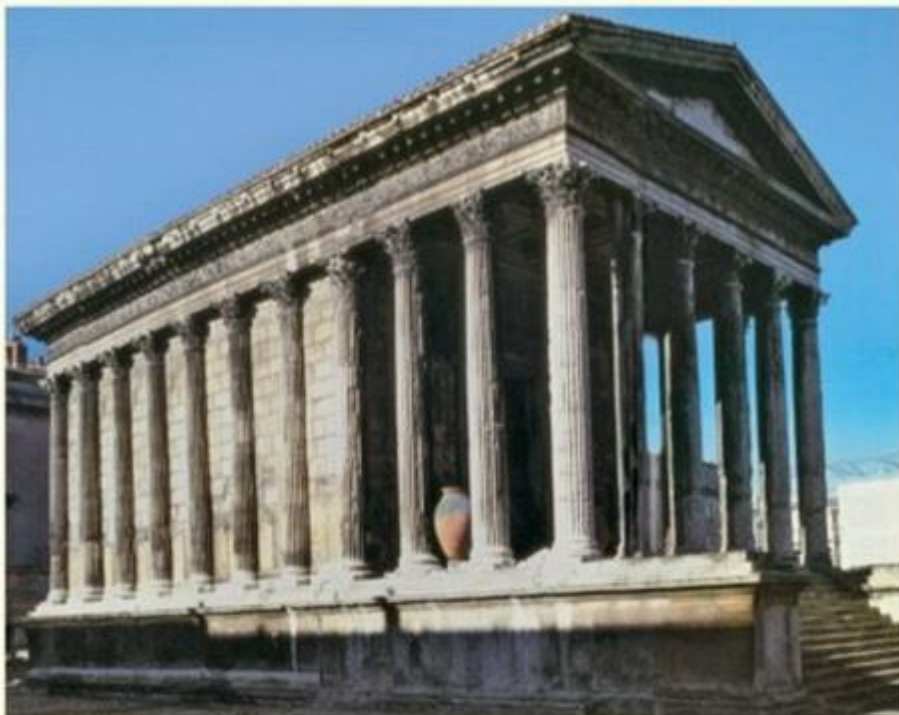
ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Explícite: cardo; decumanos [Doc. A].
2. Agrupe os edifícios públicos de Pompeia de acordo com as suas funções (económicas, político-administrativas, religiosas, lazer) [Docs. A e B].
3. Numas termas, o que era o *tepidarium* [Doc. D]?
4. Indique duas características das *domus* representadas no Doc. E.
5. Por que razão as padarias atestam o desenvolvimento do pequeno comércio [Doc. F]?
6. Que tipos de mensagem veiculam os *graffiti* [Doc. G]?

7. Compare o episódio ocorrido no anfiteatro [Doc. H] com os que se registam, por vezes, na atualidade. Tenha em consideração: motivos, pessoas envolvidas, consequências.
8. Como interpreta a legenda "retratados como burgueses" [Doc. I]?

SÍNTESE

9. Redija um texto de cerca de 30 linhas sob o tema "Pompeia, cidade romana".



1. Templo conhecido como "Maison Carrée", em Nîmes (França). Erguido no tempo de Augusto (c. 5 d. C.), foi dedicado ao culto do imperador e da família imperial.



2. Pormenor de um capitel do templo de Nîmes.



3. Capitel da ordem compósita (Museu de Beja).



4. Coliseu de Roma, pormenor da fachada.

O Coliseu é o exemplo mais espetacular da sobreposição das ordens: a toscana (dórica), de aspeto mais robusto, foi utilizada no andar inferior, seguindo-se a jónica e a coríntia. No último andar, as colunas foram substituídas por pilastras de ordem compósita (100 a. C.).

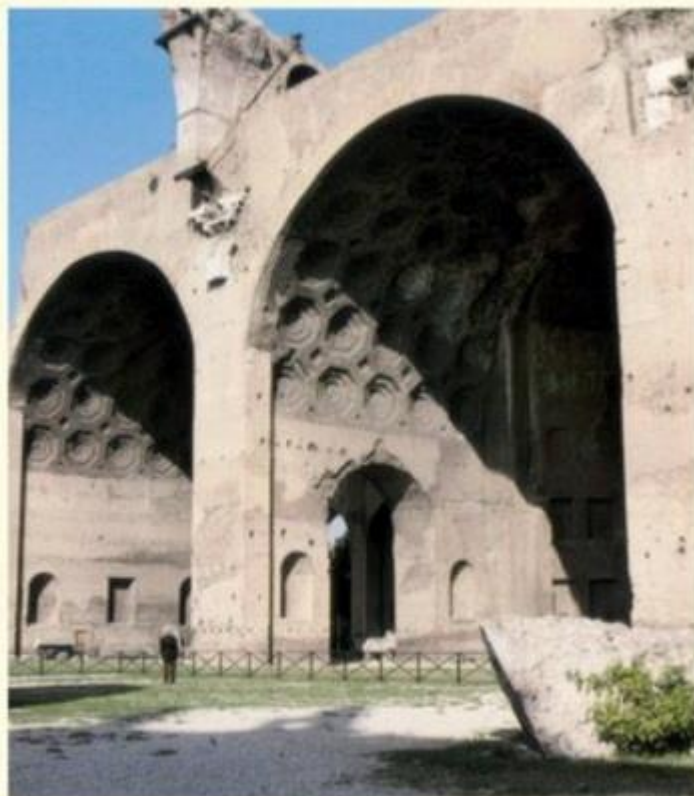
Questões pág. 101

2.2.3 A fixação de modelos artísticos

A arquitetura

Foi no campo da **arquitetura** que o espírito romano encontrou a sua **expressão artística mais forte**. A paz prolongada e a prosperidade económica permitiram uma **grande atividade construtiva**, sobretudo no domínio das obras públicas. Roma e as cidades provinciais enriqueceram-se com novos fóruns, templos, aquedutos, teatros, construções comemorativas.

Na arquitetura como em tantos outros aspetos, os Romanos deixaram-se influenciar pelos modelos gregos. Adotaram as **três ordens**, embora revelassem uma nítida preferência pela ordem coríntia, de maior riqueza decorativa. Usaram-nas, no entanto, com maior liberdade do que os Gregos, sobrepondo-as num mesmo edifício ou aglutinando os seus elementos de forma a criar uma ordem compósita (Doc. 18).



1. Arcos e abóbadas (em betão) da nave lateral norte da Basilica de Maxêncio. Iniciado em 308 pelo imperador Maxêncio, este edifício, o maior do Fórum Romano, era composto por três naves: a central, hoje completamente desaparecida, coberta por abóbadas de aresta, sustentadas por 8 colunas; as laterais, divididas em três partes comunicantes, abobadadas. Estes arcos gigantes e as suas abóbadas de caixotões constituíram uma fonte de inspiração para os arquitetos do Renascimento.



2. Galeria do que terá sido o *macellum* (mercado) da Nápoles romana.



Reconstituição da Basilica de Maxêncio.

Questões pág. 101

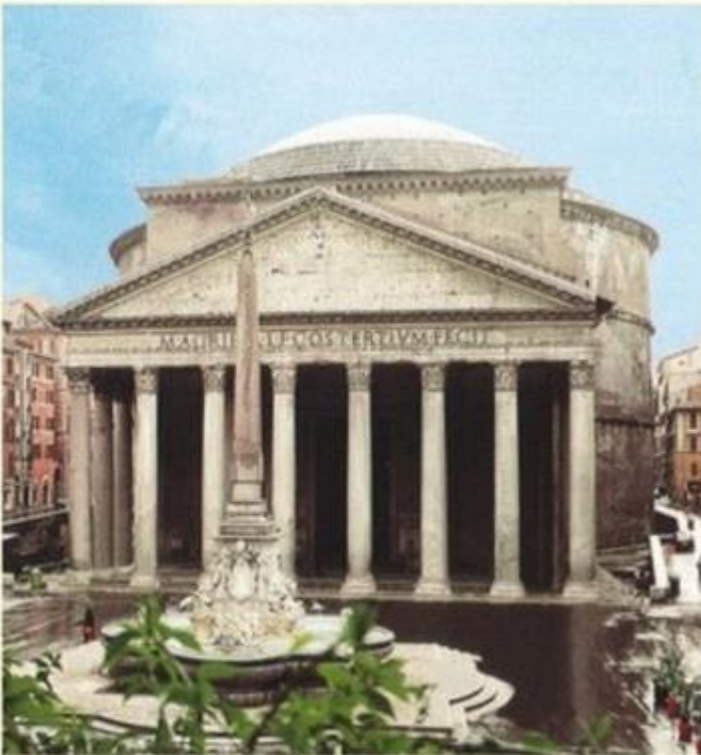
É nos templos que mais se evidencia a influência helénica, quer no alçado, quer na simplicidade da planta. Porém, os Romanos realçaram a imponência do edifício erguendo-o sobre uma plataforma elevada, o *podium* (Doc. 18). Na maior parte dos casos, as esculturas ornamentais do frontão e do friso foram substituídas por uma simples inscrição dedicatória, que elucida sobre os objetivos e as circunstâncias da edificação.

Muito mais livres e criativos que os seus colegas helénicos, os arquitetos latinos souberam tirar partido de diferentes técnicas e materiais, não se limitando ao uso da pedra cortada, sobreposta. O seu espírito prático fê-los adotar materiais mais versáteis e baratos, como o tijolo e o betão (Doc. 19).

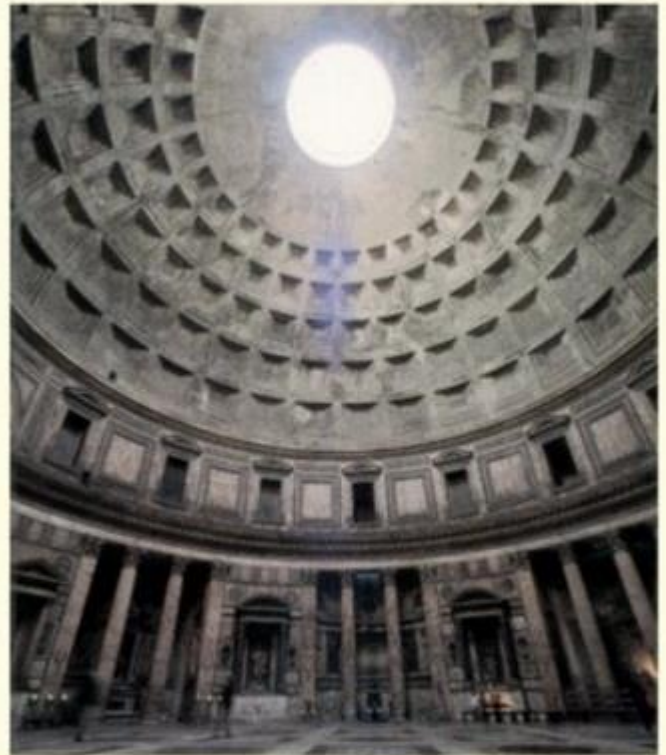
A construção em betão tornou-se uma imensa mais-valia arquitetónica. Além de barato, o betão possuía extraordinária solidez e adaptava-se a qualquer espaço, pois, tal como o atual, vazava-se dentro de moldes de madeira que se retiravam após a secagem.

Estes materiais mais pobres eram, nas grandes construções, “escondidos” por belos revestimentos de mármore e outras pedras, que enriqueciam os edifícios e realçavam as suas formas audaciosas.

Ajudados pela versatilidade dos materiais, os Romanos foram mestres na utilização do arco de volta perfeita (semicircular), substituindo, com frequência, os tetos planos por abóbadas de berço (Doc. 19). Muito pouco usado pelos



1. Fachada.



2. Interior da rotunda.

O Panteão (em grego *Todos os Deuses*) foi mandado restaurar pelo imperador Adriano em 121 d. C. O imperador conservou a fachada exterior do tempo de Augusto, mas o interior foi completamente renovado. Em vez de uma *cello* retangular, para as estátuas divinas, construiu-se uma vasta área de planta circular, coberta por uma cúpula de dimensões impressionantes (43,3 m de diâmetro). A cúpula simboliza, segundo o próprio imperador Adriano, a abóbada celeste, com os seus astros divinizados, sendo o Sol representado pela claraboia central. A grande sala tem uma geometria irrepreensível, nela se podendo inscrever uma esfera perfeita, considerada a "forma fundamental" que pode conter todas as outras. Talvez por isso, Miguel Ângelo, sempre tão crítico face a tudo o que via, tenha ficado fascinado a ponto de considerar que o desenho do monumento fora feito por anjos e não por humanos. Segundo o historiador romano Dion Cássio (c. 155-229), foi esta a sala régia que Adriano escolheu para ditar as leis e para presidir ao Supremo Tribunal. Protegido pelos deuses celestes, o imperador reclamava, sobre a Terra, um poder igualmente divino.

Questões pág. 101

Questões

- 1 Identifique a ordem a que pertence o templo de Nîmes (DOC. 18).
- 2 Que ordens se fundem na ordem compósita (DOC. 18)?
- 3 Compare o edifício apresentado no mesmo documento com os templos gregos que conhece. Tenha em conta:
 - a base do templo;
 - a fachada;
 - a colunata lateral;
 - a ornamentação.
- 4 Refira os materiais utilizados na construção do mercado de Nápoles e da basílica de Maxêncio (DOC. 19).
- 5 Indique os elementos do Panteão que se aproximam do modelo arquitetónico grego. Realce igualmente aqueles que dele se afastam (DOC. 20).
- 6 Distinga abóbada e cúpula.

Gregos, o arco permite diminuir o peso exercido sobre as colunas, que podem espaçar-se, criando grandes vãos.

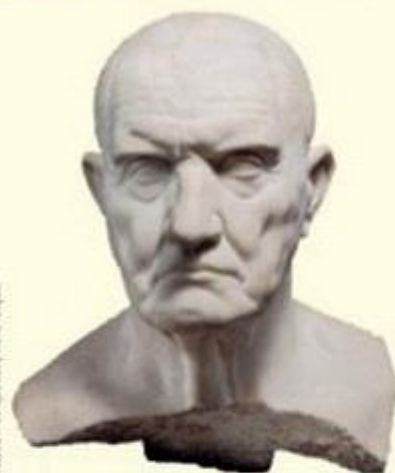
Este refinamento técnico, que culminou na construção de enormes cúpulas, como a do Panteão (DOC. 20), permitiu a criação de **espaços interiores impressionantes**, cenário perfeito para as solenes cerimónias oficiais que exaltavam a glória e o poder romanos.

Mas nem só ao serviço dos deuses e do imperador puseram os arquitetos o seu génio construtivo. Bem pelo contrário, o que mais se evidencia na arquitetura romana é o seu **carácter essencialmente urbano e utilitário**. Os Romanos constroem para a cidade e para os cidadãos: fóruns, teatros, anfiteatros, bibliotecas, termas, aquedutos. Apesar do estado de ruína em que muitas se encontram, estas obras públicas continuam a impressionar-nos pela sua grandiosidade. Lembremos, como exemplo, os 250 000 espectadores que podiam acomodar-se no Circo Máximo!

A este gosto pela grandiosidade não é alheia uma **intenção propagandística**. A imponência das construções espelha a grandeza de Roma, impressiona quem a vê, enche de admiração os povos submetidos.

Esta faceta foi, aliás, completada com grande número de **construções comemorativas**, como os arcos de triunfo, as colunas e os pórticos monumentais (DOC. 22). Só aparentemente desprovidas de qualquer utilidade prática, elas produzem o efeito decorativo e cénico necessário à **exaltação do poder imperial**.

Museo Metropolitano, Roma (esquerda)



1. Retrato de um homem desconhecido, século I a. C.

Museo Britânico, Londres



2. Retrato do imperador Trajano, século II d. C.

Museo Capitolino, Roma



3. Busto do imperador Nero, século I d. C.

A escultura

As obras de escultura são, em Roma, muito numerosas. O Estado e os magistrados multiplicam-nas nos fóruns, nas ruas, nos monumentos antigos e novos da cidade. Os ricos adornam com elas as suas casas, quer em Roma, quer nas províncias, que, em escala mais modesta, imitam a capital.

Mas os escultores romanos não mostram a mesma capacidade inovadora dos arquitetos. Deixam que a criatividade dos **artistas helênicos** domine a produção de estatuária. É a eles que os cidadãos abastados fazem as suas encomendas, contentando-se, muitas vezes, com **réplicas das grandes obras gregas**.

Porém, a atitude dos Romanos muda quando se trata de deixar a sua imagem para a posteridade: feições do rosto, expressão no olhar, movimento dos cabelos, tudo é tratado com tal minúcia e fidelidade que os retratos frequentemente ultrapassam a representação física da personagem para nos darem a ideia do seu carácter (001. 21)¹. A originalidade da escultura romana faz-se sentir nestes **retratos**, dotados de um intenso **realismo**.

Os Romanos souberam também tirar partido de outra vertente da arte de esculpir: o **relevo**. Usaram-no profusamente como elemento decorativo, mas souberam dar-lhe outra função: a de **narrar os grandes feitos do povo romano e exaltar as virtudes dos seus chefes**.

Enquanto os artistas gregos se inspiravam sobretudo nos episódios mitológicos, os Romanos preferiram imortalizar em pedra episódios significativos da sua História: campanhas e vitórias militares, procissões e sacrifícios religiosos, alocuções imperiais ou menções à paz e prosperidade de que gozavam os povos do Império.

Este tipo de relevo, vulgarmente denominado **relevo histórico-narrativo**, foi utilizado, sobretudo, nas construções comemorativas, como as colunas e os arcos de triunfo (001. 22). Mas encontramos-lo, também, noutros edifícios públicos e até em obras de carácter privado, como os sarcófagos, em cujas paredes os escultores imortalizaram os feitos da Pátria romana nos quais o defunto participara ou que, simplesmente, admirava².

¹ Veja também os retratos de Cícero e do imperador Caracala (pp. 82 e 84). ² Veja o sarcófago Ludovisi, nas p. 124-125.

Seguindo uma tradição herdada dos Etruscos, os nobres romanos faziam esculpir, em cera, o busto dos seus progenitores falecidos. Estes bustos, que reproduziam fielmente os traços do retratado, eram transportados no funeral e, depois, colocados num tabernáculo de madeira, em casa, num local bem visível. Foi esta prática que introduziu, em Roma, o gosto pelo retrato pessoal, de cunho realista. Ao contrário dos Gregos, que concediam as honras do retrato aos atletas e heróis, em Roma essa honra coube sempre aos homens públicos, senadores, magistrados e generais.

INTRODUÇÃO

Museo Capitolino, Roma



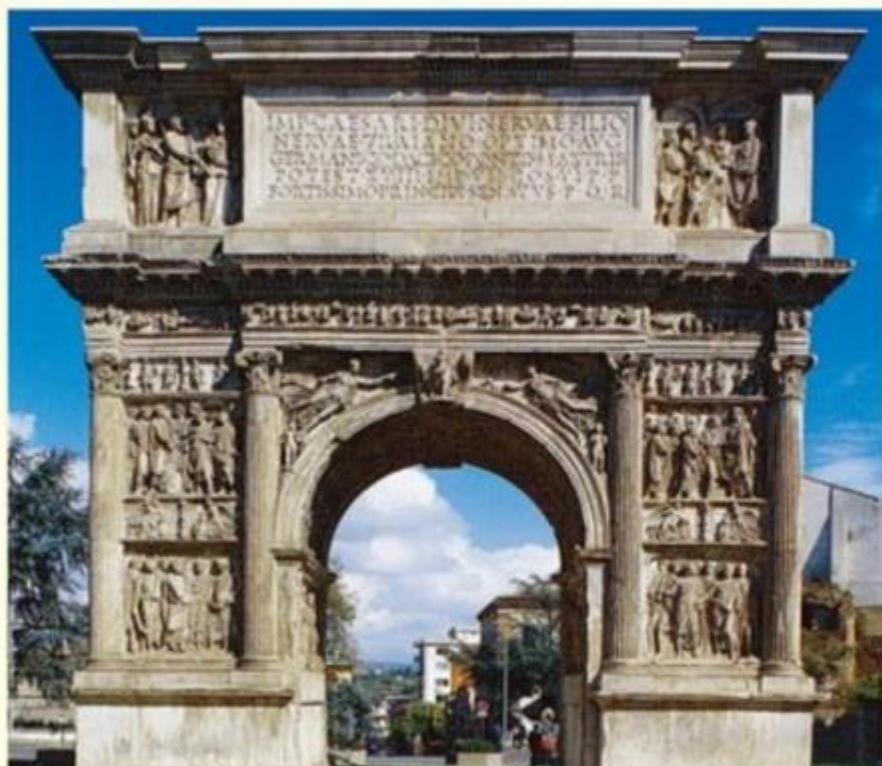
4. Retrato de um patricio romano com bustos dos seus antepassados, século I a. C.



A – A Coluna de Marco Aurélio (c. 190 d. C.)



B – O Arco de Trajano, em Benevento (114 d. C.)



Construído por ordem do Senado para honrar o imperador, o arco triunfal de Benevento (Sul de Itália) é um dos mais bem conservados do mundo romano. Concebidos para perpetuar a memória dos feitos imperiais, os arcos de triunfo influenciaram fortemente a arquitetura europeia que, entre o Renascimento e o século XIX, deles fez numerosas cópias e recriações.



Pormenor de um dos painéis. O relevo alude à reorganização do exército, que Trajano levou a cabo recrutando jovens das províncias.

Questões

- 1 Defina realismo e idealismo. Dê exemplos de obras idealistas e explique por que razão se consideram realistas as obras apresentadas no Doc. 21.
- 2 Para além do seu carácter artístico, que objetivo têm as construções e relevos reproduzidos no Doc. 22? Justifique.

Eu canto as armas e aquele herói¹
que, banido pelo destino,
foi o primeiro que veio de Troia
à Itália e às margens do Lácio.²
[...]
e que introduziu seus deuses no Lácio,
donde saíram a raça latina
e os reis albanos³
e as muralhas da altiva Roma.
[...] Aqui está César e toda a descendência
de Iulo⁴ que há de vir sob o magno polo celeste:
É este o homem, é este, o que muitas vezes
ouviste prometer.
Augusto César, filho de um deus, que a idade do ouro
há de inaugurar de novo no Lácio, nos campos
onde outrora Saturno reinou, e, para além dos
Garamantes e Índios
dilatará o império; [...].

Virgílio – *Eneida*, I e VI, em Maria Helena da Rocha Pereira,
"Romana, Antologia da Cultura Latina"

1 Eneias, herói da Guerra de Troia, em quem entronca a linhagem de Rômulo e de Augusto; 2 Cidade fundada por Eneias, no Lácio; 3 Da cidade de Alba Longa, de onde era natural a mãe de Rômulo; 4 Filho de Eneias.



1. Virgílio recebe inspiração da musa da poesia épica, Calíope (à esquerda, na imagem) e de Melpómene, a musa da tragédia (à direita). Mosaico romano do século III d. C., Tunes. Inspirada nos poemas homéricos, a *Eneida* atribui as origens de Roma ao herói troiano Eneias, filho de um mortal, Anquises, e da deusa Vénus. Nesta epopeia é Eneias quem, depois de uma atormentada viagem pelo Mediterrâneo, aporta ao Lácio, dando origem à raça dos Romanos. Rômulo descenderia de Eneias, tal como a família de Augusto, a *gens Julia*, que teria sido fundada por Iulo, filho do herói troiano.

2.2.4 A apologia do império na épica e na historiografia

A poesia

O principado de Augusto e, de uma forma geral, todo o século I d. C. corresponderam a uma época de grande brilho cultural.

O imperador chamou para a sua corte poetas e escritores a quem cumulo de provas de amizade e de bens materiais. Um dos grandes amigos do imperador, **Mecenas**, reuniu também, junto de si, os maiores talentos literários da época e de tal forma os incentivou que o seu nome ficou para sempre ligado à proteção das artes, falando-se, ainda hoje, de um **mecenas** e de **mecenato**.

Acarinhada pelas altas esferas do poder, a **literatura atinge, então, o seu apogeu**. Poetas como Virgílio, Horácio e Ovídio souberam dar ao latim uma ressonância e uma expressão sublimes, criando obras que se tornaram modelos literários nos séculos seguintes.

Esta proteção das letras não era, todavia, completamente desinteressada. Octávio, que ouvia atentamente a leitura das obras, aplaudia e recompensava as de maior mérito, incentivava os autores a exaltarem as virtudes da sua pessoa e os benefícios do seu reinado. Deste modo, **a poesia fez-se também eco da glória de Roma e da grandeza do príncipe**, atuando como um poderoso meio de propaganda imperial (Box 23).

De entre todos os poetas contemporâneos de Augusto destaca-se Públio Virgílio Maro (70-19 a. C.), considerado «o poeta do príncipe e o



2. Modelo de um **volumen**, o livro da Antiguidade, semelhante ao que segura Virgílio e Calíope, no mosaico reproduzido. Fabricado em papiro ou pergaminho, o **volumen** podia ser enrolado horizontal ou verticalmente. Se o tamanho da obra assim o exigisse, era sustentado por duas hastas, como as que se veem na imagem. O livro dos nossos dias resulta do **codex** (códice), adotado pelos cristãos para os seus escritos religiosos. Mais fácil de manejar, o **codex** é constituído por um conjunto de folhas dobradas em cadernos e cosidas umas às outras.

Questões pág. 105

A – Políbio

Na verdade, quem haverá de tão mesquinho e tão frívolo que não queira saber de que modo e com que espécie de governo é que quase todo o mundo habitado [...] caiu sob o poder único dos Romanos? [...]

Que é grandioso o meu tema, tornar-se-á bem evidente, se pusermos lado a lado as mais célebres potências do passado [...] e as compararmos com o Império Romano. [...]

Mas os Romanos subjugaram, não algumas partes, mas quase toda a terra habitada, e deixaram um poderio tão vasto que é impossível aos nossos contemporâneos resistir-lhe.

Políbio (c. 203 a. C. – 120 a. C.) - *Histórias*

B – Tito Lívio

Farei uma obra útil ao escrever a história do povo romano desde a fundação da nossa cidade? [...] Tal assunto é sobejamente conhecido do público, desde há muito: permanentemente novos autores procuram acrescentar um ou outro pormenor ou suscitar, pela qualidade da sua escrita, mais interesse que o dos relatos inábeis do passado. Como quer que seja, sempre me será grato ter tomado parte em me ocupar da memória das façanhas do povo senhor do mundo [...]. Que trabalho gigantesco implica este tema desmesurado que nos faz retroceder mais de sete séculos! Roma, insignificante na sua origem, cresceu ao ponto de atingir a grandeza que hoje detém [...]. E, se é lícito a um povo atribuir a sua origem aos deuses, tal direito pertence, pela glória das armas, ao povo romano [...]. O meu objetivo é que cada leitor sinta o desejo de se concentrar nos seguintes pontos: como era a vida e quais os costumes de então; por que varões, com que artes, na paz e na guerra, se fundou e aumentou o império. [...]

O conhecimento da História é particularmente salutar e fecundo pois faz-nos descobrir, nos seus relatos, comportamentos exemplares. Permite-nos colher inspiração para a nossa conduta particular e pública, evitando comportamentos ignominiosos, de funestas consequências. Deixo-me talvez levar pelo amor que nutro pelo meu projeto mas a verdade é que jamais se conheceu um Estado tão grande, tão rico e tão cheio de bons exemplos. A nenhuma outra cidade demorou tanto a chegar a fascinação pelo dinheiro e pelo luxo.

Tito Lívio (c. 59 a. C. – 17 d. C.) - *História Romana, Prólogo*

Questões pág. 105

Questões

- 1 Distinga, no excerto da *Eneida* (DOC. 23):
• os versos dedicados a Roma;
• os versos dedicados ao imperador.
- 2 Mostre a intenção glorificadora do poema (DOC. 23).
- 3 Que sentimento exprimem Políbio e Tito Lívio face às conquistas romanas (DOC. 24)?
- 4 Transcreva uma frase que evidencie claramente as intenções apologéticas de cada um dos textos transcritos (DOC. 24).
- 5 Exponha as razões que, segundo Tito Lívio, justificam o apreço pela História (DOC. 24).

príncipe dos poetas". A instâncias do imperador, dedicou os últimos sete anos da sua vida a uma grande obra épica, a *Eneida*, que se tornou o **poema nacional** por excelência. Nele, os Romanos são vistos como descendentes dos deuses e Augusto como o homem predestinado para governar o Império, trazendo-lhe ainda mais poder, fama e prosperidade (DOC. 23).

A História

As inúmeras vitórias dos Romanos e a grande tenacidade que demonstraram na construção do seu império impressionaram, desde cedo, os historiadores. Assim, a *História* revestiu uma **feição pragmática**, procurando **justificar o domínio de Roma e pôr em evidência a sua ação civilizadora**. Este objetivo está presente nas obras de Políbio, Júlio César, Tito Lívio e Tácito, entre outros. Foi, no entanto, o historiador Tito Lívio aquele que mais glorificou a História da sua pátria. Tito Lívio deixou-nos uma imensa obra, que abrange toda a História de Roma, desde a fundação da cidade até ao ano 9 a. C. Escreveu, sobre este assunto, 142 livros, aos quais dedicou 40 anos da sua vida (DOC. 24)!

Desta *História Romana*, chegou até nós apenas uma pequena parte. É, no entanto, o suficiente para podermos avaliar o patriotismo ardente e a profunda crença no destino grandioso de Roma que animou o seu autor. Engrandecendo, como nenhuma outra, o nome romano, a *História* de Tito Lívio rapidamente se popularizou. Dela se fizeram numerosos resumos, destinados, alguns, a servir como manuais na extensa rede de escolas que os Romanos tiveram o mérito de espalhar por todo o Império.

Há pouco tempo, quando estive na minha terra natal, veio cumprimentar-me o filho de um conterrâneo [...]. Disse-lhe eu: “Andas a estudar?” [...] “Ando.” “Onde?” “Em Milão.” “E porque não aqui?” Diz o pai [...]: “Porque aqui não temos professores nenhuns.”

[...] Quanto dinheiro seria preciso para contratar professores [...]? Até eu, que ainda não tenho filhos, estou pronto, em favor do meu país, a dar a terça parte [...]. Prometeria até a totalidade, se não receasse que esta minha dádiva algum dia viesse a ser alterada pela corrupção eleitoral, como vejo suceder em muitos sítios, nos quais os mestres são contratados pelo governo. [...]

Nada podeis fazer de mais honroso do que ser útil aos vossos filhos, nada de mais grato à vossa terra. [...]

[...] Peço-te, pois, e rogo-te [...] descubras quais os mestres a quem poderíamos atrair [...].

Plínio, o Moço, político e escritor (c. 61-114 d. C.) - *Cartas*



1. Cena escolar típica de qualquer escola do Império, relevo proveniente de Neumagen, Alemanha, c. 200 d. C.

O mestre senta-se ao meio, entre dois alunos que desenrolam o seu *volumen*. Um terceiro (à direita) transporta a *capsa*, caixa de madeira em que se guardava o material necessário à escrita. Parece ter chegado tarde e apresenta, por isso, desculpas ao professor.

O dia escolar começava cedo, mesmo antes do romper do sol, e prolongava-se pela tarde. Tal como hoje, o ano letivo durava cerca de nove meses (de outubro a junho), mas decorria praticamente sem interrupções.

As pancadas com a vara e a correia de couro faziam parte do quotidiano escolar, tal como os puxões de orelhas, considerados muito apropriados já que, no dizer de Dionísio de Halicarnasso, “sendo elas sede da memória, havia vantagem em desenvolvê-las”.



2. Material escolar da época romana, séculos I-II d. C. Os alunos escreviam em tabuinhas de cera como a da imagem 1, que riscavam com um estilete afiado, apagando depois com a outra ponta, de configuração achatada 2. Para um registo permanente usava-se papiro ou pergaminho e escrevia-se com um cálamo (feito geralmente com um caule de lótus) que se molhava num tinteiro 3.

Questões pág. 107

2.2.5 A formação de uma rede escolar urbana uniformizada

O ensino

Ir à escola era, em Roma, uma coisa comum. Ao completar 7 anos, rapazes e raparigas eram enviados ao *litterator*, espécie de professor primário, que lhes ensinava as primeiras letras. Só os mais abastados, que podiam dispor de mestres particulares, estudavam em casa.

O currículo deste ensino primário, que se estendia dos 7 aos 11 anos, não era muito diferente do das escolas helénicas. Para além da escrita, da leitura e do cálculo, os alunos decoravam os trechos poéticos mais edificantes e máximas morais. É que, tal como hoje e sempre, para além da aprendizagem propriamente dita, o ensino obedecia a determinados fins educativos. Cícero enumerou-os: o domínio de si, a obediência a toda a autoridade e a benevolência para com o próximo.

Para o nível secundário, ministrado pelo *gramático*, transitavam apenas aqueles (rapazes e raparigas) que tinham mais posses, já que era muito mais dispendioso. Aí se aperfeiçoavam os conhecimentos da língua e se estudavam as principais obras literárias: a poesia de Virgílio, a retórica de Cícero e a História de Salústio e Tito Lívio encabeçavam o currículo. A matemática, a geometria, a música e a astronomia, embora ensinadas, ocupavam um lugar secundário. Finalmente, aos 17 anos, uma minoria de rapazes ingressava no ensino superior, ministrado pelo *rethor* (mestre de retórica).

Embora tenha havido, em Roma, mulheres muito cultas, este terceiro

Visto considerar que os estudos próprios dos homens livres são úteis às cidades, tanto no interesse geral como particular, e são consagrados aos deuses pelos gramáticos e retóricos que incutem nos espíritos sentimentos de humanidade e de virtude cívica, aos deuses Mercúrio e às Musas no que toca aos professores, aos deuses Apolo e Esculápio no que concerne aos médicos e seus ajudantes [...] ordeno que não sejam [professores e médicos] compelidos a oferecer alojamento nem a pagar impostos de espécie alguma.

E se houver pessoas sob a minha autoridade que ousem injuriá-los ou constrangê-los a pagar qualquer caução ou que persigam judicialmente um mestre, um médico ou um dos seus ajudantes, que aqueles que cometerem tais atos de perseguição paguem uma multa de... dracmas a Júpiter Capitolino. [...]

Edito de Vespasiano sobre os Privilégios dos Mestres e dos Médicos, datado de 74 d. C. e inscrito numa placa de mármore encontrada em Pérgamo

Se quis ir para Roma, não foi para obter maiores honorários ou maiores honras – promessas que me faziam os amigos que me incentivavam a partir – e, mesmo se tais considerações também influenciassem o meu espírito, a razão principal e por assim dizer única foi que, de acordo com as minhas informações, lá, os jovens estudavam muito mais calmamente e eram contidos por uma disciplina mais severa: ela impede-os de irromper, desordenada e descaradamente, na sala de aulas dos que não são seus professores, não sendo aí admitidos senão com autorização expressa do mestre.

Em Cartago, pelo contrário, o deixa andar dos estudantes é horrível e descontrolado: levantam-se de forma intempestiva e, quais dementes, poderia dizê-lo, perturbam a ordem que cada mestre estabeleceu no interesse dos seus alunos. [...] Pensam agir impunemente enquanto a cegueira do seu comportamento lhes acarreta um prejuízo incomparavelmente maior do que aquele que infligem.

Santo Agostinho, rethor e Doutor da Igreja (354-430 d. C.) – Confissões, V, 8, 398 d. C.

Questões

- 1 Com base no Doc. 25 mostre:
 - o valor dado por Plínio à instrução;
 - o empenhamento dos poderes públicos no sistema do ensino.
- 2 O que motiva o imperador Vespasiano a conceder privilégios aos mestres (DOC. 26)?
- 3 Que atrativos oferecia o ensino em Roma (DOC. 27)?
- 4 Explique o sentido do último período do texto de Santo Agostinho (DOC. 27).

nível de ensino não fazia qualquer sentido para as raparigas, já que se centrava na aprendizagem da Retórica e do Direito, destinados ao desempenho de altos cargos políticos e administrativos, reservados aos homens.

Frequentar o ensino de um *rethor* representava, pois, uma forma de aceder aos postos mais elevados da sociedade romana.

A difusão da rede escolar

Roma encheu de escolas as regiões que conquistou. Embora, na generalidade, a sua criação se devesse à iniciativa particular (Doc. 25), o Estado desde cedo incentivou o ensino, no qual viu um **poderoso meio de unificação cultural do Império**.

Assim:

- Insistiu com as autoridades municipais para que criassem escolas e suportassem os seus custos.
- Concedeu aos professores proteção e privilégios de ordem fiscal, isentando-os de impostos (Doc. 26).
- Custeou a atividade de alguns gramáticos e, sobretudo, de retóricos, a fim de tornar gratuito o seu ensino.

Por todo o mundo romano ficaram numerosas referências quer às escolas, quer aos professores, quer ao sonho de ensinar e aprender na capital, onde exerciam os mestres mais famosos (Doc. 27). A escola foi, em Roma, uma instituição reconhecida, da qual se esperava a formação do *vir bonus*, o “homem bom”, identificado com o cidadão cumpridor, honesto, inteligente e culto. Pragmáticos por natureza, os Romanos sabiam que a educação e a cultura fazem tanto ou mais por um império do que as proezas militares.



Décimo Júnio Bruto junto do rio Lima, tapeçaria de Almada Negreiros.

No século II a. C., o Norte da península era, para os Romanos, uma região praticamente desconhecida, rodeada de mistério e superstição. Quando chegaram junto do Lima, os soldados romanos, impressionados com a beleza das suas margens, pensaram tratar-se do lendário rio Letes, o rio do esquecimento. Por isso, recusaram-se a transpô-lo, acreditando que, se o fizessem, se apagariam todas as suas memórias. Foi então que Décimo Júnio Bruto o atravessou sozinho e, chegado à outra margem, chamou pelo nome os seus centuriões. Assim desfeita a crença dos soldados, a expedição continuou mas, mais a norte, nas margens do Minho, foi o próprio general que cedeu ao temor, ao "ver" um mau presságio, num pôr do Sol, junto ao mar. A campanha não prosseguia.

Questões pág. 109

2.3 A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização da Península Ibérica

O mundo romano atingiu um notável grau de uniformidade cultural. Passadas as violências da conquista, enquanto o tempo sarava as feridas e a vida regressava à rotina do quotidiano, os povos submetidos deixavam-se cativar pela superioridade civilizacional dos Romanos e adotavam, de bom grado, o seu modo de viver e os seus valores.

O mesmo urbanismo, as mesmas instituições, a mesma estrutura social uniam as províncias mais longínquas. Em todas se falava o latim¹, se honravam os deuses romanos e se aplicavam as normas do Direito.

A esta **integração plena das províncias no espaço civilizacional romano** chamamos, vulgarmente, **romanização**.

A romanização foi um **processo lento** mas seguro que, pouco a pouco, transformou em cidadãos romanos os povos conquistados. Embora algumas áreas tenham sido mais plenamente romanizadas do que outras, todo o Império sofreu a sua influência.

Na opinião de alguns historiadores, a Hispânia era a província mais romanizada do Ocidente. Como se processou, aqui, a conquista romana? De que meios se serviu o processo de romanização?

¹ Na zona oriental do Império, o grego era, também, língua universal.

Conceitos

Romanização* — Processo de transmissão da cultura romana aos diversos povos do Império. A romanização foi um processo lento que, embora de forma desigual, atingiu todo o espaço político romano. Na opinião da maioria dos historiadores, o processo de romanização culmina com o Edito de Caracala (212 d. C.), que concede a plena cidadania romana aos homens livres do Império.

* Conceito estruturante

A norte do Tejo estende-se a Lusitânia, habitada pela mais poderosa das nações ibéricas e que entre todas por mais tempo deteve as armas romanas. [...]

Os Lusitanos são excelentes para armar emboscadas e descobrir pistas, são ágeis e destros. O escudo de que se servem é pequeno, só com dois pés de diâmetro, a parte anterior é côncava [...]. Armam-se com um punhal ou grande faca; a maioria tem couraças de linho. [...]

Os Lusitanos sacrificam frequentemente aos deuses, examinam as entranhas sem as arrancar do corpo das vítimas, observam também as veias do peito e tiram certas indicações do simples contacto. Consultam até em certos casos as entranhas humanas, servindo-se para isto dos prisioneiros de guerra, que revestem previamente duma veste para o sacrifício [...].

Todos estes montanheseiros são sóbrios, bebem geralmente só água, deitam-se no chão [...]. Nas três quartas partes do ano, o único alimento na montanha são as glandes de carvalho, que, secas, quebradas e pisadas, servem para fazer pão, que pode guardar-se por muito tempo. [...]

Nas terras interiores só se conhece, pela carência de moedas, o comércio de troca, ou então cortam-se lâminas de prata em bocadinhos, que se dão em pagamento do que se compra.

Estrabão, historiador e geógrafo greco-romano (c. 63 a. C. – c. 24 d. C.) – *Geografia*

Guerreiro lusitano? (Estátua proveniente de Boticas, Vila Real, século I d. C.)

Armados com o escudo redondo e punhal curto, estes guerreiros foram, durante muito tempo, identificados com os heroicos resistentes da Lusitânia descritos por Estrabão. Hoje põe-se a hipótese de representarem um deus da guerra, heróis divinizados ou, simplesmente, chefes político-militares da zona da Colóquio, onde foram encontrados.



Questões pág. 109

Questões

- 1 Quanto tempo foi necessário para a conquista da Península Ibérica (DOC. 28)?
- 2 Compare o nível civilizacional de Romanos e Lusitanos (DOC. 29).
- 3 Depois de uma breve pesquisa, elabore uma nota biográfica sobre Viriato, o intrépido chefe dos Lusitanos.

2.3.1 A conquista

Os Romanos chegaram pela primeira vez à Península em 218 a. C. e começaram por fixar-se nas regiões do Sudeste. Aí não encontraram grandes dificuldades. Os habitantes, acostumados ao contacto com povos diversos, opuseram pouca resistência e o domínio romano estabeleceu-se com relativa rapidez.

O mesmo não se passou na zona central e norte da Hispânia. Tribos aguerridas, como a dos Lusitanos (DOC. 29), lutaram tenazmente contra o domínio estrangeiro. Durante dois séculos, Roma concentrou na Península grande número de efetivos militares e confiou aos mais prestigiados generais o comando das operações contra os resistentes. Foi o caso de Décimo Júnio Bruto, o primeiro a conduzir os seus exércitos para além do rio Lima (DOC. 28), de Júlio César, que aqui chegou em 61 a. C., e, por fim, do próprio Octávio, que concluiu pessoalmente a pacificação do território (DOC. 28).

Nesta última campanha, que se iniciou em 29 a. C. e se prolongou por 10 anos, foi vencida a resistência dos povos do Norte – Calaicos, Ástures e Cântabros – que atacavam repetidamente as regiões já pacificadas.

A conquista da Península foi, pois, difícil e atribulada, prolongando-se por cerca de dois séculos. Mas, muito antes de estar terminada, os Romanos tinham já iniciado, nos territórios sob o seu domínio, o processo de romanização.



Divisão administrativa de Augusto (c. 27 a. C. – 216 d. C.).

Concluída a pacificação do território, Octávio reorganizou a estrutura administrativa da Península, que dividiu em três províncias: a **Lusitânia**, com a capital em Emerita Augusta, recebeu o nome dos ageridos povos que habitavam a norte do Tejo; a **Tarraconensis**, a mais extensa, tinha a capital em Tarraco; e a **Baetica**, que, atravessada pelo rio Baetis (Gualdalquivir) e centrada em Corduba, era de todas a mais próspera.

Anualmente, o governador de cada província reunia em diferentes cidades com os representantes locais, a fim de ouvir queixas, transmitir diretrizes administrativas e, sobretudo, exercer a justiça. Com o tempo, estas reuniões (em latim *conventus*) deram origem aos *conventus iudicii*, subdivisões administrativas de tipo judicial. Ao todo, a Hispânia foi dividida em 14 *conventus*, organizados em torno da cidade onde se efetuavam as referidas reuniões.

Questões pág. 113

2.3.2 Os veículos da romanização

A romanização estendeu-se, embora de forma desigual, a toda a Hispânia.

No Sul, a cultura romana penetrou tão rápida e profundamente que, segundo o relato de Estrabão, no tempo de Augusto, os Turdetanos (povos da Bética) tinham já esquecido o seu próprio idioma.

Em contrapartida, nas zonas central e norte da Península (em Portugal, a norte do Tejo) as populações permaneceram mais ligadas à cultura nativa, pelo que o processo de romanização foi mais lento e superficial.

Apesar destes particularismos regionais, os Romanos deixaram, na sua permanência de sete séculos em terras ibéricas, uma obra notável e duradoura, que nos marcou profundamente. Vejamos como.

O exército e a imigração

O processo de romanização iniciou-se com a chegada dos primeiros exércitos (Box 31). Os legionários contactaram de perto com os habitantes locais e alguns, findo o serviço militar, estabeleceram-se definitivamente na Hispânia.

Para além de serem **portadores da cultura romana**, os legionários iniciaram um processo de miscigenação com as populações nativas, de tal forma que, em 171 a. C., foi fundada uma colónia (Carteia) para acolher as famílias indígenas dos soldados romanos.

A **participação de hispânicos no exército**, contratados como auxiliares,

Conceitos

Aculturação – Processo de adaptação de um grupo ou povo a uma cultura diferente da sua. Os grupos minoritários ou os povos que se encontram sob dominação externa têm tendência para absorver a cultura dominante. Considera-se que este processo é tanto mais fácil e profundo quanto maior for o desnível civilizacional entre os dois grupos. Assim se entende que, no caso romano, as regiões do Ocidente tenham sido mais profundamente romanizadas do que as do Oriente, onde o brilhantismo da cultura helénica bloqueou, em parte, o processo de romanização.



1. O Castelo da Lousa, em Mourão, sobre o rio Guadiana, é um dos mais imponentes vestígios militares romanos em território português. Terá sido construído na segunda metade do século I a. C., para acomodar o destacamento permanente de militares que controlava a região.



2. Capacete de bronze encontrado no povoado indígena de Cabeça de Vaíamonte. Corresponde ao tipo usado pelas tropas romanas durante a conquista da Península, nos séculos II e I a. C. Juntamente com outros vestígios militares encontrados em povoados pré-romanos, atesta os contactos entre as tropas invasoras e os primitivos habitantes.

Questões pág. 113

100. 32 Um "pacto de hospitalidade"



Placa de bronze de Monte Murado (Vila Nova de Gaia), na qual se encontra gravado o "pacto de hospitalidade" transcrito neste documento. Segundo o historiador Carlos Fábão, acordos deste tipo, entre um romano e um chefe de família indígena, «constituíram poderosos fatores de romanização das populações da longínqua finisterra das províncias hispânicas».

"Sendo cônsules Q(uintus) Sulpicius Camerinus e C(aius) Poppaeus Sabinus (9 d. C.), D(ecimus) Iulius Cilo, filho de M(arcus), da tribo Galéria, fez um pacto de hospitalidade com Lugarius, filho de Septanius, dos Turdili Veteres, e recebeu-o a si, aos seus filhos e descendentes na fidelidade e clientela¹ de si próprio, de seus filhos e de seus descendentes. Lugarius, filho de Septanius, fez."

"Pacto de hospitalidade" hispano-romano, 9 d. C., em *História de Portugal*, dir. de José Mattoso.

1 A clientela era, em Roma, uma instituição social que ligava dois homens de condição diferente: o patrono, mais poderoso, protegia o cliente que, em troca, lhe devia respeito e fidelidade.

Questões pág. 113

atuou no mesmo sentido. Depois de licenciados, quando regressavam à sua terra natal, estes elementos desempenhavam um importante papel como divulgadores da cultura romana.

Para além dos elementos do exército, vieram para a península numerosos **imigrantes italianos** (Doc. 32). Esta imigração aumentou significativamente no tempo das guerras civis que ensombraram o século I a. C., trazendo para a Hispânia elementos da classe alta, fugidos das perseguições políticas, que aqui refizeram as suas vidas.

O aumento do número de verdadeiros romanos e os muitos contactos estabelecidos com as populações locais impulsionaram, de forma significativa, a **aculturação** dos povos peninsulares.

A ação das autoridades provinciais

Sob o domínio romano desenharam-se quadros administrativos eficazes que persistiram durante séculos, resistindo mesmo à queda do Império.

As autoridades romanas, fossem elas governadores de província ou simples magistrados urbanos, tiveram uma ação relevante na aculturação dos povos dominados.

Embora, em alguns casos, tivessem imposto pela força novas formas de viver¹, de um modo geral as autoridades romanas **mostraram uma atitude de tolerância e respeito pelos nativos**, que puderam preservar os seus costumes.

1 Estas medidas violentas foram tomadas contra os povos mais aguerridos, que, estrinheitados no cimo dos montes, continuavam a atacar as planícies já ocupadas pelos Romanos.

Embora C. Julius Agrícola (40-93 d. C.) tenha exercido funções de governador na Grã-Bretanha, podemos pautar, pelo seu exemplo, a atuação das autoridades romanas junto das populações que pretendiam romanizar.

No último inverno [Agrícola] foi absorvido por uma política das mais salutaras: com efeito, a fim de que estes homens mal fixados e incultos, por isso inclinados a combater, se habituem a uma vida agradável e tranquila [...], exortou-os, a título privado, e ajudou-os, a título oficial, a empreender a construção de templos, fóruns, casas, louvando as pessoas resolutas e vituperando os indolentes. Deste modo, uma rivalidade de prestígio substituiu a violência.

Enquanto preparava os filhos dos notáveis nas artes liberais, apreciava a intuição dos Bretões, considerando-a acima da pesada aplicação dos Gauleses; os mais propensos há pouco a rejeitar a língua de Roma ardiam agora em zelo para a falar eloquentemente. Depois isto foi até ao vestuário que nós temos a honra de trajar, e a toga multiplicou-se; progressivamente, chegaram a gostar dos nossos próprios vícios, do prazer dos pórticos, dos banhos e do requinte dos banquetes; e estes iniciados levavam a sua inexperiência a chamar civilização ao que não era senão um aspeto da sua sujeição.

Tácito, político e historiador (sécs. I-II d. C.) - *Vida de Agrícola*

Questões pág. 113

Esta atitude, que estabeleceu um **clima de paz e confiança**, foi muito positiva para o processo de romanização, já que favoreceu a atração das populações pela civilização romana, à qual foram aderindo de livre vontade e de forma gradual.

Para acelerar este processo, as autoridades provinciais não só se empenharam na construção de obras públicas como souberam atrair os filhos dos chefes indígenas, que fizeram educar à maneira romana (Doc. 33). Assim se criaram **elites locais**, constituídas por indivíduos completamente romanizados, que passaram a ocupar um lugar de destaque na administração do território.

A língua, a religião e o Direito

A língua foi, com certeza, a herança mais duradoura que os Romanos nos legaram. O **latim**, inicialmente limitado aos atos e documentos oficiais, rapidamente se difundiu, facilitando a comunicação entre conquistadores e conquistados. A partilha de uma **língua comum** tornou-se, como é evidente, um poderoso elemento de uniformização cultural.

No mesmo sentido atuaram a religião e o Direito.

A **religião**, porque estendeu os deuses romanos oficiais às regiões mais longínquas. Neste domínio, mais uma vez atuou positivamente a tolerância romana, que soube impor os seus cultos sem proibir os alheios (Doc. 34). As antigas divindades locais coexistiram pacificamente com as divindades romanas, às quais, porém, se destinavam os templos mais sumptuosos. É neste contexto que devemos integrar o **culto do imperador** (Doc. 35), cuja importância como fator de coesão analisámos já.



1. Ara de granito consagrada ao deus indígena Trebaruna (divindade protetora local), onde poder-se: Tongio, filho de Tongétamo, igeditano (isto é, natural de Egitânia, a cidade romana que se encontra sob Idanha a Velha), soldado, dedicou esta ara a Trebaruna, cumprindo de bom grado o voto que lhe tinha feito (tradução de J. Leite de Vasconcelos).

As aras constituem uma forma de devoção tipicamente romana, pelo que, como notou o historiador Carlos Fábão, a sua consagração a divindades pré-romanas documenta «uma situação interessante de aculturação, na qual o nativo presta ainda o culto às suas antigas divindades, não já ao seu modo, mas reproduzindo os gestos e hábitos culturais do conquistador», em *História de Portugal*, dir. de José Mattoso). O mesmo se passa com a representação de Endovêlico (em baixo), deus ligado à medicina, cujo culto foi muito popular na Lusitânia. Embora se trate de um deus local, os traços da sua fisionomia enquadram-se na iconografia romana.



2. Cabeça de Endovêlico, proveniente do santuário dedicado ao deus, em S. Miguel da Mota.

Questões pág. 113



Templo romano de Évora, fim do século I d. C.

Imponente sobre um *podium* alto rodeado por um espelho de água, o templo ocupava uma posição destacada no fórum da cidade. Nas épocas medieval e moderna teve utilizações variadas, chegando a servir de açougue e de paço da Inquisição.

Questões pág. 113

O templo de Évora é provavelmente o mais conhecido monumento romano do atual território português. Chegou até nós porque foi sucessivamente reaproveitado, com diferentes funções. [...]

Uma tradição sem fundamento atribuía-o ao culto a Diana, relacionando-o com a figura de Sertório. Trata-se, na realidade, do principal templo do antigo fórum da *Liberalitas Iulia Eboracensis*, consagrado a cultos institucionais, talvez mesmo ao culto do imperador divinizado.

Naturalmente, o que resta deste templo não é mais que uma ruína: o *podium* seria argamassado, estucado e pintado, isto é, não eram visíveis os blocos pétreos, falta a *cella*, o espaço sagrado propriamente dito, uma vez que a colonata exterior era somente a envolvente, e os fustes das colunas de granito estariam igualmente revestidos com estuque pintado. Para além do mais, tinha um tanque de água, que o envolvia por três dos quatro lados, e estava integrado num recinto monumental mais vasto, que incluía uma ampla praça pública, pavimentada com placas de mármore, uma basílica e um pórtico.

Carlos Fábão - *A Herança Romana em Portugal*, CTT, 2006

Questões

- 1 A que zonas do nosso país corresponde a antiga província da Lusitânia? Onde ficava a sua capital (DOC. 30)?
- 2 Indique o nome latino de cinco cidades portuguesas da atualidade (DOC. 30).
- 3 Explique por que razão os militares romanos (DOC. 31) são considerados os primeiros agentes da romanização.
- 4 No "pacto da hospitalidade" transcrito no Doc. 32, quem se apresenta em situação de superioridade? Fundamente.
- 5 Identifique, no relato de Tácito, elementos característicos da civilização romana adotados pelos Bretões (DOC. 33).
- 6 Explique a frase: «estes iniciados... senão um aspeto da sua sujeição» (DOC. 33).
- 7 Nos Docs. 34 e 35 distinga:
 - os elementos que melhor atestam a tolerância religiosa dos Romanos;
 - os elementos que melhor representam a sua dominação.

Quanto ao **Direito**, ele desempenhou, como já vimos, um papel primordial nas relações entre os Romanos e os povos dominados. O respeito pela lei era imposto a todos e todos o aceitavam, vendo nele a garantia da ordem, da segurança e da paz. Para além disso, as regras definidas pelo Direito espelhavam a forma de pensar dos Romanos, os seus valores e a sua ideia de justiça, que, por esta via, se iam disseminando pelo Império.

Uma densa rede de cidades

Como vimos, os Romanos fizeram da cidade o centro da sua vida política, económica, cultural e religiosa. Tinham consciência de que nela residia o cerne da sua cultura e do seu modo de viver. Assim sendo, não admira que a romanização tenha arrastado consigo o **desenvolvimento da vida urbana**.

À exceção da província da Bética, onde a tradição urbana era antiga, a Península Ibérica era uma região de pequenos povoados. Os Romanos sentiram, por isso, a necessidade não só de remodelar profundamente alguns núcleos indígenas como de proceder à fundação de cidades completamente novas.

Estas **cidades**, que desempenhavam importantes funções administrativas, tornaram-se um **polo de atração dos habitantes locais**, que, lentamente, a elas afluíram, deixando ao abandono muitas das antigas povoações.

Tal como os habitantes do Império, as **cidades não tinham todas o mesmo estatuto**. Algumas eram **colónias**, isto é, cidades criadas de novo e povoadas por **verdadeiros romanos**, que escolhiam viver nas novas regiões (Doc. 36A).

36 As colónias

A – A natureza das colónias

As colónias [...] não vêm do exterior para a nossa cidade (= cidade romana) e não têm as suas raízes próprias mas são como produtos da cidade e possuem todos os direitos e instituições do povo romano [...]. Esta condição [...] é considerada como melhor e preferível por causa da grandeza e majestade do povo romano, do qual essas colónias parecem imagens em miniatura, por assim dizer reproduções.

Aulo Gélio, gramático e escritor (séc. II d. C.),
Noites Áticas

B – O esplendor de Mérida

... Recordarei a ilustre Emerita, nome latino,

Banhada por um rio tão grande como o mar,

Perante a qual toda a Hispânia baixa a frente.

Nem Corduba, nem Tarraco, poderosa cidadela, rivalizam contigo

Nem Bracara, que se vangloria da sua riqueza.

Ausonius, poeta do século IV d. C. -
Ordo Urbium Nobilium

Em muitas colónias estabeleciam-se antigos soldados, cuja longa carreira de armas era recompensada com a concessão de boas terras. Assim nasceu, por exemplo, *Emerita Augusta* (Mérida), a capital da Lusitânia, que Augusto fundou para aí instalar os reformados (*emeritus*) das legiões V e X, que tinham combatido no Norte da Península (Dac. 368).

Quer fossem de origem militar, quer povoadas por emigrantes da Península Itálica em busca de uma vida melhor, as colónias tornaram-se um importante núcleo de desenvolvimento e de romanização, tendo contribuído fortemente para a aculturação dos povos locais. No nosso território, eram colónias *Pax Julia* (Beja) e *Scalabis* (Santarém). Já que o seu povoamento resultava de um grupo de verdadeiros romanos, as colónias tinham direitos e privilégios iguais aos de Roma, isto é, eram cidades de **Direito Romano** e os seus cidadãos usufruíam da cidadania plena.

Um degrau abaixo ficavam os **municípios**. Os municípios eram povoações ou cidades preexistentes que os Romanos distinguiam com privilégios e se tornavam, por isso, ativos focos de romanização.

Aos municípios era, geralmente, concedido o **Direito Latino**, mas, a título excecional, podiam obter o **Direito Romano**¹, equiparando-se, neste caso, aos habitantes das colónias.

¹ Relembre as pp. 84-85

37 Os municípios

Cerca de 73 d. C., o imperador Vespasiano elevou a generalidade das cidades hispânicas à categoria de município. Esta medida implicou uma maior autonomia administrativa que teve, naturalmente, de ser regulamentada. O extrato da lei que se segue reporta-se ao pequeno município de Irni, perto de Sevilha, e dá-nos conta da forma como se processava a eleição dos magistrados.

Sobre a votação

O [duúviro] que convoque os comícios em virtude da presente lei chame os munícipes por cúria¹, para que votem, fazendo-o de uma só vez para todas as cúrias, e que as cúrias, cada uma no seu recinto próprio, votem por tabuinha².

Também deve providenciar para que haja, junto à cesta³ de cada cúria, para a vigiar e fazer o escrutínio dos votos, três pessoas nomeadas entre os munícipes que pertençam àquela cúria, devendo cada uma delas jurar que fará de boa-fé a contagem e declaração dos votos. Não se impeça também que os candidatos designem vigilantes para junto de cada cesta. Que esses vigilantes, tanto os nomeados por quem convoca os comícios como os nomeados pelos candidatos, votem cada um na cesta da cúria em que foram colocados e que os seus votos sejam tão conformes ao direito e válidos como se tivessem votado, cada um deles, na sua própria cúria.

Lex Irnitana, promulgada pelo imperador Domício, em 91 d. C., caps. 52 e 55

¹ Cúrias – grupos em que se dividiam as primitivas tribos de Roma. Correspondem, para efeitos de voto, a circunscrições territoriais. Não confundir com Cúria, o nome dado à Assembleia Municipal.

² Refere-se ao “boletim de voto”. O nome do candidato escolhido era gravado pelo eleitor numa pequena tabuinha.

³ Corresponde à urna onde se depositam os votos.



Estátua masculina envergando a toga, século I d. C. Encontrada em Myrtilis (Mérida), um dos primeiros municípios do nosso território, esta estátua apresenta, na base do pescoço, uma cavidade destinada a encaixar uma «cabeça-retrato» amovível, permitindo assim homenagear, sucessivamente, vários magistrados.

A – Conimbriga



1. Peristilo da *domus* conhecida como “Casa dos Repuxos”, em Conimbriga. O nome da casa provém dos jogos de água do jardim do peristilo, cujas canalizações originais ainda funcionam. Conimbriga é a nossa maior estação arqueológica, sendo também a mais visitada do país. As escavações, que começaram em 1873, ainda continuam.



2. Planta de Conimbriga (pormenor).

B – Miróbriga



1. Vista das termas. Em cima, um dado proveniente deste mesmo recinto. Situada perto de Santiago de Cacém, Miróbriga foi construída sobre um povoado mais antigo, provavelmente da Idade do Ferro. A cidade oferece ao visitante o único hipódromo que nos ficou da época romana.



2. Planta de Miróbriga.

Questões pág. 115

Conceitos

Município – Cidade dotada de ampla autonomia administrativa, que se rege por instituições semelhantes às da cidade de Roma. Aos municipes pode ser atribuído o Direito Latino (que equivale à cidadania incompleta) ou o Direito Romano (a plena cidadania), o que, em ambos os casos, corresponde a um estatuto elevado. Por isso se considera que a proliferação deste tipo de cidades favoreceu o processo de romanização.

Questões

- 1 Mostre, recorrendo ao DOC. 36A, que as colónias eram consideradas extensões da cidade de Roma.
- 2 Indique dois aspetos em que as eleições municipais romanas se aproximam das atuais (DOC. 37).
- 3 Explique por que motivo a construção de cidades foi um poderoso fator de romanização.

De qualquer forma, o estatuto de munícipe era sempre um estatuto invejado, tanto mais que estas cidades gozavam também de grande **autonomia administrativa**, isto é, possuíam **instituições de governo próprias**, muito semelhantes às de Roma: um conselho de notáveis, a Cúria, que correspondia ao Senado, e um corpo de magistrados que percorria, igualmente, uma “carreira das honras” em cujo topo se situavam os duúviro, magistratura equivalente à dos cônsules, em Roma (DOC. 37).

Inicialmente, no nosso território, apenas *Ebora* (Évora), *Myrtilis* (Mértola), *Salacia* (Alcácer do Sal) e *Olisipo* (Lisboa) eram municípios. As restantes cidades (36, segundo a informação de Plínio, o Velho) partilhavam uma condição inferior, a de **cidades estipendiárias**, assim chamadas por estarem obrigadas ao pagamento de um pesado imposto, denominado *stipendium*.

O elevado nível de romanização da Península proporcionou, na **segunda metade do século I**, a **elevação das cidades estipendiárias da Lusitânia a municípios**, o que, naturalmente, aproximou ainda mais conquistadores e conquistados, favorecendo o processo de romanização.

Este processo completou-se, como sabemos, em **212**, quando o imperador **Caracala** transformou em cidadãos todos os homens livres do Império.

A – Os recursos da terra



1. Vista aérea das ruínas de *Villa de Milreu* (Estói, Faro).



2. Lagar de vinho da mesma *villa*.

Embora não sendo exclusivas do Sul, a maior parte das *villae* que nos ficaram em território português situa-se no Alentejo e no Algarve. Trata-se de grandes explorações agrícolas dotadas de uma casa senhorial (a de Milreu prima pelo luxo) e de todos os equipamentos rústicos necessários, para além dos alojamentos para os trabalhadores.

O lagar de vinho que vemos na imagem era destinado à pisa das uvas e articulava-se com tanques mais pequenos, para onde escorria o líquido. Tudo indica que este vinho, juntamente com o azeite que também aí se produzia, era encaminhado para o porto de Ossonoba (Faro) e daí exportado para outras regiões do Império.



NITELAS e o Porto Salvo

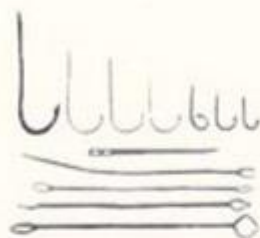
3. Moeda cunhada em *Myrtilis*, com uma espiga de trigo.

É geralmente aceite que os elementos que figuram nas moedas antigas constituem indicadores da riqueza da região.

B – Os recursos do mar



1. Moeda com atuns, proveniente de Alcácer do Sal.



2. Anzóis de bronze e agulhas de coser redes, encontrados em Troia.



3. Tinas para salga de peixe, em Troia.

Aqui se produzia o *garum*, conserva de peixe famosa pela sua qualidade. Fazia-se através da salga e utilizava, talvez, cavala ou atum. Esta indústria concentrava-se no Algarve e nos estuários do Tejo e do Sado, onde o sal era abundante.



4. Ânforas de fabrico lusitano.

Uma indústria particularmente ativa, localizada no vale do Sado, fabricava estas ânforas que serviam para o envasamento e exportação das conservas de peixe da Lusitânia. A Gália, a fronteira germânica e a própria Roma constituíam os principais destinos destas especialidades regionais.

C – Os recursos do subsolo



Galerias romanas das minas de Tresminas, em Vila Pouca de Aguiar.

Deste complexo mineiro extraíam-se o ouro, a prata e o chumbo.

DOC. 40 Vias romanas em Portugal



Principais vias romanas em Portugal, segundo Jorge Alarcão. Os percursos assinalados a cheio encontram-se devidamente identificados; as linhas tracejadas representam traçados prováveis.

Em *História de Portugal*, vol. I, dir. José Mattoso.

Questões

- 1 Com base nos DOCS. 39 e 40 apresentados, faça uma breve exposição sobre a vida económica do atual território português, na época romana. O seu texto deverá ter entre 10 e 15 linhas.

[Todo aquele que tiver ocupado uma mina de cobre] deve [antes da fundição do minério] pagar em dinheiro, segundo a lei do imperador Adriano Augusto. Quem assim não proceder, uma vez provado que fundiu minério sem ter liquidado tal quantia nos moldes acima estabelecidos, verá confiscada a parte que lhe cabia na qualidade de ocupador e o procurador das minas venderá todo o poço. Aquele que provar que um colono fundiu minério sem previamente ter pago o valor de 50% pertencente ao fisco receberá a quarta parte.

Das *Tabulae de Vipasca* (Aljustrel), texto jurídico que regulamenta o funcionamento das minas de Aljustrel bem como o das infraestruturas criadas para a sua exploração, época de Adriano (117-138 d. C.).

Questões pág. 117

O desenvolvimento económico e a rede viária

Em termos económicos, o nosso território e a península em geral sofreram, com a chegada dos Romanos, profundas alterações.

Exceção feita às cidades do Sul, desde há muito conhecidas pela sua prosperidade, predominava uma economia pobre, sustentada pela pastorícia, onde o comércio era raro e a moeda praticamente não circulava.

Os Romanos desenvolveram extraordinariamente as regiões ocupadas. Aproveitaram os solos, praticando uma **agricultura intensiva, virada para a exportação**. Grandes propriedades rústicas, tipicamente romanas, as *villae* (Doc. 39A), espalharam-se um pouco por toda a parte, produzindo, para além dos cereais, vinho e azeite de alta qualidade, muito apreciados na própria Roma.

Em complemento, manteve-se uma criação **pecuária** abundante, havendo muitas referências aos bovinos e suínos da Hispânia, bem como à excelente qualidade das lãs aqui produzidas.

A par desta intensa atividade agropastoril desenvolveram-se as **indústrias**. Em primeiro lugar as de extração mineira, já que, neste âmbito, poucas regiões possuíam recursos tão ricos como a Península Ibérica (Doc. 39C). Mas as forjas, olarias, tecelagens e indústrias conserveiras tiveram também grande implantação. Famoso pelo seu sabor requintado ficou o *garum*, conserva de peixe muito apreciada em todo o Império, de cujo fabrico restam, no nosso país, numerosos testemunhos (Doc. 39B).

Em consequência desta vitalidade produtiva, crescem as feiras, multiplicam-se os mercados e uma azáfama ruidosa anima as cidades. A moeda, muitas vezes de cunhagem peninsular, circula abundantemente (Doc. 39).

Cabe aqui uma referência à excelente rede de estradas com que os Romanos recobriram todas as regiões do Império (Doc. 40 e Doc. 41). Embora construída com propósitos administrativos e militares, a rede viária romana foi essencial ao desenvolvimento do comércio. Graças a estas ligações fáceis, toda a península formou um só espaço económico que, por sua vez, partilhava do dinamismo de todo o Império. É o primeiro mercado comum europeu, um espaço económico vasto, articulado e coeso, que só nos nossos dias, dois milénios passados, volta a ganhar forma.

“Todos os caminhos vão dar a Roma”

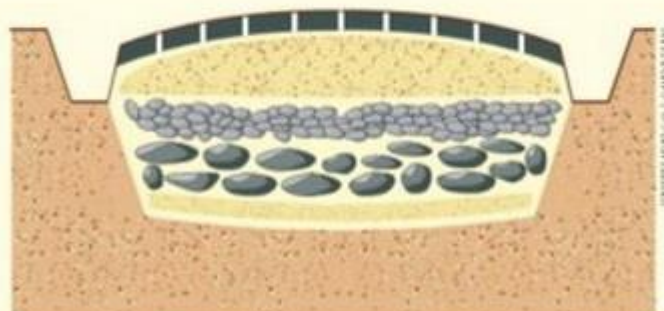
Se em todos os tempos existiram caminhos e viajantes, foram os Romanos os primeiros a investir sistematicamente em comunicações rápidas e eficientes. Unindo a complexa teia de cidades do Império, a rede viária romana só teve paralelo na era industrial e deslumbrou, pela sua grandiosidade, sucessivas gerações de europeus.

BOX A A construção de uma estrada

Eis como o poeta Públio Papínio Estácio descreve o esforço de construção da Via Domícia, cerca de 95 d. C.

O primeiro trabalho consiste em traçar sulcos, em arrasar os atalhos e em cavar uma vala profunda. Depois é preciso enchê-la de outros materiais e preparar uma camada sólida para o revestimento superior [...]. Em seguida, blocos fixados solidamente e cantos em pedra vêm dar consistência à obra. Tantos homens no trabalho! Uns derrubam florestas e despojam montes; outros, com as ferramentas na mão, aparelham a pedra e cortam vigas; outros encaixam as pedras e cimentam-nas com a cal que sai do forno e tufo enegrecido; outros ainda enxugam os charcos e drenam a água através de regos estreitos.

Estácio (c. 45-96 d. C.) - *Silvae*, Liv. IV



Estrutura de uma estrada romana. Por cima da terra original, devidamente aplanada, sobrepunham-se várias camadas de materiais: uma argamassa de areia e cal ficava no fundo; depois, uma camada de pedras grandes, seguida de gravilha e cimento prensado com lascas de cerâmica ou pedra. Finalmente, assentavam-se as lajes da calçada. O pavimento era côncavo, com valetas para escoamento das águas. Toda esta estrutura obrigava a cavar um fosso com cerca de 1,5 m de profundidade.

BOX B A “rainha das estradas largas”

A via que o cônsul Ápio construiu [...] e à qual deu o seu nome [...] demora cinco dias a percorrer e estende-se de Roma até Cápuia. É suficientemente larga para nela se cruzarem duas carroças e tem uma estrutura maravilhosa. É toda construída de grandes pedras, extremamente duras, que Ápio fez trazer de longe, porque na região não as havia. Fê-las polir e talhar de tal maneira que se ajustam todas [...] e a ligação entre elas é tão estreita e firme que, ao vê-las, [...] parecem uma só pedra. Apesar de há tanto tempo passarem nela, incessantemente, carros e cavalos, nada se desmoronou da obra e nem uma pedra se partiu, nem em nada diminuiu a sua beleza. Eis como é a Via Ápia.

Procópio de Cesareia, historiador bizantino, (c. 500-565) - *História das Guerras*



A Via Ápia, nas imediações de Roma. Em cima, um pormenor do pavimento, onde podem ver-se as marcas do rodado dos carros. Construída em 312 a. C., esta via foi uma das primeiras estradas permanentes do Império. Inicialmente com 300 km, foi depois prolongada até ao Sul da Península Itálica. Estácio referiu-se-lhe como a “rainha das estradas largas”.

EX. C Milha zero



Fragmentos que se pensa terem pertencido ao pedestal do Miliário Dourado.

Em 20 a. C., quando assumiu o cargo de *cunctor viarum* (o responsável pelas estradas do Estado), Augusto erigiu no Fórum Romano um marco revestido a bronze dourado, no qual estavam gravados os nomes das principais cidades do Império e a distância que as separava de Roma.

Dois tipos de vias

As vias não têm todas a mesma categoria. Há as vias públicas (*viae publicae*)¹, que são construídas com fundos do Estado, recebendo o nome do seu promotor. O *curator viarum* é responsável pela supervisão destas vias, cuja construção é encomendada a empreiteiros. A manutenção de algumas delas é feita com uma soma cobrada aos proprietários, de montante variável, consoante a via em causa. Há também as vias vicinais (*viae vicinales*) que, partindo das vias públicas, servem os campos ou fazem a ligação a outras vias públicas. São construídas de outra forma pelas autoridades regionais que, em geral, exigem aos proprietários os trabalhos de manutenção.

Siculus Flaccus, geòmetra e escritor romano (sèculos I-II d. C.) – *De Conditionibus Agrorum*, capt. XIX, data incerta

1 Também chamadas estradas consulares.

DOC. F Sinalização



Marco miliário da Geira (Gerês).

Nas estradas romanas não faltavam indicações ao viajante. De milha a milha (1 milha romana = 1481 m) uma coluna cilíndrica de pedra indicava a distância até à cidade mais próxima. O marco que se reproduz pertencia à Via Nova (via XVIII) que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga), através do Gerês.

O imperador César Gaio Júlio Vero Máximo, Pio, Félix, Augusto, [...], pontífice máximo, com o poder tribunicio pela quinta vez, imperador pela sétima vez, Pai da Pátria, cônsul, procônsul e Gaio Júlio Vero Máximo, nobilíssimo César, [...], filho do Nosso Senhor Imperador Gaio Júlio Vero Maximino, Pio, Félix, Augusto, restauraram as vias e as pontes já destruídas pela sua vetusta idade, tendo-se encarregado da obra Décio, legado de Augusto, em substituição do pretor.

1 milha até *Bracara Augusta*.

Inscrição de um marco milário da *Via Nova*,
no Gerês, 236-238 d. C.

EXC. D O mapa das estradas



Pormenor da chamada Tábua de Peutinger, mostrando a zona do Sul de Itália.

Trata-se de uma cópia, executada no século XIII, de um pormenorizado mapa da rede de estradas do Império, da Índia às Ilhas Britânicas. Com 7 m de comprimento, terá sido desenhada sobre um original do século V d. C. que, por sua vez, se inspirou num mapa semelhante da época de Augusto, gravado em mármore e colocado perto da Ara Pacis. Atualmente na Biblioteca Nacional de Viena, o mapa foi dado a conhecer pelo humanista alemão Konrad Peutinger.



Para medir a distância entre cada marco, usava-se um carro especial, cujas rodas mediam exatamente 4 pés romanos de diâmetro (1 pé = 30 cm aprox.). Uma milha romana correspondia a 400 revoluções destas rodas e, nessa altura, um engenhoso sistema fazia cair uma pedra num recipiente metálico. O desenho baseia-se na descrição de Vitrúvio, arquiteto romano que viveu no século I a. C.

DOC. G A ponte de *Aquae Flaviae*

1. Ponte de Trajano, sobre o rio Tâmega, em Chaves, a antiga cidade de *Aquae Flaviae*. Foi construída nos séculos I-II da nossa era e integrava a via XVII, que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica* (Astorga).



"Sendo Imperador Cesar Nerva Trajano Augusto Germanico Dácico, pontífice máximo, com poder tributário, cônsul pela quinta vez, Pai da Pátria, os Aquiflavienses ergueram à sua custa esta ponte de pedra."

Inscrição de um dos marcos de pedra da ponte de Chaves

2. Marco da ponte de Chaves, com inscrição.

DOC. H Um viajante do século XVI

Em 1538, o pintor e humanista português Francisco de Holanda empreende uma viagem a Roma. Eis parte do relato que, posteriormente, faz do seu percurso.

E não pudera eu crer esta coisa se quando parti de Lisboa indo a Roma, logo em Sacavém não achara a via romana e a ponte quebrada no rio, e nas charnecas de Montargil, ali onde chamam as Mestas, a calçada de pedra, e em Castela [...] e depois em Aragão, Lérida e Catalunha; e depois em França, na cidade de Nîmes, onde está o famosíssimo anfiteatro e memórias dos Antigos; e depois em o foro de Júlio em Provença e em Antibio e nos Alpes e porto de Ligúria e Toscana, sempre achando a mesma calçada que achei saindo de Lisboa até entrar em Roma.

E isto direi: que a maior obra que os homens fizeram nem farão no mundo pública, nem nas pirâmides do Egito, nem em o Mausoléu de Halicarnasso [...] não se fizeram mais grandes e proveitosas obras, que as que fizeram os Romanos em calçadas e pontes de todo o mundo, em Ásia e África e Europa, sempre continuando com calçadas e pontes, por altíssimas serras e montes e lagunas e vales, como se vê em Portugal na serra do Gerês, além de Braga, e em muitas outras serras e promontórios que estão por todo o mundo.

Francisco de Holanda – *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*, 1573

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Que aspetos da construção impressionam o poeta Estácio [Doc. A]?
2. Compare o texto de Estácio com a descrição que, quase cinco séculos mais tarde, Procópio fez da Via Ápia [Doc. B]. Em que aspeto(s) concordam?
3. Compare a informação sobre as vias romanas contida nos Docs. C, D e E com o que se passa na atual rede de estradas.
4. Que tipo de instruções forneciam os marcos miliares?
5. A quem se deve a edificação da ponte de Trajano, em Chaves [Doc. D]?

6. O que enfatiza Francisco de Holanda no relato da sua viagem? Como qualifica a obra dos Romanos em termos viários?
7. Reflita: Como contribuíram as vias romanas para a paz e prosperidade do Império?

SÍNTESE

8. Com os conhecimentos que adquiriu neste dossiê, justifique a persistência, até aos nossos dias, do adágio "Todos os caminhos vão dar a Roma".

0 modelo romano

2

Roma, cidade ordenadora de um império urbano

- Apesar da sua extensão, o **Império Romano constituiu um mundo politicamente unido**, onde os povos conviviam em paz e respeitavam a autoridade estabelecida. Tal facto deveu-se, em grande parte, à forma hábil como os Romanos souberam administrar as regiões submetidas:
 - **Promoveram a vida urbana como centro de poder local e de difusão da sua cultura.** O Império revestiu a forma de uma federação de cidades que, apesar de submetidas ao domínio de Roma, dispunham de estruturas administrativas próprias que lhes conferiam uma considerável autonomia.
 - **Divinizaram a figura do imperador e, com ela, a autoridade do Estado.** Adorado como um deus em todas as regiões do Império, o imperador tornou-se o garante da paz e da prosperidade dos povos, detentor de um poder supremo e incontestado.
 - **Organizaram um conjunto de leis notável** pelo seu rigor e pela sua amplitude. Os Romanos criaram o Direito tal como hoje o concebemos, alicerçado na justiça e na equidade, utilizando-o como elemento regulador da paz e da ordem imperiais.
 - **Estenderam progressivamente a condição superior da cidadania aos povos dominados.** Participantes dos mesmos direitos e da mesma dignidade dos seus conquistadores, os habitantes do Império deixaram de se sentir súbditos e passaram a olhar-se como verdadeiros romanos.
- Unida pelo mesmo modelo urbano, pela obediência às mesmas leis e à autoridade do imperador, a Europa adquiriu uma feição civilizacional própria, uma marca de latinidade que persistiu até aos nossos dias.

Uma cultura urbana e pragmática

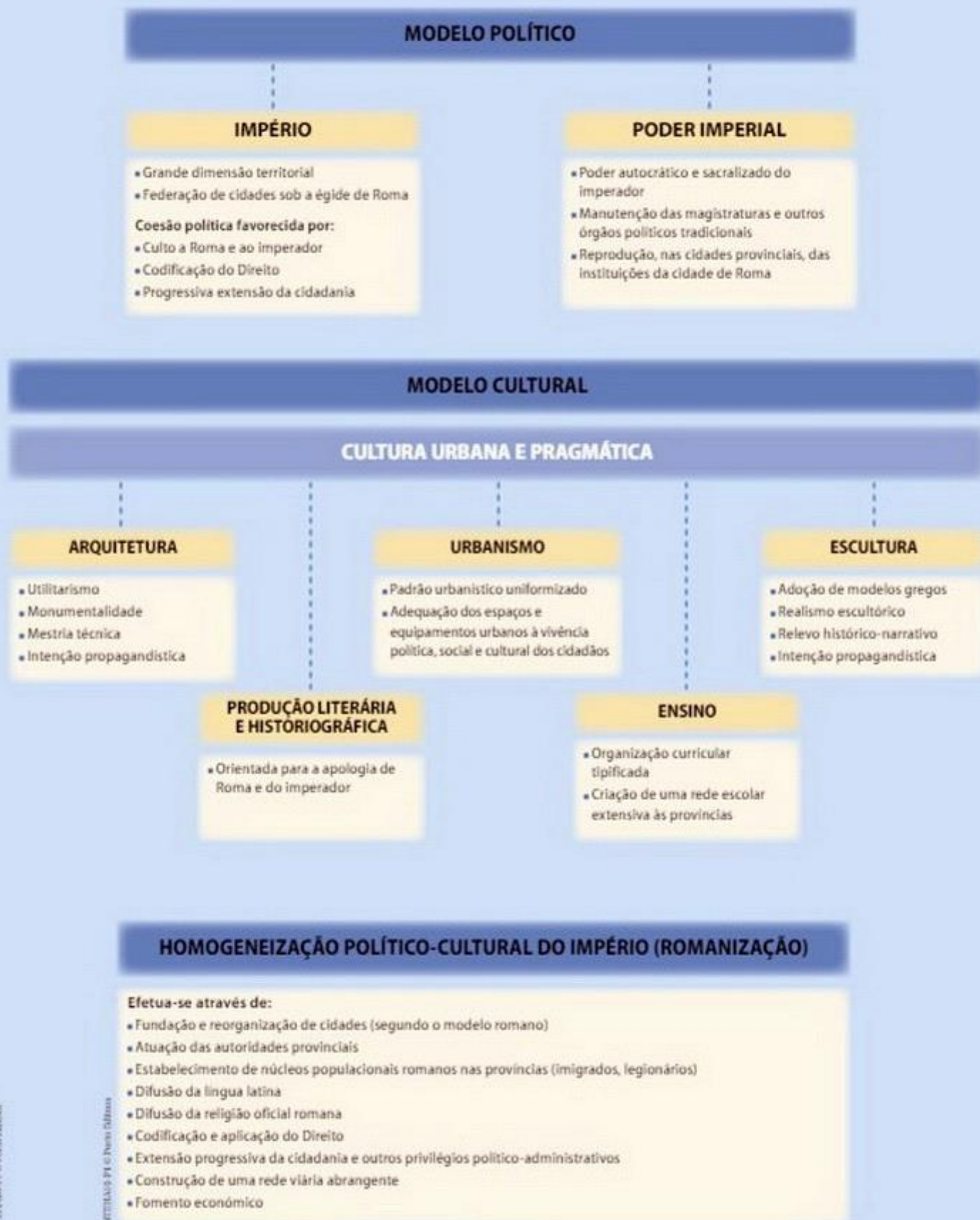
- Embora fortemente influenciados pela cultura grega, os Romanos mantiveram sempre um **espírito pragmático**, isto é, o sentido prático das coisas, privilegiando a sua eficiência. Assim:
 - **Planificaram criteriosamente as suas cidades, cujo modelo estenderam por todo o Império.** De traçado retilíneo e funcional, as cidades foram dotadas de todos os equipamentos necessários à vida civilizada, tal como os Romanos a concebiam: águas correntes, esgotos, mercados, edifícios termas, bibliotecas, recintos de espetáculos... No centro, ficava o fórum, grande praça pública onde se situavam os principais edifícios religiosos e administrativos.
 - **Foram arquitetos exímios, utilizando as técnicas e materiais que melhor se adaptavam à estrutura e finalidade do edifício.** Quer fossem de carácter utilitário (aquedutos, anfiteatros, mercados...), quer se destinassem a exaltar o poder imperial (arcos de triunfo, colunas comemorativas), as construções romanas distinguem-se por uma **solidez e grandiosidade** que as torna, ainda hoje, objeto de admiração.

- **Souberam adaptar os modelos artísticos helénicos ao seu temperamento e às suas necessidades:** na **arquitetura**, usaram as três ordens com grande liberdade, privilegiando a imponência do edifício; na **escultura**, usaram a excelente técnica dos Gregos para criarem retratos de um realismo impressionante, capazes de perpetuar as suas feições e a sua memória. Com idêntica intenção, recorreram ao relevo para narrar os feitos grandiosos dos imperadores e do povo romano em geral.
- Da mesma forma, a **literatura e a narrativa histórica**, que cultivaram com esmero, **estiveram muitas vezes ao serviço do poder**, glorificando as façanhas do povo que se orgulhava de dominar o mundo.
- **Fomentaram o ensino**, dando privilégios aos professores e incentivos à criação de escolas. Por todo o Império, os jovens estudavam segundo o mesmo currículo, que lhes inculcia os mesmos valores e a mesma forma de pensar. Deste modo, o ensino deu também um precioso contributo para estreitar os laços entre os habitantes do extenso Império Romano.

A romanização da Península Ibérica

- Depois de uma conquista demorada e violenta, os Romanos estabeleceram um domínio sólido e duradouro sobre toda a Península Ibérica.
- Tal como aconteceu nas restantes regiões, também aqui os **povos conquistados abandonaram progressivamente a sua forma de viver, adotando a cultura e os hábitos dos conquistadores**. A este processo chamamos, vulgarmente, **romanização**.
- A romanização resultou de um conjunto vasto de fatores, entre os quais destacamos:
 - **A fundação e reorganização de cidades, segundo o modelo romano.** Com grande autonomia administrativa, as cidades foram os centros de onde irradiou a cultura romana.
 - **A fixação permanente, na península, de imigrantes italianos e de elementos do exército.**
 - **A atuação das autoridades romanas**, que souberam cativar os povos indígenas.
 - **A difusão do latim** que, aos poucos, substituiu os dialetos locais, permitindo uma comunicação mais fácil entre conquistadores e conquistados.
 - **A adoção das práticas religiosas e dos deuses romanos**, nomeadamente no que diz respeito à adoração da figura do imperador.
 - **A aplicação de um admirável conjunto de leis – Direito Romano –,** que funcionou como garantia de ordem, justiça e estabilidade.
 - **A progressiva elevação dos povos vencidos à cidadania romana**, que se completou em 212 com o Edito de Caracala.
 - **A vasta rede de estradas**, que uniu as cidades peninsulares entre si e todas elas às restantes regiões do Império.

Síntese esquemática





Batalha entre Romanos e Bárbaros, retratada num painel do sarcófago Ludovisi, meados do século III, Museu das Termas, Roma

Nascimento
de Jesus
(C. 4 a. C.)

Redação do Novo Testamento
(40-100 d. C.)
Primeira perseguição
aos cristãos (Nero)
(64)

n. C.

100 d. C.

200 d. C.

Unidade

O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança



Conteúdos

- 3.1 O império universal romano-cristão
- 3.2 Prenúncios de uma nova geografia política

Aprendizagens

- Localizar, no tempo e no espaço, o nascimento do cristianismo.
- Explicar a difusão do cristianismo no espaço romano.
- Avaliar a importância dos editos de Milão e de Tessalónica para o triunfo da religião cristã.
- Mostrar o papel da Igreja como transmissora do legado político-cultural clássico.
- Descrever, em traços gerais, a crise político-militar do Império Romano.
- Situar cronologicamente as grandes invasões bárbaras.
- Referir o impacto das invasões nas estruturas políticas, económicas e culturais do mundo romano.
- Destacar o legado político-cultural clássico como uma das matrizes da civilização europeia.*
- Reconhecer o espaço mediterrânico como lugar de encontros e de sínteses.
- Enquadrar a "Época Clássica".

* Aprendizagem estruturante



DOC. 1 Os primeiros séculos



Questões pág. 126

DOC. 2 O Novo Testamento

Novo Testamento

EVANGELHOS

S. Mateus, S. Lucas, S. Marcos, S. João. Redigidos entre 70 e 100 d. C. (aprox.), centram-se na mensagem e vida de Jesus.

ATOS DOS APÓSTOLOS

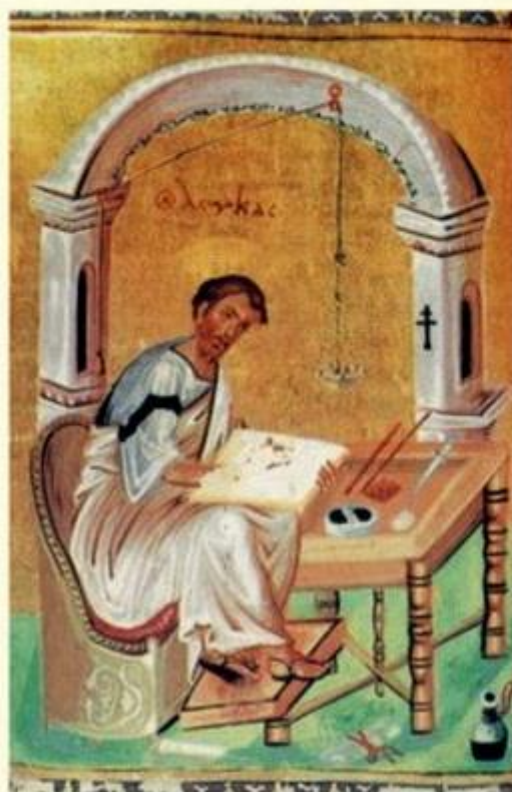
Redigidos por S. Lucas, cerca de 90 d. C., relatam os primórdios das comunidades cristãs após o desaparecimento de Jesus.

EPÍSTOLAS

Cartas de S. Paulo, S. Pedro, S. Tiago, S. João e S. Judas às comunidades que visitaram. Redigidas entre 49 e 90 (aprox.), tratam de questões fundamentais da vivência cristã. As de S. Paulo são as mais importantes e marcam o início da redação do Novo Testamento.

APOCALIPSE

Tradicionalmente atribuído a S. João, terá sido redigido durante a perseguição de Domiciano, em 95 d. C. Evoca o fim dos tempos e a vitória definitiva de Cristo sobre o mal.



S. Lucas, numa iluminura do século X.

Lucas era um médico grego, de espírito sensível e muito aberto. Converteu-se depois de um encontro com S. Paulo, de quem se tornou companheiro fiel. É autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, que tiveram uma importância capital como instrumento de divulgação da fé nos primeiros séculos da Igreja. É na sua condição de escritor do Novo Testamento que o representa esta iluminura. Repare-se no livro que S. Lucas segura: não é já um volumen, à maneira romana e judaica, mas um livro semelhante aos dos nossos dias, que resulta da evolução do códex, adotado pelos cristãos a partir do século I.

Questões pág. 126

3.1 O império universal romano-cristão

3.1.1 O cristianismo

Estendendo-se por três continentes, o Império Romano acolhe as mais diversas religiões, das quais apenas uma é monoteísta: a dos Hebreus, povo da Palestina, nas margens orientais do Mediterrâneo.

É precisamente na Palestina que, cerca do ano 5 antes da nossa era¹, nasce Jesus, filho de um humilde artesão. Aos 30 anos, Jesus inicia a sua vida pública. Diz ser o **messias**, o salvador há muito esperado pelo povo hebreu. Por isso aceita que lhe chamem Cristo (messias, em grego), título que rapidamente se torna no seu segundo nome. Durante cerca de dois anos e meio, Jesus, acompanhado pelos seus discípulos, percorre cidades e aldeias anunciando a «boa-nova»²: aos olhos de Deus não há diferenças entre os homens, todos podem alcançar a vida eterna.

¹ Há uma discrepância, de quatro a sete anos, entre o nascimento histórico de Jesus e a data religiosa, adotada pela Igreja, para assinalar o seu nascimento.

² É este o significado da palavra grega *evangelho*.

Questões

- 1 Recorde: Qual a diferença entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento?
- 2 Em que século foi elaborado o Novo Testamento (DOC. 2)?
- 3 Que sentimentos nutrem o historiador Tácito e a população romana pela religião cristã (DOC. 3)?
- 4 Como se exprime a vitalidade da nova religião (DOC. 3)?



O imperador Nero [...] infligiu cruéis torturas aos que eram detestados pelas suas abominações e que a multidão chamava cristãos. O seu nome provém de Cristo, condenado ao suplício pelo procurador Pôncio Pilatos, durante o principado de Tibério. Reprimida a sua religião detestável, esta aparecia de novo, não só na Judeia, onde tinha nascido, mas também em Roma, cidade onde afluía tudo o que existia de mau no mundo. [Nero] começou por prender os que se afirmavam cristãos. Na sequência das suas denúncias, foi acusada uma enorme multidão, não tanto por ter causado o incêndio¹ como por detestar a Humanidade. Não se contentou só em matá-los, divertiu-se a mandá-los embrulhar em peles de animais e a lançá-los aos cães que os despedaçavam. Também eram amarrados em cruzes e, quando anoitecia, eram untados com resina e incendiados para que iluminassem a noite. O imperador Nero ofereceu os seus jardins para exhibir o espetáculo.

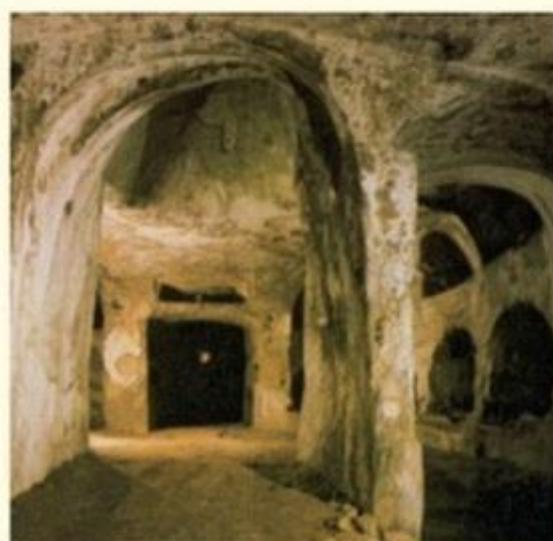
Tácito, historiador romano (55-120) - *Anais*, XV, 44

¹ Em 64, Roma foi parcialmente destruída por um violento incêndio. Tendo-se espalhado o rumor de que havia sido propositadamente mandado atear pelo próprio imperador, diz-nos Tácito que Nero tomou a iniciativa de o atribuir aos cristãos.



1. Mosaico romano do século II d. C., El Djem, Tunísia.

O bárbaro costume de executar os condenados entregando-os às feras foi infligido a muitos cristãos passando a fazer parte da memória coletiva do cristianismo.



2. Galeria das Catacumbas de São Januário, Roma.

A utilização de galerias subterrâneas (catacumbas) para aí inumar os mortos era, em Roma, bem anterior à época cristã. Mas é ao cristianismo e aos seus mártires que estes imensos cemitérios subterrâneos se encontram ligados. Os cristãos utilizaram e ampliaram as catacumbas de Roma fazendo delas o seu cemitério e, em épocas de perseguição, também um local de culto e um refúgio. O prolongado uso destes cemitérios e a sua extraordinária extensão explica-se pelo respeito e severidade com que a lei romana protegia todas as sepulturas.

Questões pág. 126

Perseguições	
Anos ¹	Imperador
64	Nero
95	Domício
108-112	Trajano
177	Marco Aurélio
203	Septímio Severo
249-251	Décio*
258-260	Valeriano*
270-275	Aureliano
303-311	Diocleciano*

* As mais violentas e sistemáticas, estenderam-se a todo o Império.

¹ O ano que indica o fim da perseguição pode sofrer variações, de acordo com a região do Império a que se reporta.

Esta mensagem é, ao mesmo tempo, universal e revolucionária. Universal porque, ao contrário do judaísmo, não privilegia qualquer povo; revolucionária porque, contrariando as profundas desigualdades sociais do seu tempo, prega a igualdade entre todos os seres humanos.

Após a morte de Jesus, a **mensagem cristã, reunida no Novo Testamento, difunde-se rapidamente**, beneficiando da unidade política do Império e das suas excelentes vias de comunicação.

Com a mesma rapidez com que ganha adeptos, a nova religião cria inimigos. Os cristãos são malvistas pela sociedade romana em geral: não respeitam os deuses tradicionais, condenam hábitos enraizados (como os espetáculos de gladiadores), defendem a igualdade entre o senhor e o escravo.

Alvo de uma segregação crescente, olhados como perturbadores da paz social e da ordem do Império, os cristãos serão objeto de **sucessivas e sangrentas perseguições** (800.3). Entre a primeira, ordenada por Nero, em 64, e a última, a de Diocleciano, entre 303 e 311, a História do cristianismo enche-se de mártires. Mas o número de cristãos não para de aumentar.

DOC. 4 O triunfo do cristianismo**A – O Edito de Milão (313)**

Tanto eu, Constantino Augusto, como eu, Licínio Augusto¹, tendo-nos reunido de forma feliz em Milão para discutir os problemas relativos à segurança e ao bem público, julgamos oportuno [...] conceder tanto aos cristãos como a todos os demais a faculdade de seguirem livremente a religião que desejarem, de maneira que todas as divindades que habitam a morada celeste nos sejam propícias, a nós e aos que estão sob a nossa autoridade [...].

E além disso, no que diz respeito aos cristãos, decidimos que lhes sejam devolvidos os locais onde anteriormente se reuniam, sejam eles propriedade do nosso fisco, ou tenham sido comprados por particulares, e que os cristãos não tenham de pagar por eles nenhuma classe de indenização [...]

Carta imperial enviada aos governadores das províncias em 313 e conhecida como *Edito de Milão*

¹ Como forma de fazer face a uma profunda crise política, a dignidade imperial encontrava-se dividida. Nesta altura, Constantino governava a parte ocidental do Império e Licínio a oriental.

B – O Edito de Tessalónica (380)

É a nossa vontade que todos os povos regidos pela administração de nossa clemência pratiquem a religião que o divino apóstolo Pedro transmitiu aos Romanos, na medida em que a religião por ele introduzida tem prosperado até aos nossos dias. [...]

Ordenamos que todas aquelas pessoas que seguem esta norma [o cristianismo] tomem o nome de cristãos católicos. Porém, o resto, aos quais consideramos dementes e insensatos, assumirão a infâmia dos dogmas heréticos, os lugares de suas reuniões não receberão o nome de igrejas e serão castigados em primeiro lugar pela divina vingança, e, depois, também (por justo castigo), pela nossa própria iniciativa, que providenciaremos de acordo com o juízo divino.

Edito de Teodósio, *Código Teodosiano*, XVI, 1-2

C – Dádivas imperais

Batistério de S. João de Latrão, em Roma.

Mandado edificar por Constantino, é uma das construções mais antigas e mais bem conservadas dos primeiros séculos do cristianismo.

3.1.2 O Império romano-cristão

No decurso do século III, o cristianismo registou um crescimento sem precedentes. Na administração, no exército e, até, na própria corte, cresceu consideravelmente o número de fiéis.

Em 313, a nova fé ganha um aliado de vulto: o imperador. Embora só tenha sido batizado no seu leito de morte, em 337, tudo indica que o imperador Constantino se tenha convertido pouco antes de publicar a célebre carta conhecida como **Edito de Milão**, em que garante inteira **liberdade de culto** aos seguidores de Cristo e ordena que lhes sejam devolvidos os bens confiscados na última perseguição (Doc. 4A).

A partir desta data, **Constantino concede aos cristãos um tratamento preferencial**: coloca-os nos mais altos cargos do Império, cumula-os de generosas ofertas, ergue, ao seu Deus, templos imponentes, quer em Roma, quer em Jerusalém (Doc. 4C). É também o próprio imperador que convoca, em 325, o Concílio de Niceia, onde se reúnem os bispos cristãos para definir verdades doutrinárias¹.

A partir de Constantino, todos os imperadores, com exceção de Julião, o Apóstata (361-363), professaram o cristianismo. Apadrinhada pelo poder, a nova religião reforça-se ainda mais, sobrepondo-se aos antigos cultos. Este processo recebe um novo impulso quando, em 380, o imperador Teodósio promulga o **Edito de Tessalónica**, pelo qual ordena a conversão de todos os habitantes do Império (Doc. 4B). O cristianismo torna-se **religião oficial do Estado romano**.

Nos anos que se seguem, os antigos deuses pagãos são proscritos e derubados dos seus altares. Proíbe-se o seu culto, quer público quer privado.

¹ Foi neste concílio que se redigiu o Credo, súplica das Verdades de Fé que os crentes, ainda hoje, reiteram.

Conceitos

Igreja romano-cristã – Designação dada à Igreja cristã nos últimos dois séculos do Império Romano, altura em que beneficiou da proteção das autoridades civis e se assumiu, legalmente, como única religião do Império.

D – Poder divino e poder terreno



Presumível estátua de Valentiniano I, imperador entre 364 e 375. O imperador ostenta na mão esquerda o globo, símbolo da totalidade e da soberania sobre o mundo.

É de Deus e através de Deus que o imperador se reveste da realeza suprema e assim governa, à imitação do Senhor, todos os negócios deste mundo [...]. Tal como não há senão um único Deus, também não há mais do que um só imperador [...].

Eusébio de Cesareia – *Discurso em Honra de Constantino*, 325 d. C.

Questões

- 1 O que ordena o Edito de Milão (DOC. 4A)?
- 2 Que argumentos usam os imperadores para justificar a decisão tomada (DOC. 4A)?
- 3 Que posição assume o cristianismo no Império Romano após o Edito de Tessalônica (DOC. 4B)?
- 4 Qual a mensagem transmitida pela estátua de Valentiniano relativamente ao cristianismo (DOC. 4D)?
- 5 Como justifica o bispo de Cesareia o poder supremo do imperador (DOC. 4D)?

E – O cristianismo cerca do ano 400



Questões pág. 129

Muitos templos são encerrados, outros são convertidos em igrejas.

Entre o Estado romano, personificado pelo imperador, e o cristianismo estabeleceu-se, pois, uma forte aliança. O império universal¹ romano era, agora, um império cristão. Única religião legal do espaço romano, o cristianismo simboliza também a sua unidade. De facto, o monoteísmo adapta-se perfeitamente à instituição imperial: um só deus e um só imperador concentram em si toda a autoridade (Doc. 4D).

O imperador já não é, naturalmente, olhado como um deus vivo. Mas o cristianismo confere-lhe, também, um enorme poder: ele é o mandatário que Deus escolheu para governar a Terra em Seu nome (Doc. 4D).

É, pois, como aliada do poder terreno que a Igreja romano-cristã se consolida, tornando-se um elemento essencial do mundo romano nos últimos séculos da sua existência.

Decalcada da do Império, a organização eclesiástica toma por base a diocese – que corresponde à cidade –, dirigida por um bispo. As dioceses agrupam-se em províncias, sob a coordenação de um metropolitano, isto é, do bispo da cidade capital de província.

Nesta estrutura, Roma, a cidade-mãe, vai ganhando progressiva importância. O seu bispo receberá o título de *papa* (pai, em grego) e, mais tarde, reivindicará para si a suprema autoridade sobre todos os fiéis. Deste modo, Roma continuará, por muitos séculos, a reinar sobre o Ocidente: a cidade que foi sede do Império tornou-se sede do cristianismo.

¹ Com horizontes geográficos bastante limitados, os Romanos identificavam o espaço do Império com a Ecúmena, o universo habitado e civilizado.

A – A Filosofia

Todos estes filósofos (os platónicos¹) têm a respeito de Deus as mesmas doutrinas que nós, merecem-nos grande preferência sobre os outros e reconhecemos que estão perto de nós.

Santo Agostinho, *Cidade de Deus*

Atende bem que Cícero² nos mostra e prova irrefutavelmente que o supremo bem para o Homem, o princípio das coisas e a certeza do raciocínio não estão na sabedoria humana desamparada, mas que esta se acende na chama da mesma sabedoria divina, isto é, na sabedoria imutável, permanente, sempre igual a si própria.

Santo Agostinho – *Carta a Dióscuro*

1 Seguidores de Platão (428–347 a. C.), um dos maiores filósofos da Antiguidade. Discípulo de Sócrates, nasceu e viveu em Atenas, onde fundou a célebre Academia.

2 Político romano do século I a. C. (106–43 a. C.). É considerado o maior de todos os oradores latinos (veja as pp. 82 e 89).



O Batismo de Santo Agostinho por Santo Ambrósio, num fresco de Benozzo Gozzoli, século XV.

Aurelius Augustinus (354–430) nasceu em Tagasta, pequena cidade da África romana, filho de pai pagão e mãe cristã. Mestre de retórica (relembre o doc. da p. 107), é inspirado por Cícero que abraça a procura da verdadeira sabedoria e, vendo-a em Deus, se converte, no ano de 386. Platão é o filósofo que mais o marca, referindo-se-lhe, muitas vezes, como o “sábio”, o “virtuoso”, o “admirável” Platão. Da sua extensa obra destacam-se *Confissões* e *Cidade de Deus*.

B – A iconografia



1. O Bom Pastor, escultura romana do século IV d. C. Tema especialmente caro aos primeiros cristãos, O Bom Pastor representa Jesus como pastor universal, cuidando do seu rebanho, a Humanidade. Tal como muitas outras imagens e símbolos, o Bom Pastor é a recriação de figurações correntes, neste caso a do Moscóforo (transportador de ovelhas), muito comum na arte clássica.

3.1.3 A Igreja e a transmissão do legado político-cultural clássico

Nascido no seio da civilização romana, o cristianismo assimilou muita da sua cultura que, adaptada e reformulada, transmitiu às gerações vindouras.

Nos primeiros séculos, os cristãos encontravam-se sobretudo entre os habitantes das cidades. Foi nas cidades que os apóstolos mais exerceram a sua ação, começando pela própria capital do Império, Roma, onde S. Pedro morreu, pregando a nova fé. Nas cidades, centros do poder e da cultura romana, os cristãos foram atraindo grupos sociais cada vez mais elevados e, por isso, também mais cultos. Quando o imperador se converteu e ser cristão se tornou mais vantajoso, as elites romanas aderiram, em massa, à nova religião, ao serviço da qual puseram os seus conhecimentos, que não eram outros senão os da cultura greco-latina.

Deste modo, os elementos culturais clássicos constituíram o suporte da cultura cristã:

- a **retórica** serviu aos bispos, ministros da palavra de Deus, nas suas pregações;
- os métodos e conceitos da **Filosofia antiga** foram utilizados pelos teólogos para fundamentar a nova fé (Doc. 5A);
- o **Direito Romano** esteve na base do Direito Canónico que regula, no interior da Igreja, as questões administrativas e disciplinares;



2. O Moscóforo, escultura grega do século VI a. C.



3. Relevos do Altar de Ratchis, obra lombarda do século VIII (Igreja de São Martinho, Cividale de Friuli, Itália).

Esta representação de Cristo, envolvido por uma oval amendoada (mandorla) que os anjos transportam, filia-se diretamente na tradição greco-romana: dignamente sentado, de frente para o espectador, a imagem de Jesus é a réplica da dos imperadores romanos; a mandorla deriva diretamente do "escudo da virtude", escudo redondo utilizado na Antiguidade (veja-se a moeda, ao lado), no qual se tomou corrente inserir um retrato como forma de exaltar o personagem representado (Fig. 5). Estes escudos, com ou sem retrato, eram frequentemente transportados por Vitória aladas. A representação da deusa da vitória, com as suas asas, deu lugar às figuras dos anjos que, tal como as antigas deusas, rodeiam e transportam a figura de Cristo.



4. Moeda de ouro da época de Augusto em que uma Vitória transporta um "escudo virtude".



5. Pormenor de um sarcófago romano do século III, conservado no Museu Soares dos Reis, Porto, em que o retrato do defunto aparece inserido num escudo transportado por duas Vítórias.

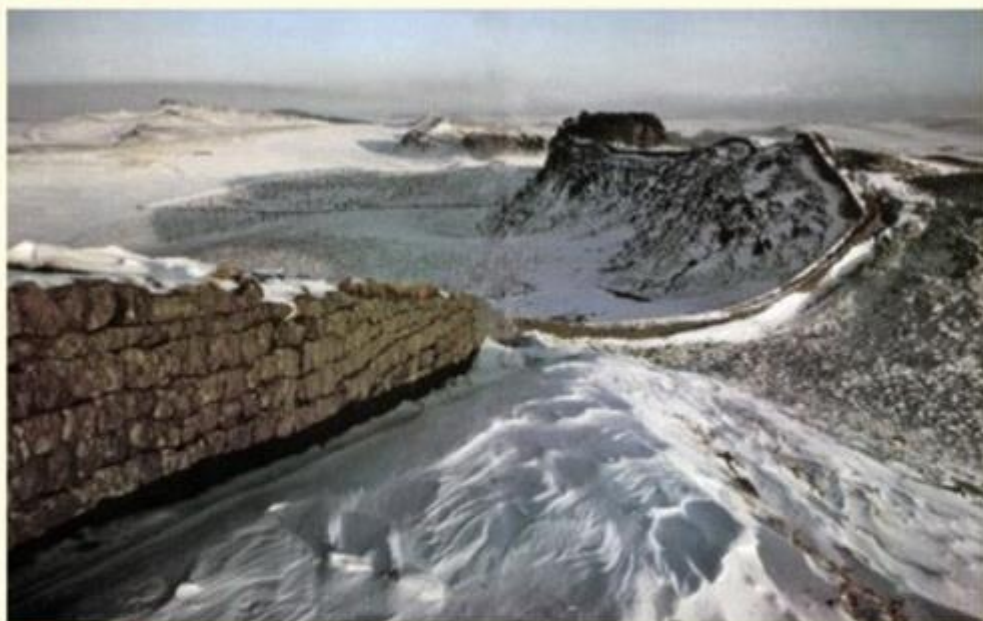
Questões pág. 131

Questões

- 1 Mostre a admiração de Santo Agostinho pelos filósofos e homens de letras pagãos (DOC. 5A).
- 2 Compare as duas imagens do DOC. B. Assinale semelhanças e diferenças.
- 3 Indique três elementos da iconografia clássica recriados pela Igreja cristã (DOCS. 5B e C).

- a liturgia foi enriquecida pela incorporação de aspetos do **cerimonial imperial**;
- a arquitetura religiosa tomou como modelo as **construções romanas**, quer públicas quer privadas: as basílicas cristãs reúnem elementos inspirados nos palácios imperiais, nas termas, nas basílicas romanas e em outros edifícios religiosos anteriores;
- os **frescos, mosaicos, estátuas e relevos cristãos** inspiraram-se nos modelos romanos, atribuindo, frequentemente, um novo significado a imagens antigas (Doc. 5B).

Para além dos aspetos culturais propriamente ditos, a Igreja preservou também o legado político da Antiguidade. A ideia de um poder forte, centrado numa só pessoa (como o do imperador), manteve-se viva mesmo quando, nos tempos medievais, a autoridade dos reis se esbateu face ao poder dos grandes senhores. Mais tarde, cerca do século XIII, quando os reis iniciam o processo de centralização do poder, é nos escritos religiosos (como os de S. Paulo, por exemplo) que fundamentam as suas pretensões. Tal como os últimos imperadores romanos, os monarcas afirmar-se-ão mandatados por Deus para, na Terra, governarem em seu lugar. Na verdade, o próprio Papa servia de modelo a esse ideal político, exercendo sobre os crentes uma autoridade suprema, expressão da vontade divina e símbolo da unidade do mundo cristão ocidental.



Troço da muralha de Adriano.

Os *limes imperii* eram as fronteiras do Império, os limites do mundo romano, para lá dos quais estacionavam os povos bárbaros, sempre cobiçosos das suas riquezas. Na gravura pode ver-se a imponente muralha de Adriano, que protegia a fronteira norte da Grã-Bretanha. Com 1,5 m de largura e 5 m de altura, estendia-se por 110 km, ao longo dos quais se multiplicavam os aquartelamentos militares. Mas nem todos os *limes* estavam tão bem protegidos. Nalguns locais resumiam-se a um rio ou a um fosso escavado. Em caso de ataque, a sua eficácia era, pois, muito reduzida.

Questões pág. 133

3.2 Prenúncios de uma nova geografia política

3.2.1 O Império em crise



No século III, o Império mergulhou numa **profunda crise político-militar**. Ao assassinato do imperador Severo Alexandre, pelo seu próprio exército, em 235, seguiu-se meio século de caos político, durante o qual os imperadores se sucederam a um ritmo impressionante. Aclamados pelo exército em troca de grandes recompensas, eram rapidamente postos de lado e assassinados se outro candidato ao trono prometia mais. Os historiadores designam este período de grande agitação política por “**anarquia militar**”.

Para além do descalabro político, o Império confrontou-se, pela primeira vez, com outra grave questão: o **perigo bárbaro**¹ (Doc. 7). A época da *pax romana*, que Octávio tanto se orgulhava de ter instituído, chegara ao fim. O inimigo vinha de fora: os povos que habitavam para lá dos limites do Império (*limes*) pressionavam as fronteiras e estas cediam sob o seu impacto. O mundo romano viu-se invadido em vários pontos. O seu exército, treinado durante séculos para uma guerra de ataque e amolecido por um longo período de paz, teve dificuldade em se defender e sofreu duros reveses. A própria Roma sentiu-se ameaçada.

¹ Tal como os Gregos, os Romanos designavam genericamente por bárbaros aqueles que não partilhavam da sua cultura.



Questões pág. 133



Os Tetrarcas, numa escultura do fim do século III, existente na Praça de São Marcos, em Veneza.

Com o fim de desdobrar a autoridade imperial, Diocleciano começou por associar ao trono um velho companheiro de armas, Maximiano, que, como ele próprio, recebeu o título de *augusto*. Pouco depois, cada um dos *augustos* adotou um sucessor, que recebeu o título de *césar*. Nesta representação, Diocleciano e Maximiano abraçam paternalmente os respetivos céсарes, Galério e Constâncio Cloro.

A tetrarquia imperial e a divisão definitiva do Império.

Embora continuasse a ser olhada como a capital espiritual do Império, no século V Roma deixou de ser considerada segura e os imperadores escolheram Ravena, de mais fácil defesa, para estabelecer a sua corte. Foi aí que Rómulo Augusto foi capturado por Odoacro, facto que, simbolicamente, pôs fim ao Império Romano do Ocidente.

Questões pág. 133

O Império conseguiu, no entanto, sobreviver a esta época turbulenta. Os bárbaros foram vencidos e a autoridade política recuperou, em parte, o seu vigor. Sob a mão forte do imperador Diocleciano (284-305), efetuaram-se reformas profundas na administração e no exército.

Consciente da imensidão do território e das dificuldades que a sua defesa implicava, Diocleciano dividiu o império por quatro coimperadores, que fixaram residência em cidades próximas das fronteiras, para melhor cumprirem a sua missão (Doc. 8).

Este sistema, que ficou conhecido como **Tetrarquia Imperial**, não deu os resultados esperados. Mas, embora imperadores como Constantino ou Teodósio tenham conseguido dominar, novamente, o Império em toda a sua extensão, a ideia de que o mundo romano era excessivamente grande para se manter unido delineou-se claramente.

A divisão definitiva do Império

Beneficiando das reformas de Diocleciano e, logo a seguir, do governo sábio de Constantino, o mundo romano gozou, ainda, de algumas décadas de relativa paz e prosperidade.

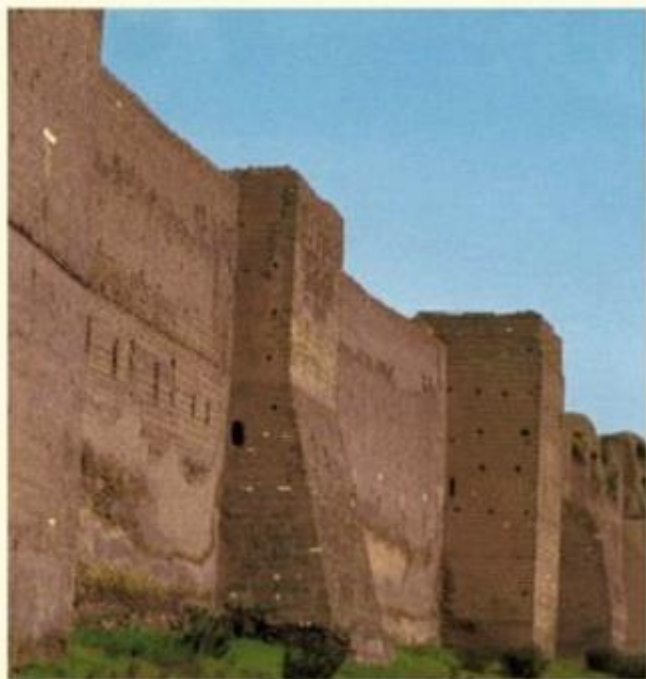
Todavia, no fim do século IV, a ameaça bárbara recrudesciu.

A gravidade da situação militar ditou a **divisão definitiva do Império**. Teodósio, o último imperador a reinar sobre um território unificado, dividiu-o, à sua morte (395), pelos seus dois filhos: a Honório coube o **Ocidente**; a Arcádio, o **Oriente** (Doc. 8).

Questões

- 1 Seleccione da cronologia três factos que lhe pareçam relevantes para o fim do mundo romano. Justifique (DOC. 7).
- 2 Grosso modo, a que áreas correspondem as duas partes do Império, após a divisão de 395 (DOC. 8)?

A – O saque de Roma



Troço da muralha aureliana.

As incursões bárbaras do século III fizeram temer pela segurança de Roma. Para a reforçar, o imperador Aureliano (270-275) ordenou a construção de uma nova muralha, de 19 km de extensão. Pouco mais de um século volvido, esta imponente fortaleza mostrou-se insuficiente para conter o invasor.

No ano 1164 depois da fundação da cidade (410), foi realizado um ataque por Alarico (rei dos Visigodos) [...]. Nesta invasão, Placídia, filha do príncipe Teodósio e irmã dos imperadores Arcádio e Honório, foi capturada e tomada como mulher por Ataúlfo, parente de Alarico [...]

Entretanto, dois anos antes do ataque a Roma, os povos dos Alanos, dos Suevos, dos Vândalos e muitos outros com eles, esmagaram os Francos, atravessaram o Reno, invadiram as Gálias e com um rápido ímpeto chegaram até aos Pirenéus: retidos durante um tempo por esta barreira, disseminaram-se pelas províncias vizinhas.

Paulo Orósio, historiador e teólogo cristão (c. 385-c. 420) – *Historiarum adversus Paganos*

Chega-nos, do Ocidente, um rumor terrível: Roma atacada [...] A minha voz estrangula-se e os soluços interrompem-me enquanto dito estas palavras. Foi conquistada a cidade que conquistou o universo!

São Jerónimo, teólogo cristão e doutor da Igreja (c. 342-420) – *Cartas*

O Oriente estabeleceu a capital em **Constantinopla**, cidade fundada por Constantino, em 324, sobre a antiga cidade grega de Bizâncio¹.

Rapidamente elevada à dignidade de Segunda Roma, Constantinopla tornou-se uma cidade populosa e imponente que, durante os séculos vindouros, se verá a si própria como legítima continuadora da grandeza romana.

Entre períodos de dificuldades e períodos de glória, o **Império Romano do Oriente** (também chamado **Império Bizantino**) resistirá mais de um milénio, até 1453, ano em que cai às mãos dos Turcos.

Em contrapartida, o **Império do Ocidente** teve uma vida breve, sucumbindo, logo no século V, às grandes invasões bárbaras.

3.2.2 Os bárbaros no império

A norte do Império, entre o mar Báltico e os rios Danúbio, Vístula e Reno, habitava um conjunto de **povos bárbaros** que os Romanos denominavam, genericamente, de **Germanos**².

Os Germanos não formavam uma unidade nem étnica nem política. Entre os diversos povos que os constituíam e, até, entre as várias tribos de um mesmo povo, eram frequentes as desavenças e as lutas. O historiador Tácito descreve-os como homens altos e louros, de índole guerreira e elevado sentido de honra.

A penetração destes bárbaros nas fronteiras do Império iniciou-se cedo, quer de forma violenta, como aconteceu no século III, quer de forma



Retrato que poderá representar Gala Placídia (à direita) e os dois filhos que veio a ter do seu segundo casamento, desta vez com o general romano Flávio Constâncio.

Filha do imperador Teodósio, Gala Placídia viveu os tempos conturbados do fim do Império, tendo sido levada de Roma pelo rei godo Alarico e forçada a casar com o seu sucessor, Ataúlfo.

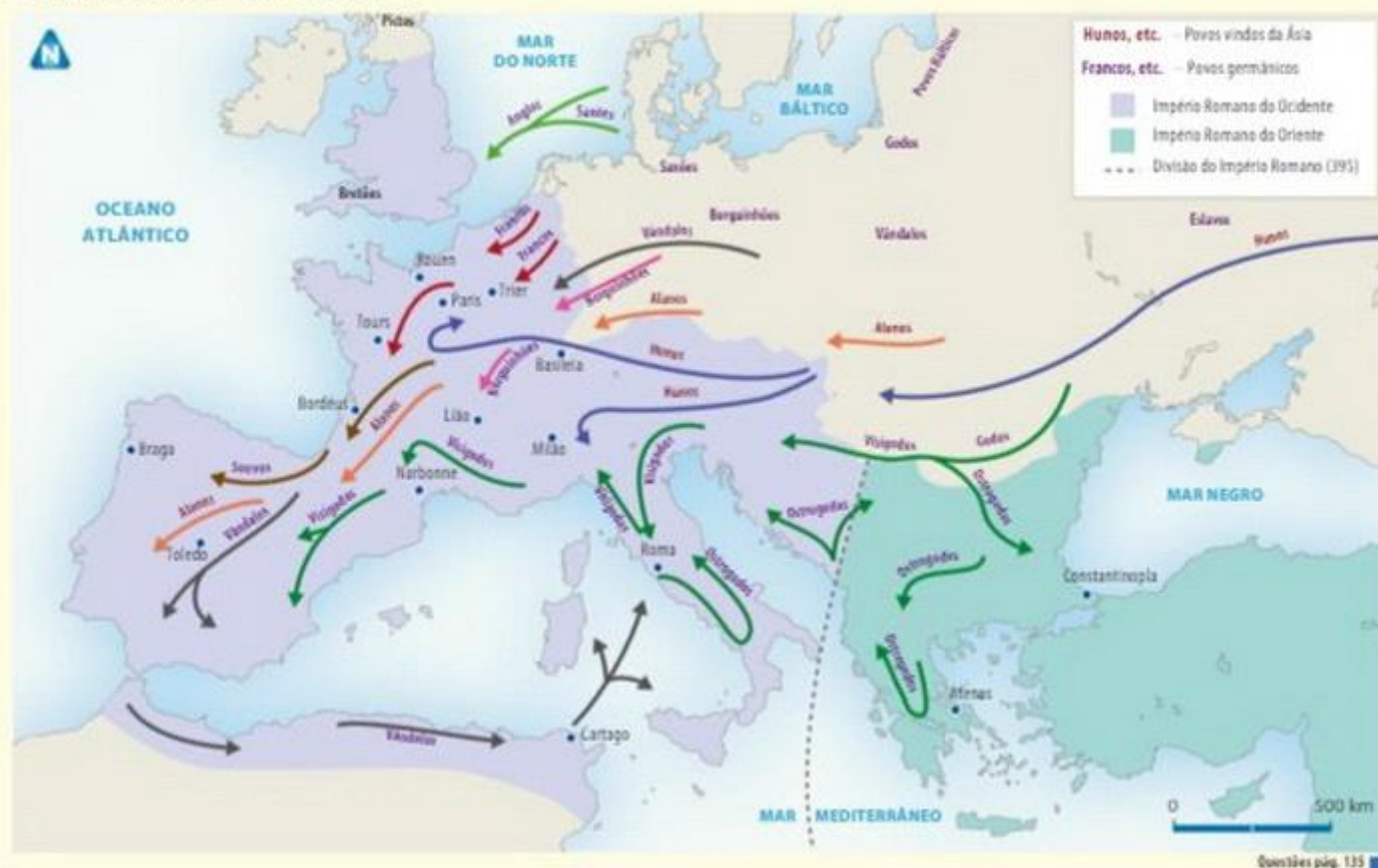
Muito influente na política de Roma, Placídia foi uma das mais notáveis mulheres da sua época, tendo assumido a regência do Império do Ocidente durante a menoridade do seu filho Valentiniano III (à esquerda), que foi imperador entre 525 e 455.

¹ Hoje, a antiga Bizâncio/Constantinopla é a capital cultural da Turquia, com o nome de Istambul.

² São povos germanos os Alamanos, os Francos, os Burgúndios, os Vândalos, os Hérulos, os Godos (divididos em Ostrogodos – godos do Oriente – e Visigodos – godos do Ocidente), os Suevos, os Saxões, os Lombardos, entre outros.



B – As invasões bárbaras dos séculos IV e V



Questões pág. 135

Questões

- 1 Que razões levaram o imperador Aureliano a erguer uma nova muralha, em torno de Roma (DOC. 9A)?
- 2 Que posição social ocupava Gala Placidia? Em termos políticos, o que demonstra o seu casamento com Ataúlfo (DOC. 9A)?
- 3 Explique a emoção de São Jerónimo ao tomar conhecimento do saque de Roma (DOC. 9A).
- 4 Descreva, em traços gerais, a situação político-militar vivida pelo Império do Ocidente, na época considerada (DOCS. 9A e B).

pacífica. Fortemente atraídos pela civilização romana, foram-se instalando, em pequenos grupos: Godos na Macedónia, Francos na Gália, Alamanos na Provença (Sul da Gália). Os Romanos serviam-se deles nas funções domésticas e em várias atividades económicas, para além de os aceitarem no exército, como mercenários. Estes grupos, claramente presentes desde o século III, foram-se romanizando.

As grandes invasões

No fim do século IV, o mundo bárbaro entra em grande turbulência. Um povo especialmente violento vindo do Oriente, os Hunos (Dossii), chega às margens do Império e semeia o terror entre os povos germânicos, que se precipitam, num turbilhão, dentro do mundo romano.

As hordas bárbaras percorrem o Império, saqueiam-no e ocupam-no. **Todo o Ocidente está em guerra, da Itália às Ilhas Britânicas (Doc. 9).**

Em 410, os Visigodos, sob o comando de Alarico, entram em Roma e pilham-na durante três dias. O **saque de Roma**, a cidade que se supunha "eterna", abalou profundamente os contemporâneos e agudizou a consciência do fim próximo do poder romano (Doc. 9).

Alguns anos depois, uma nova incursão dos Hunos, agora chefiados por Átila, rei determinado e violento que se intitula, a si próprio, o *Flagelo de Deus*, põe a Gália a ferro e fogo. Átila acaba vencido por uma coligação de romanos e visigodos, em 451, mas, nessa altura, **praticamente nada resta do poder romano no Ocidente. Em 476, o general hérulo Odoacro põe-lhe oficialmente fim**, ao depor o último imperador que, singular ironia, se chamava Rómulo (Rómulo Augusto) como o fundador da Cidade.

Os Alanos, os Vândalos e os Suevos entraram nas Espanhas no ano 447 da era¹[...].

Os bárbaros que tinham entrado nas Espanhas depredaram-nas com matança hostil. E a peste, por sua parte, não fez menos estragos.

Enquanto os bárbaros cometiam atrocidades na Espanha e o flagelo da peste atacava com não menos intensidade, o tirânico arrecadador de impostos espoliava as riquezas e as provisões armazenadas nas cidades e os soldados as consumiam. Uma fome cruel prolongou-se até ao ponto de que a carne humana chegou a ser devorada pelo género humano pela necessidade da fome.

No ano de 457 da era [...] os bárbaros [...] dividiram entre eles, por sorteio, as regiões das províncias para habitá-las. Os Vândalos ocuparam a Galiza e os Suevos o território situado no extremo que dá ao mar Oceano; [...] os Vândalos chamados Silingos repartiram a Bética. Os Hispanos [...] que tinham conseguido escapar à praga dos bárbaros apoderados das províncias submeteram-se à servidão.

Idácio, bispo de Chaves (c. 395 - c. 468) - *Crónica*

¹ Refere-se à Era de César ou hispânica, na qual o ano 447 corresponde ao ano 409 da Era Cristã. [...]

Questões pág. 137

Extinguia-se a cultura das letras, ou melhor, definhava nas cidades das Gálias [...].

A multidão lamentava-se disto dizendo: "Desgraçado seja o nosso tempo, pois o estudo das letras pereceu entre nós e já não se encontra ninguém que possa traduzir por escrito os acontecimentos presentes." Decidi-me, movido por estas queixas e outras semelhantes, repetidas todos os dias, a transmitir aos tempos vindouros a memória do passado; e, se bem que falando uma linguagem inculta, não pude no entanto calar nem os empreendimentos dos maus nem a vida dos homens de bem. O que sobretudo me entusiasmou foi ter muitas vezes ouvido dizer, entre nós, que poucos homens compreendem um retórico que fale como filósofo; quase todos, pelo contrário, compreendem um narrador falando como vulgar [...].

São Gregório de Tours (538-594) - *Historiae Ecclesiasticae Francorum*, Liv. I

Questões pág. 137

3.2.3 O fim do Mundo Antigo

Depois da queda de Roma, uma multiplicidade de novos reinos substitui a antiga unidade imperial (Doc. 12). São, no geral, estados efémeros, de fronteiras mal definidas, que rapidamente sucumbem à morte de um líder ou à ganância dos seus vizinhos. Praticamente, só o reino dos Visigodos, na Península Ibérica, e, sobretudo, o dos Francos, na Gália, estabelecem um poder sólido e organizado, capaz de desafiar os séculos.

A Europa viveu, pois, um longo tempo de instabilidade e violência. A crise do Império e as invasões bárbaras tiveram, sobre o mundo ocidental, efeitos devastadores (Docs. 10 e 11):

- O caos político favoreceu a anarquia e a injustiça. As leis e o Direito deixaram de ser respeitados, a autoridade legítima esbateu-se, substituída pela prepotência dos mais fortes.
- A insegurança de um longo período de guerras desestruturou a vida económica: os campos foram deixados ao abandono, as indústrias definharam, o comércio paralisou. Fomes e epidemias grassaram repetidamente, acrescentando outras mortes ao flagelo da guerra. A população diminuiu de forma acentuada.
- As cidades, alvo preferencial de pilhagens e violências, tornaram-se numa pálida imagem de si próprias. Muitos habitantes morreram,

Conceitos

Época Clássica – Também designada por Antiguidade Clássica, é uma das épocas em que, tradicionalmente, se divide a História. Compreendida entre o século V a. C. (apogeu grego) e o século V d. C. (queda do Império Romano do Ocidente), a Época Clássica identifica-se com as civilizações grega e latina.

Civilização* – Conjunto de manifestações espirituais e materiais de uma comunidade alargada num determinado tempo histórico, razoavelmente longo. As civilizações são dotadas de características próprias que as distinguem. Sendo o termo muito abrangente, permite-nos, em História, comparar diversas comunidades da mesma época ou de épocas diferentes. É assim que falamos em "civilização egípcia", "civilização chinesa" ou "civilização grega", por exemplo.

* Conceito estruturante



Questões pág. 137

DOC. 13 A conversão dos reis bárbaros



O batismo do rei dos Francos, Clodoveu (466-511), numa ilustração das *Grandes Crônicas de França*, século XIV.

Questões pág. 137

Questões

- 1 Indique os flagelos que assolavam a Hispânia em meados do século V (DOC. 10).
- 2 Explique o sentido da expressão "... submeteram-se à servidão" (DOC. 10).
- 3 Justifique o título dado ao Doc. 11.
- 4 Compare a geografia política da Europa patente no mapa (DOC.12) com a dos tempos de apogeu do Império Romano.

outros procuraram nos campos morada mais segura. O número e a importância das cidades reduziram-se drasticamente, acompanhando a quebra demográfica e a decadência económica.

- A vida cultural esmoreceu. As letras, as artes, os requintes da vida quotidiana, que marcaram a **Época Clássica**, extinguiram-se pouco a pouco. Na verdade, a Europa barbarizou-se e, apesar da admiração que os povos germânicos nutriam pela **civilização** romana, assistiu-se também a um evidente retrocesso cultural (Doc. 11 e Dussil).

Foi nesta Europa em mutação que a Igreja assumiu um papel de relevo, revelando-se uma verdadeira âncora para as populações. Com uma hierarquia rígida e uma organização eficiente, ela foi a única instituição que permaneceu sólida quando, à sua volta, tudo se desagregava. Com grande espírito de iniciativa e apostolado, iniciou a evangelização dos reinos bárbaros que, um após outro, acabou por se cristianizar. Assim, assumiu, de novo, uma posição destacada nas altas esferas do poder (Doc. 13).

Do embate violento entre o mundo romano e o mundo bárbaro resultou um tempo novo: a Idade Média. Foi um tempo profundamente diferente da Idade Clássica, cujo legado, no entanto, soube preservar e transmitir. É esse legado greco-latino, transformado e enriquecido por séculos de História comum, que confere à Europa o seu cunho civilizacional próprio e nos une a nós, Europeus, numa mesma identidade cultural.

OS BÁRBAROS VISTOS PELOS ROMANOS

Muito do que sabemos sobre os bárbaros foi-nos transmitido pelos escritores latinos que, impotentes, assistiram ao desmoronar do seu próprio mundo. Que imagem nos deixaram os Romanos dos povos invasores? Quais os aspetos que mais os impressionaram? O que distinguia o "bárbaro" do "homem civilizado"?

BOX A A ferocidade dos Hunos

O povo dos Hunos [...] excede todos os modos de ferocidade [...]. Todos eles têm membros compactos e firmes, pescoços grossos, e são tão prodigiosamente disformes e feios que os poderíamos tomar por animais bípedes [...].

São rudes no seu modo de vida, de tal maneira que não têm necessidade nem de fogo nem de comida saborosa; comem as raízes das plantas selvagens e a carne semicruda de qualquer espécie de animal que colocam entre as suas coxas e os dorsos dos cavalos para aquecer um pouco.

Vestem-se com tecidos de linho ou com as peles de ratos silvestres cosidas umas às outras, e estas servem tanto para uso doméstico como de fora. Mas uma vez que meteram o pescoço numa túnica desbotada, não a tiram ou mudam até que pelo uso quotidiano se faça em tiras e caia aos pedaços. [...] Os seus sapatos não têm forma nenhuma e por isso impedem-nos de caminhar livremente. Por esta razão não estão adaptados a lutas pedestres, vivendo quase fixados aos cavalos.

É nos seus cavalos que de dia e de noite aqueles que vivem nesta nação compram e vendem, comem e bebem e, inclinados sobre o estreito pescoço do animal, descansam num sono tão profundo que pode ser acompanhado de sonhos variados.

Ninguém entre eles lavra a terra ou toca um arado. Todos vivem sem um lugar fixo, sem lar nem lei ou uma forma de vida estabilizada, parecendo sempre fugitivos nos carros onde habitam; aí as mulheres lhes tecem as horríveis vestimentas, aí elas coabitam com os seus maridos, dão à luz os filhos e criam as crianças até à puberdade. Nenhum deles se for interrogado poderá dizer donde é natural, porque, concebido num lugar, nasceu já noutra parte e foi educado ainda mais longe.

Ammiano Marcelino, militar e historiador romano (c. 330-c. 391), em Fernanda Espinosa - *Antologia de Textos Medievais*, Lisboa, Sá da Costa, 1981

BOX B Valores e costumes dos Alanos

Quase todos os Alanos são altos e formosos, com os cabelos quase louros, um olhar terrível e perturbador, ligeiros e velozes no uso das armas. Em muito são semelhantes aos Hunos, mas na maneira de viver e nos costumes, menos selvagens. Roubando e caçando, andam de um lado para o outro. [...] Assim como para os homens sossegados e plácidos o repouso é agradável, assim eles encontram prazer no perigo e na guerra. É considerado feliz aquele que sacrificou a sua vida na batalha [...] e não existe nada de que mais se orgulhem de que matar um homem, qualquer

que ele seja: como glorioso despojo do assassinato, cortam-lhe a cabeça, arrancam-lhe a pele e colocam-na sobre seus cavalos de guerra como jaez.

Não se vê entre eles nem um templo, nem um lugar sagrado, nem mesmo se pode discernir um tugúrio com tecto de colmo, mas com um ritual bárbaro enterram no chão uma espada desembainhada e adoram-na reverentemente, como ao seu Marte, a divindade principal destas terras por onde vagueiam.

Amiano Marcelino, *cit.*



Eugène Delacroix (1798-1863), *Átila e as suas hordas bárbaras espezinham a Itália e as Artes*, detalhe da pintura do teto da biblioteca do Palácio da Assembleia Nacional Francesa.

Doc. C Ambições do rei dos Godos

O rei Ataúlfo era então o rei do povo godo. Depois da invasão da cidade (410 d. C.) e da morte de Alarico tomou por esposa, como já disse, a irmã do imperador, Placídia, que estava prisioneira, e sucedeu a Alarico na direção do reino. O rei, como muitas vezes ficou dito [...], desejava servir fielmente o imperador Honório e consagrar as forças dos Godos à defesa da República romana. [...] Tinha inicialmente desejado com ardor apagar o nome romano e fazer de todo o território um império de Godos

[...]. Mas a sua muita experiência provava-lhe que os Godos eram absolutamente incapazes de obedecer às leis por causa da sua barbárie desenfreada. Ora, como não se podem suprimir, numa república, as leis [...], preferiu glorificar-se [...] erguendo o nome romano com as forças dos Godos, para aparecer à posteridade como o restaurador do Império Romano.

Paulo Orósio, historiador e teólogo (c. 385-c. 420)
- *Historiarum adversus Paganus*

Doc. D O convívio com os Borguinhões

Poeta e alto funcionário da Gália Romana, Sidónio Apolinário é obrigado a conviver com os Germanos invasores.

Como queres que eu faça, conforme me pediste, o hino em honra de Vénus? Pois se vivo no meio de hordas cabeludas, não ouço falar senão germânico; aplaudo, com ar sombrio, o que canta o Borguinhão, com os cabelos untados de ranço, no meio da embriaguez. [...] Felizes os teus olhos, os teus ouvidos, o teu nariz, porque todas as manhãs dez grosseirões me invadem com o cheiro do alho e da cebola. Tu não és forçado, como eu, a receber, de madrugada, todos estes gigantes, tão numerosos que não caberiam na cozinha de Alcino¹.

Sidónio Apolinário (c. 430-c. 480), em Robert Fossier - *Histoire Sociale de l'Occident médiéval*, Paris, Armand Colin, 1970

¹ Rei dos Faécios, país fantástico que figura na Odisseia de Homero.

Doc. E Guerreiros em tempos de guerra

1. Um soldado romano subjugando dois bárbaros no decurso de uma batalha, por menor do sarcófago Ludovisi, século III (veja esta imagem na p. 126).



2. Um guerreiro franco, numa lápide tumular germânica do século VII.

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

1. Indique quatro aspetos que, de acordo com o autor, atestam a "rudeza do modo de vida" dos Hunos [Doc. A].
2. Parece-lhe que Delacroix teve em conta a descrição que Amiano Marcelino faz dos Hunos para recriar a imagem de Átila? Fundamente [Doc. A].
3. Relativamente aos efeitos culturais das incursões bárbaras, o que deixa transparecer o título da pintura de Delacroix?
4. Compare o aspeto físico dos Alanos com os Hunos [Docs. A e B].
5. No que se refere ao "modo de vida", o que têm os dois povos em comum [Docs. A e B]?
6. Que comportamentos mostram a barbárie dos Alanos [Doc. B]?
7. Dos dois povos considerados, qual é descrito como sendo o mais feroz [Docs. A e B]?
8. Segundo Paulo Orósio, que característica dos Godos é o reflexo da sua "barbárie desenfreada" [Doc. C]?

9. Que aspetos critica Sidónio Apolinário aos Borguinhões [Doc. D]?

10. Observe as duas imagens [Doc. E].

- O que distingue o romano dos bárbaros [Fig. 1]?
- Que elemento se destaca na representação do guerreiro franco [Fig. 2]?
- Como avaliaria a técnica dos artistas que executaram cada um dos relevos [Figs. 1 e 2]?

SÍNTESE

11. Sabendo que os Romanos contrapunham a *humanitas*¹ do Homem civilizado à *ferocitas*² do Homem bárbaro, enumere os aspetos que, sob o prisma romano, atestam a ferocidade dos bárbaros.

¹ *Humanitas* – conjunto de qualidades que fazem o Homem superior aos animais; o espírito humano; os sentimentos humanos; a cultura; o refinamento.

² *Ferocitas* – arrebatamento; impulso; violência.

3

O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança

O império universal romano-cristão

- É na **Palestina**, em pleno Império Romano, que **nasce o cristianismo**, religião monoteísta que marcará profundamente o mundo ocidental.
- Progressivamente, a **nova religião espalha-se pelo Império** e suscita o **repúdio das autoridades romanas** que veem nela uma doutrina perigosa, capaz de abalar a estrutura social romana, o culto dos deuses tradicionais e mesmo a autoridade do imperador.
- Mas, apesar das perseguições que lhe são movidas, o **cristianismo triunfa**; em 313, recém-convertido, o imperador Constantino concede-lhe inteira liberdade de culto; em 380, Teodósio declara-o a única religião do Império, proibindo que se honrem os antigos deuses pagãos. O **Império Romano tornou-se um império cristão**.
- Esta **mudança religiosa** reflete-se em todas as esferas da vida, do poder político às manifestações culturais, e **transforma profundamente o mundo romano**.
- Fator de mudança, a **Igreja** será, também, um **veículo transmissor do legado clássico**: a ideia de uma autoridade política forte, os fundamentos do Direito, o discurso filosófico, imagens e rituais, entre outros aspetos, foram apropriados pela Igreja Cristã, que, bem organizada, se tornou o pilar do Ocidente nos séculos seguintes.

O fim do mundo antigo

- Os **séculos IV e V** que marcam o triunfo do Cristianismo são também aqueles em que se **desmorona o poder romano**.
- Uma **grave crise interna** abala a autoridade do imperador e a organização do exército, que se mostra fraco perante os povos bárbaros que, do exterior, o ameaçam.
- Numa tentativa de melhor defender as suas extensas fronteiras, o **Império divide-se**, definitivamente, em 395: o **Ocidente** terá a capital em Roma ou em Ravena; o **Oriente**, na cidade de Constantinopla.
- Porém, todas as soluções se revelam infrutíferas face ao ímpeto dos invasores, que, numa avalanche, percorrem e devastam o espaço romano.
- Enquanto Constantinopla resiste, **no fim do século V já nada resta do Império do Ocidente**. Pouco a pouco, diversos reinos bárbaros nascem no seu território: à unidade do mundo romano sucede o **fracionamento da Europa**, que se mantém até aos nossos dias.
- A queda do Império do Ocidente representou o **fim da Civilização Greco-Latina**, dando origem a uma outra época da História, a **Idade Média**.

Síntese esquemática



- ALARCÃO, Jorge – *História da Arte em Portugal*, Barcelona, Publicações Alfa, vol. I, 1986.
- Portugal Romano*, Lisboa, Edições Verbo, 1987.
- ALARCÃO, J.; MAYET, F. e NOLEN, J. – *Ruínas de Conímbriga*, IPPAR, 1995.
- ARIÈS, Ph. e DUBY, G. – *História da Vida Privada*, Lisboa, Círculo de Leitores, vols. 1 e 2, 1991.
- BANDINELLI, Ranuccio Bianchi – *Rome, Le Centre du Pouvoir*, Paris, Gallimard, 2010.
- BARATA, Maria Filomena – *Miróbriga, Ruínas Romanas*, Lisboa, IPPAR, 2001.
- CARPENTIER, J. e LEBRUN, F. – *História da Europa*, Lisboa, Ed. Estampa, 1993.
- CHRISTOL, Michel e NONY, Daniel – *Roma e o seu Império, das Origens às Invasões Bárbaras*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- COMTE, Fernand – *Dicionário Temático Larousse, Civilização Cristã*, Mem Martins, Círculo de Leitores, 2000.
- FABIÃO, Carlos – *A Herança Romana em Portugal*, Lisboa, CTT – Clube do Colecionador dos Correios, 2006.
- FERREIRA, José Ribeiro – *Democracia na Grécia Antiga*, Coimbra, Livraria Minerva, 1990.
- FEVRIER, Paul Albert (dir.) – *História Universal*, Lisboa, Publicações Alfa, vol. I, 1985.
- FREDOUILLE, Jean-Claude – *Dicionário Temático Larousse, Civilização Romana*, Mem Martins, Círculo de Leitores, 1999.
- FREITAS, Gustavo – *900 Textos e Documentos de História*, Lisboa, Plátano Editora, vol. I, 1975.
- FINLEY, Moses I. – *Democracia Antiga e Moderna*, São Paulo, Graal Editores, 1988.
- GIARDINA, André – *O Homem Romano*, Lisboa, Ed. Presença, 1992.
- GIORDANI, Mário Curtis – *História de Roma*, Petropolis, Ed. Vozes, 1990.
- GRIMAL, Pierre – *A Civilização Romana*, Lisboa, Ed. 70, 1998.
- HAUSCHILD, Theodor e TEICHNER, Felix – *Milreu. Ruínas*, IPPAR, 2002.
- JANSON, H. W. – *A Nova História da Arte*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 2010.
- KITTO, H. D. F. – *Os Gregos*, Coimbra, Arménio Amado Editor, 1960.
- LIBERATI, Ana Maria e BOURBOV, Fabio – *Rome, Splendors of an Ancient Civilization*, Londres, Thames & Hudson, 2005.
- LÉVQUE, Pierre – *L'Aventure Grecque*, Paris, Ed. Armand Colin, 1990.
- LIVET, G. e MOUSNIER, R. (dir.) – *História Geral da Europa*, Mem Martins, Publicações Europa-América, vol. I, 1996.
- MANCINELLI, Fabrizio – *The Catacombs of Rome and the Origins of Christianity*, Itália, Scala, 2001.
- MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.º vol., 1992.
- MEDINA, João (dir.) – *História de Portugal*, Amadora, Clube Internacional do Livro, vol. II, 1996.
- MOORE, R. I. (dir.) – *Atlas Histórico*, Lisboa, Publicit Editora, 1984.
- MOSSÉ, Claude – *As Instituições Gregas*, Lisboa, Ed. 70, 1985.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha – *Estudos da Cultura Clássica*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, vols. I e II, 1998.

- Hélade – *Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1998.
- Romana – *Antologia da Cultura Latina*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2000.
- PERRIN, Yves – *Rome, Ville et Capitale*, Paris, Hachette, 2001.
- PETIT, Paul – *A Paz Romana*, São Paulo, EDUSP, 1989.
- RACHET, Guy – *Dicionário Temático Larousse, Civilização Grega*, Mem Martins, Círculo de Leitores, 1999.
- RODRIGUES, Pedro C.; RODRIGUES, Célia; SAMPAIO, Cristina; CABRITA, Assunção – *Atlas da Europa, a Geografia do Continente Através dos Tempos*, Público, 2001.
- ROLDAN, José Manuel – *El Império Romano (siglos I-III)*, Madrid, Ed. Cátedra, 1995.
- ROSTOVITZ, M. – *História de Roma*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
- SPIVEY, Nigel e SQUIRE, Michael – *Panorama del Mundo Clásico*, Barcelona, Blume, 2005.
- STIERLIN, Henri – *A Grécia – de Micenas ao Partenon*, Colónia, Taschen, 1997.
- O Império Romano – dos Etruscos ao Declínio do Império Romano*, Colónia, Taschen, 1997.
- TEIXEIRA, António Estrela – *A Herança de Roma, Conhecer a Europa*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2001.
- TOURALT, Philippe – *História Concisa da Igreja*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1996.
- VIDAL-NAQUET, P. e BERTIN, J. – *Atlas Histórico – da Pré-História aos Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007.
- YANGAS, Narciso Santos – *Textos para la História Antiga de Roma*, Madrid, Ed. Cátedra, 1986.

Muita da documentação apresentada resulta de traduções feitas pelas autoras a partir de obras estrangeiras e de sites da Internet.